

MARTA MARIA GONÇALVES RIGUEIRA

**RELAÇÕES SUBJETIVAS ENTRE IDOSAS INSTITUCIONALIZADAS E SEUS
OBJETOS AFETIVOS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS - BRASIL
2019

Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da
Universidade Federal de Viçosa - Campus Viçosa

T

R572r
2019 Rigueira, Marta Maria Gonçalves, 1963-
Relações subjetivas entre idosas institucionalizadas e seus objetos
afetivos / Marta Maria Gonçalves Rigueira. - Viçosa, MG, 2019.
vi, 128f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Orientador: Rita de Cássia Pereira Farias.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.
Referências bibliográficas: f.120-128.

1. Idosas. 2. Subjetividade. 3. Afeto (Psicologia). I. Universidade
Federal de Viçosa. Departamento de Economia Doméstica. Programa
de Pós-Graduação em Economia Doméstica. II. Título.

CDD 22 305.262

MARTA MARIA GONÇALVES RIGUEIRA

**RELAÇÕES SUBJETIVAS ENTRE IDOSAS INSTITUCIONALIZADAS E SEUS
OBJETOS AFETIVOS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 15 de março de 2019.



Eveline Torres Pereira



Maria da Conceição Aparecida Pereira Zolnier



Rita de Cassia Pereira Farias
(Orientadora)

Aos Amores que a Vida me deu de Presente, dedico.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida.

A minha família, pelo amor, presença e apoio.

À Universidade Federal de Viçosa - UFV e ao Departamento de Economia Doméstica, pelo incentivo à pesquisa e pelo espaço de aprendizagem e convivência.

À CAPES, pelo financiamento da pesquisa.

A minha orientadora, Profa. Dra. Rita de Cássia Pereira Farias, pela oportunidade de pesquisa e orientações.

Aos membros da banca da defesa de projeto desta pesquisa, Profa. Dra. Lílian Perdigão e Profa. Dra. Eveline Torres Pereira, pela contribuição na construção dos propósitos de investigação deste estudo.

Aos membros da banca de defesa desta dissertação, Profa. Dra. Eveline Torres Pereira e Profa. Dra. Maria da Conceição Aparecida Pereira Zolnier, e ao debatedor, Prof. Sérgio Domingues, que aceitaram participar e contribuir para o aprimoramento deste estudo.

Aos colegas de curso, professores e servidores do PPGED, pelas contribuições durante a realização do Mestrado.

Aos sujeitos de pesquisa, que aceitaram compartilhar suas histórias, e à Instituição de Longa Permanência, que abriu as portas para este estudo. Sem eles, não seria possível o percurso investigativo.

A todos que estiveram ao meu lado e, assim, contribuíram na construção desta jornada na busca (contínua e que movimenta a minha vida) pelo conhecimento, agradeço.

RESUMO

RIGUEIRA, Marta Maria Gonçalves, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, março de 2019. **Relações subjetivas entre idosas institucionalizadas e seus objetos afetivos.** Orientadora: Rita de Cássia Pereira Farias.

O estudo apresenta uma análise das relações subjetivas de cinco idosas institucionalizadas com os seus objetos afetivos. Os dados foram coletados por meio de entrevistas que ofereceram as narrativas usadas para compor o estudo de caso. Entretanto, uma participante revelou grave sofrimento psíquico e, por isso, com essa participante, além das entrevistas, foi utilizada metodologia da pesquisa-ação em Psicologia, quando a pesquisadora, que também é psicóloga, ofereceu escuta clínica e instrumentos psicoterápicos, visando amenizar a dor emocional. A análise das narrativas das idosas da Instituição de Longa Permanência (ILP) apresentadas neste trabalho aponta para a relação entre as pessoas e seus objetos afetivos, trazendo elementos que subsidiam a compreensão de processos psíquicos de alta complexidade. Além do mais, o estudo mostrou que a metodologia de estudo de caso sozinha, em alguns momentos, pode não ser suficiente para compreender a subjetividade das pessoas, uma vez que, para uma das participantes, foi necessário disponibilizar tempo de escuta e reorganização dos métodos, contemplando sua individualidade e peculiaridades. Apesar disso, a metodologia possibilitou desvelar as características das relações e interações pessoa-objeto, considerando seus conteúdos intrínsecos e as peculiaridades de cada indivíduo. Como resultado das análises, foi observado que cada pessoa pode possuir percepções e simbolismos diferentes de um mesmo objeto, tendo em vista suas trajetórias e experiências. Dessa forma, para alcançar o objetivo principal deste estudo, foi fundamental percorrer a história de vida das participantes após ter sido observado que a compreensão dos sentidos atribuídos à aquisição, manutenção e manuseio dos objetos pode ser alcançada a partir de eventos ocorridos no passado de cada uma delas. Para tal, fez-se pertinente desvelar artifícios mantidos em suas memórias e lembranças, revelando suas subjetividades. Por fim, a pesquisa permitiu realizar uma reflexão acerca da velhice e do envelhecimento, centrando-se nos diversos aspectos que permeiam o processo de institucionalização, sobretudo a manutenção da individualidade no âmbito asilar.

ABSTRACT

RIGUEIRA, Marta Maria Gonçalves, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, March, 2019.
Subjective relations between institutionalized elderly women and their affective objects.
Advisor: Rita de Cássia Pereira Farias.

The study presents an analysis of the subjective relations of five institutionalized elderly women with their affective objects. Data were collected through interviews that provided the narratives used to compose the case study. However, one participant revealed severe emotional suffering and, with this participant, in addition to the interviews, a methodology of action research in Psychology was used, when the researcher, who is also a psychologist, offered clinical listening and psychotherapeutic instruments, aiming to ease the emotional pain. The analysis of the narratives of the elderly of the Institution of Long Stay (ILS), presented in this study, point to the relationship between people and their affective objects, bringing elements that support the understanding of high complexity psychological processes. Moreover, the study showed that the case study alone, in some moments, may not be enough to understand people subjectivity, since, for one participant, it was necessary to provide listening time and methodology reorganization, contemplating their individuality and peculiarities. In spite of that, the case study allowed to unveil the characteristics of the relations and interactions person-object, considering its intrinsic contents and the peculiarities of each individual. As a result of the analyses, it was observed that each person can have different perceptions and symbolisms of the same object, taking into account their trajectories and experiences. Thus, in order to reach the main objective of this study, it was fundamental to review the life history of the participants after it was observed that the understanding of the meanings attributed to the acquisition, maintenance and handling of the objects can be reached taking into consideration events occurred in their past. For that, it became relevant to unveil artifacts kept in their memories and recollections, thus scrutinizing their subjectivities. Finally, the research allowed us to reflect on old age and the aging process, in addition to the various possibilities that permeate the process of institutionalization, especially the maintenance of individuality within the asylum sphere.

SUMÁRIO

| | | |
|-----|--|-----|
| 1 | INTRODUÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO..... | 1 |
| 1.1 | A construção do objeto de estudo | 12 |
| 1.2 | Memória e a sua relação com os objetos afetivos | 14 |
| 2 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS..... | 20 |
| 2.1 | Caracterização da pesquisa..... | 20 |
| 2.2 | O campo empírico e as participantes da pesquisa | 21 |
| 2.3 | Instrumentos de coletas e análise dos dados | 23 |
| 2.4 | Organização da Dissertação | 28 |
| 3 | DONA MAJÚ: OBJETOS PROTETORES E OBJETOS PROTEGIDOS..... | 30 |
| 3.1 | Relação subjetiva de Dona Majú com os seus objetos afetivos | 41 |
| 4 | DONA DOLORES: OBJETOS EMBALADOS PARA RETORNAR AO LAR..... | 47 |
| 4.1 | A relação subjetiva de Dona Dolores com os seus objetos afetivos..... | 53 |
| 5 | DONA LOURDINHA: OBJETOS UTILITÁRIOS..... | 62 |
| 5.1 | Objetos afetivos de Dona Lourdinha e suas relações pessoais e sociais | 68 |
| 6 | DONA ESTELA: OBJETOS GUARDADOS SOB CHAVES..... | 74 |
| 6.1 | Relação subjetiva de Dona Estela com os seus objetos afetivos | 89 |
| 7 | DONA HELENA: OBJETOS IMAGINÁRIOS QUE O FOGO NÃO APAGOU | 95 |
| 7.1 | A relação subjetiva e simbólica de Dona Helena com os seus objetos afetivos..... | 100 |
| 8 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 109 |
| 9 | REFERÊNCIAS | 120 |

1 INTRODUÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO

O que define o sentido e o valor da velhice é o sentido atribuído pelos homens à existência, é o seu sistema global de valores. E vice-versa: segundo a maneira pela qual se comporta para com seus velhos, a sociedade desvenda, sem equívocos, a verdade – tantas vezes cuidadosamente mascarada – de seus princípios e de seus fins. (Simone de Beauvoir, 1970, p. 97)

A população de pessoas idosas no Brasil vem crescendo substancialmente desde a década de 1970. Os dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2010) confirmam o crescimento de seis vezes o número de idosos nos últimos 50 anos. Em 1960, havia 3,3 milhões (4,7%) de brasileiros com idade igual ou superior a 60 anos. Em 2010, esse número aumentou 20,5 milhões (10,8%). Esse expressivo aumento é consequência do avanço da medicina, da ciência e da melhoria da qualidade de vida (IBGE, 2010). As estimativas apontam que, em 2025, o Brasil será o sexto em número de idosos, quando deverá chegar a 32 milhões de pessoas com 60 anos ou mais.

Carvalho e Garcia (2003) relatam que há alterações nas classificações referentes aos idosos em diferentes países e sociedades. Dessa forma, o processo de envelhecimento precisa ser contextualizado no tempo e espaço para ser compreendido em suas especificidades, uma vez que a velhice é uma experiência vivenciada de forma não homogênea, em função de gênero, etnia, religião e classe social – elementos que variam de uma cultura para a outra ou até mesmo dentro de uma mesma cultura. Ou seja, em uma única sociedade, sempre será possível observar as oscilações que fazem parte do dinamismo que permeiam a cultura. Nesse sentido, há uma pluralidade de perspectivas na derradeira fase da vida, não sendo possível, portanto, falar que existe idoso, e, sim, idosos, ou ainda, que existe velhice, e, sim, velhices (VERAS, 2001).

Na perspectiva de Alcântara (2003), a velhice, assim como outras fases da trajetória de vida, é uma categoria socialmente produzida, que abarca dimensões sócio históricas. Portanto, a velhice é passível de compreensão se observada nessas especificidades contextuais, que vão além das características subjetivas e fisiológicas comumente vistas nessa etapa da vida.

Py (2006) defende que o processo de envelhecimento deve ser entendido como multifacetado, complexo e situado no tempo e no espaço, e que o envelhecer saudável não pode ser visto como um fator de sorte do idoso, mas, sim, como uma condição esperada e de direito. Segundo a autora, o processo de envelhecimento do corpo é peculiar à individualidade

de cada ser, não sendo sinônimo de adoecimento nem de chegada da morte. Assim, tanto a sociedade quanto o grupo familiar precisam conhecer o processo do envelhecimento como uma questão voltada para os interesses e necessidades do próprio idoso, o que varia de indivíduo para indivíduo. Além disso, os idosos podem se apegar a lembranças persistentes de um passado de amarguras e ressentimentos ou saudades, que só podem agravar uma rotina empobrecida e sem sentido pelo envelhecimento (AZAMBUJA, 1995).

Diante das formas diversas de se viver e perceber essa fase da vida, não é possível compreendê-la sem considerar que o indivíduo é particular. Em um mesmo grupo de idosos, institucionalizados ou não, pode haver apatia, comodismo, desânimo, ou vontade de viver, alegria e busca por novas conquistas, dependendo das histórias e das formas de ver o mundo apresentados por cada um.

Para Rey (2002), a velhice, como última fase da vida, envolve um fenômeno contínuo, constituído pelas diversas e diversificadas relações que os indivíduos estabelecem nas suas interações sociais ao longo de sua trajetória de vida. Por ter vivido muitos anos, os idosos são portadores de uma longa história, marcada por múltiplas possibilidades relacionais que eles experimentam no decorrer das suas interações familiares, profissionais e sociais, bem como consigo mesmos.

Numa perspectiva semelhante, Meirelles (2000) afirma que o envelhecimento começa com o início da vida, sendo então definido como um processo dinâmico e progressivo, no qual acontecem mudanças significativas no corpo. No envelhecer, acontecem, portanto, modificações tanto morfológicas como funcionais, bioquímicas e psicológicas, que indicam a constante perda da capacidade de adaptação dos indivíduos ao meio em que vivem, levando-os a maior incidência de processos patológicos que culminam com a morte.

Corroborando com essa ideia, Pinto (2009) ressalta que as pessoas idosas, devido às efetivas mudanças físicas que experimentam, tendem a sofrer mais perdas, como o declínio da saúde física, o afastamento do mercado de trabalho, a perda de papéis sociais e do convívio com os pares e familiares. Assim, a rede de apoio e o convívio com outras pessoas podem ser um importante e indispensável instrumento para a saúde dos idosos. Dessa forma, o fenômeno de envelhecimento traz consigo inúmeras consequências tanto sociais quanto biológicas, e principalmente, na saúde dessa população.

Rey (2002) aponta que a constatação da proximidade da morte pode gerar nos idosos um nível maior de consciência acerca do significado da vida. Nessa reflexão, o autor aponta que a memória é uma função psicológica superior fundamental, porque serve como

instrumento para que o idoso reflita sobre o seu passado, construa o seu presente e projete o seu futuro, mesmo diante da iminência da morte.

Contribuindo com a visão do envelhecimento, Azambuja (1995) aponta que a velhice não precisa ser necessariamente um tempo de declínio e decadência, mas, se saudável, uma fase natural da existência humana, com possibilidades de realização, renovação e mudanças, com a descoberta de potencialidades, prazer e alegria.

Nessa perspectiva, Debert (1999) menciona o surgimento de uma nova categoria cultural de idosos que se tornam autores da própria vida, atuando de forma mais participativa na sociedade. Assim, a velhice pode ser um tempo propício a novas aquisições e conquistas, como prazer pessoal, bem-estar físico e mental.

Sobre esse assunto, o Conselho Federal de Psicologia (CFP), em 2008, orientou os psicólogos para a necessidade de um olhar cuidadoso e profissionalizado para com a pessoa idosa, por considerar que, nessa fase da vida, existem especificidades a serem observadas com o intuito de se resguardar sua saúde. Nesse contexto, publicou a sua obra *Envelhecimento e subjetividade: desafios para uma cultura de compromisso social*, com amplas informações e direcionamentos voltados para o trabalho do profissional da Psicologia. Oportunamente, o CFP (2008) ressaltou que a Declaração Universal dos Direitos Humanos se preocupou com os direitos humanos dos idosos ao estabelecer, em seu Art. 25:

Toda pessoa tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e à sua família bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e serviços sociais indispensáveis e direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência fora de seu controle (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2008, p. 16).

Ainda no sentido de amparar a visão profissional dos psicólogos, o CFP (2008) expandiu o tema, informando que, no Brasil, o Estatuto do Idoso (2003), em perfeita harmonia com os princípios da Declaração Universal dos Direitos Humanos, estabeleceu linhas de ação para a política de atendimento à pessoa idosa, assinalando, no Art. 8º: “O envelhecimento é um direito personalíssimo e a sua proteção um direito social.” E, no Art. 9º, afirmando: “É obrigação do Estado garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam seu envelhecimento saudável e em condições de dignidade.” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2008, p. 19).

A discussão em torno do tema envelhecimento necessita abarcar a reflexão sobre a família enquanto instituição e, ainda, sobre as demandas que possam emergir nesse núcleo, em torno do cuidado e, conseqüentemente, na institucionalização das pessoas idosas. Nesse processo, é importante refletir sobre a relação dos idosos com suas famílias e as possíveis demandas de terceirização do cuidado, que podem levar ao processo de institucionalização. Giraldi e Waideman (2007, p. 7) discorrem que, “na sociedade contemporânea, a família é uma instituição extremamente forte, que interfere tanto no funcionamento social como em todo quanto na formação de cada indivíduo”.

Maluf (2010) relata que a família é uma criação muito antiga, que vem passando por inúmeras mudanças no decorrer do tempo. A família já foi considerada extensa, quando agrupava maior número de pessoas, e, com isso, proporcionava encontros geracionais e maior probabilidade do cuidado entre os seus pares.

Entretanto, Alcântara (2003) afirma que o modelo familiar contemporâneo aponta para núcleos cada vez menores, não sendo mais possível garantir os encontros geracionais no âmbito familiar, acarretando inevitável impacto no cuidado. Outro fator determinante que interfere no cuidado dos vulneráveis no núcleo familiar se dá com a inserção da mulher no mercado de trabalho, pois, historicamente, ela é vista como a “cuidadora natural” na família. No entanto, muitas vezes, a vida profissional a afasta desse papel.

Além disso, a família pode não contar com recursos para pagar um profissional ou dispor de outros membros para administrar o cuidado no seu núcleo. A situação pode se agravar se a pessoa for solteira, sem filhos ou viúva. Há ainda aqueles idosos que optam livremente por desfrutar dessa fase da vida na Instituição de Longa Permanência (ILP). Assim, a institucionalização torna-se uma opção (às vezes, a única) para as famílias destinarem os seus idosos. Essa situação mostra que existe, na contemporaneidade, uma necessidade de se deslocar para outrem o cuidado que já foi de cunho exclusivamente familiar. Diante dessa realidade, Alcântara (2003, p. 9) considera que:

Em face dos novos arranjos e do número reduzido de membros na família, envelhecer junto a esta é um desafio, visto que a sociedade moderna, movida pelo mundo do trabalho, não tem tempo para conviver com os velhos. O espaço doméstico é restrito apenas ao casal e a um ou mais filhos. As mulheres, que antes cuidavam dos filhos, pais e avós, foram absorvidas pelo mercado de trabalho e, assim, esses cuidados foram transferidos às creches e aos asilos.

Em consonância, Hareven (1999) esclarece que a institucionalização promove forte impacto para os idosos e para as famílias que fazem a opção de transferir o cuidado deles a

outros. Essa mudança pode proporcionar a segregação dos grupos de idade fora do âmbito familiar, levando os velhos à exclusão das suas funções e dos exercícios dos seus papéis familiares.

Nesse sentido, Alcântara (2003) alerta que pode ser conflituoso romper com a rotina familiar e ser submetido a normas contidas na instituição que, normalmente, se diferem do estilo de vida constituído no âmbito familiar. Assim, a pessoa pode compreender que as suas experiências passadas já não mais representam um referencial para si.

A institucionalização pode ainda ser uma escolha própria dos idosos que possuem dificuldades de se manter independentes ou necessitam de cuidados médicos ou se sentem solitários. Portanto, com a crescente demanda do cuidado terceirizado para os idosos, cresce, substancialmente, o número de instituições especializadas em oferecer esse serviço (GONÇALVES, 2017).

Se, por um lado, a Instituição de Longa Permanência contribui para o acolhimento e assistência ao idoso, por outro, pode impossibilitar o contato social externo, caracterizando-se como um confinamento social, restrito apenas à vida institucionalizada ao romper com os elos familiares e sociais (ARAÚJO; COUTINHO; SANTOS, 2006).

Os autores mencionam ainda que o termo confinamento social pode parecer denso ou radical quando se faz referências aos asilados. Entretanto, é comum relatos de idosos que reclamam, diante da situação de institucionalizados, da ausência parcial ou total do convívio com os seus familiares.

Camurano e Kanso (2010) destacam que, nos países em desenvolvimento, assim como no Brasil, a ILP se caracteriza como residência coletiva para pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com a função de integrar as redes de assistência social e de saúde. A ILP é relacionada ao asilo, que, no passado, atendia a população pobre, oferecendo moradia, alimentação e vestuário.

As instituições asilares têm o papel desafiador do cuidado, notadamente no que se refere ao afastamento dos idosos de suas famílias, que amenize os prováveis sofrimentos que possam surgir diante da institucionalização, ainda que favoreça a melhoria na qualidade de vida do público assistido.

Sobre esse assunto, Camargos, Rodrigues e Machado (2011) mencionam que a ILP se caracteriza como residência coletiva que acolhe tanto idosos independentes, que não possuem renda ou família, quanto aqueles que apresentam dificuldades para gerenciar suas atividades diárias e necessitam de cuidados prolongados.

Na sua contribuição acerca do processo de envelhecimento, Papalia (2010) menciona que a proximidade do fechamento do ciclo vital pode trazer tanto a situação de aceitação quanto a de não aceitação desse estágio da vida.

A não aceitação da trajetória de vida que culmina na morte pode passar, antes, por momentos de dificuldades, cada vez mais intensas nos campos motor e cognitivo. O idoso pode obter uma série de patologias ou até mesmo intensificar algumas que, por ventura, já possuía. Nesse sentido, Erikson (1998) menciona que a velhice culmina na oitava e última etapa da vida do indivíduo¹, quando a pessoa precisa avaliar e aceitar a sua condição atual, caso contrário, a não aceitação pode levá-la ao desespero. “É a aceitação pela pessoa do seu único ciclo vital e daqueles que se tornaram significantes para ela como algo que tinha de ser e que, necessariamente, não permite substituição.” (ERIKSON, 1972, p. 140).

Ampliando a discussão, Erikson (1998) menciona que, ao se olhar para trás e ao se fazer esse retrospecto, pode se ter uma sensação positiva ou negativa. Se o idoso considerar que as escolhas foram positivas, terá maior chance de se aceitar enquanto indivíduo que se aproxima da sua finitude. Caso contrário, poderá se mostrar como alguém insatisfeito, rígido e estagnado, que não aceita a sua situação.

Nessa perspectiva, Papalia (2010, p. 647) ressalta que aqueles que têm uma visão negativa do seu retrospecto poderão ser vistos como “pessoas que vivem em eterna nostalgia,

¹ Etapas de vida segundo Erick Erikson (1998): Primeira: Confiança Básica *versus* desconfiança básica. Esta etapa se inicia com o nascimento do indivíduo; Segunda: Autonomia *versus* Vergonha e dúvida. Época em que a criança adquire o controle motor, que lhe permite reter e expulsar as fezes voluntariamente; Terceira: Iniciativa *versus* culpa. Nesta fase, a criança já é capaz de se movimentar mais livremente, da mesma forma que sua linguagem também se aperfeiçoa; Quarta: Diligência *versus* inferioridade. Esta etapa se configura pelo interesse da criança no que se refere à aprendizagem; Quinta: Identidade *versus* confusão de identidade. Fase em que a calmaria dos impulsos sexuais, ocorrida no período de latência, chega ao fim, quando a puberdade traz à tona a genitalidade, anunciando uma nova fase psíquica e social para o ser humano: a adolescência. Sexta: Intimidade *versus* isolamento. Essa etapa envolve o que se refere a relações sexuais satisfatórias, mas também vai além disso, abarcando as relações de amizade e confiança no outro; Sétima: Generatividade *versus* estagnação. Momento em que a generatividade se refere a “preocupação em estabelecer e orientar a geração seguinte.”; Oitava: Integridade *versus* desespero. Esta é a última fase descrita por Erikson, se dando com o amadurecimento conseguido com a idade. Embora o autor tenha apresentado o ciclo de vida em oito etapas, após a sua morte, a sua esposa, Joan M. Erikson, publicou a obra *O ciclo de vida completo*, contemplando a nona etapa da vida, denominada Gerotranscendência. Aprofundando os conteúdos teóricos de Erikson, a geratividade (Gerotranscendência) pode ser compreendida, dentro do processo do desenvolvimento humano, como a nona e última fase da vida. Segundo Arantes, Pinheiro & Amando (2019), a geratividade é apontada como reflexão saudável do envelhecimento e diz respeito ao legado que a pessoa idosa deixará para as futuras gerações, com base em dois elementos: o primeiro, com características internas, que correspondem a uma tendência de garantir simbolicamente a própria imortalidade do sujeito; o segundo, com características externas à pessoa, vista como tradução de uma expectativa social de transmissão e continuidade cultural. A partir desses dois elementos, surgem sentimentos relacionados à preocupação com o bem-estar próprio, da próxima geração e da humanidade, de forma geral.

angústia excessiva, melancolia e tristeza com a chegada da sua velhice, não se conformando ou aceitando o fechamento do ciclo vital”.

Temas como o convívio com os pares, o envelhecimento esperado na trajetória humana, bem como a morte fazem parte do cotidiano dos idosos, com os quais muitos têm dificuldades para lidar (VERAS, 2001). Desse modo, Erikson (1998), Papalia (2010) e Veras (2001) promovem reflexões acerca dos investimentos emocionais necessários no tempo de envelhecimento como recursos cruciais para a qualidade dessa etapa de vida. Embora seja esperado que ocorram déficits nas condições corpóreas dos idosos, é importante vê-los de maneira holística, considerando-os como pessoas capacitadas para uma vida plena e satisfatória desde que recebam incentivo emocional necessário para tal.

O idoso institucionalizado, afastado do convívio de sua família, percebe, de maneira ímpar, a sua inserção no ambiente asilar. A sua forma de se ver no mundo e a sua percepção sobre a sua própria condição enquanto idoso apontam para respostas diferentes entre sujeitos da mesma faixa etária, presentes na ILP, devido à sua subjetividade e à história de vida de cada um. Diante dessa realidade, faz-se necessária a compreensão dos idosos sobre o próprio processo de institucionalização bem como enquanto seres subjetivos e identitários (PY, 2004).

Rey (2005) alerta ainda que os processos subjetivos do envelhecer não se desenvolvem abruptamente, mas se iniciam com o início da vida, haja vista que, a partir do momento da concepção, com a formação de um novo ser, este se encontra marcado por contínuas mudanças até o final da vida. Nesse caso, a temporalidade é vista como um aspecto da constituição da subjetividade, que surge a partir de vivências, imaginários, relações e afetividades que devem ser compreendidos na sua historicidade.

Com o asilamento, os idosos que construíram a sua subjetividade ao longo de sua trajetória de vida, diante da realidade da perda do convívio familiar, poderão romper parcial ou totalmente com as suas aquisições subjetivas, já que terão uma forma diferenciada de convívio com pessoas em um local até então estranho a eles. Quando vão para a ILP, a nova residência coletiva, eles carregam as suas individualidades, subjetividades e identidades adquiridas no contexto social e familiares, passando, muitas vezes, por complexo processo de adaptação à nova realidade asilar.

Como o sujeito é portador de individualidade, existem formas diversas de se encarar a velhice. Por consequência, em um mesmo grupo de idosos institucionalizados, que recebe o mesmo estímulo social, pode haver sujeitos que se sintam bem integrados no ambiente e outros que se sintam sem pertencimento ao local e às relações que ele proporciona.

Desta feita, torna-se relevante refletir sobre a individualidade à luz dos conteúdos identitários dos seres humanos. Os processos de construções de identidade dos idosos mereceram caráter prioritário neste estudo, pois estão atrelados à individualidade e às particularidades subjetivas das participantes da pesquisa.

Nesse sentido, Ciampa (1984) e Hall (2006) defendem que o ser humano, enquanto sujeito subjetivo, vai “moldando ou modelando” o seu ser, promovendo ajustes e aquisições ao longo da sua trajetória de vida. Ele pode e deve mudar de preferências, gostos, crenças, opiniões e posturas, sendo que tudo isso está diretamente relacionado com aquilo com que ele se identifica e como é identificado. O contexto sócio histórico no qual o indivíduo se encontra está totalmente vinculado às suas condições relacionais internas².

O fato de cada sujeito receber um nome ao nascer, pelo qual passa a responder, possibilita a compreensão de como cada sujeito é identificado. Assim, existe um processo sempre dinâmico e complexo, que leva cada pessoa a se identificar umas às outras. A Psicologia Social explica a identidade como um processo intrínseco dinâmico, que afeta e se faz afetar pelo contexto sócio histórico, que está em constante construção interior, desconstrução e reconstrução. Nesse sentido, Ciampa (1984, p. 74) afirma que:

[...] identidade pode ser entendida como metamorfose, ou seja, em constante transformação, sendo o resultado provisório da intersecção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social e seus projetos. A identidade tem caráter dinâmico [...] identidade é a articulação entre igualdade e diferença.

Hall (2006) argumenta que a identidade fornece sólidas localizações do indivíduo na sociedade, em termos de formação na relação com outras pessoas que são importantes para ele, além de ser constituída por elementos como raça, etnia, gênero, sexualidade e nacionalidade. Diante da mudança do contexto familiar do idoso para o institucional, pode acontecer a perda de um “sentido de si mesmo” estável como deslocamento ou descentração do sujeito (HALL, 2006). Assim, a descentração dos indivíduos de seu lugar no mundo social e cultural pode constituir em uma “crise de identidade” para os mesmos. Todos esses processos de mudanças podem trazer transformações que impactam na identidade dos idosos.

Diante do processo de mudança residencial e relacional, o idoso percebe que nem sempre é possível se posicionar de modo autônomo e suficiente, pois a dependência pode se ampliar com as limitações físicas e mentais que podem surgir com a idade. Com as mudanças no modo de vida e nas formas de dependência, a identidade torna-se uma celebração móvel e

² Neste estudo, são nominadas de condições relacionais internas do indivíduo todas as suas aquisições subjetivas advindas da sua trajetória de vida.

transformadora continuamente em relação às formas pelas quais “as pessoas são representadas ou interpeladas nos sistemas culturais” que os rodeiam (HALL, 2006, p. 10-11).

Contribuindo com o tema, Bauman (2005) menciona que a identidade pode ser criada em função do sentimento de pertença. Assim, o universo cultural em que o indivíduo se encontra inserido passa ser o critério para a aquisição do seu sentimento de pertencimento a um grupo. O processo identitário, para o autor, ainda precisa ser compreendido com seus contornos de gênero e classe social.

Assim, é possível inferir que as condições internas do indivíduo se modificam numa adaptação ao movimento dinâmico da própria história da humanidade. Nesta perspectiva, o processo identitário na velhice pode ser compreendido como um acúmulo de experiências intrínsecas que sofreram uma série de alterações ao longo da trajetória da vida de cada pessoa idosa. Logo, a institucionalização pode ser reconhecida como mais um fator externo impactante na identidade das pessoas idosas participantes deste estudo.

O envelhecer pode ainda ser observado como um processo sociocultural, que deve ser compreendido em sua singularidade e dentro do contexto no qual está inserido. Afinal, o sujeito se identifica no seu espaço interno, externo e nas atividades relacionais, ou seja, consigo, com os seus pares em um contexto.

Para Heimann (2006), a identidade seria o conjunto de desejos, impulsos, emoções, fantasias e habilidades inerentes ao indivíduo, sendo essas formações psíquicas responsáveis para que o sujeito se sinta integrado e simultâneo consigo e com os outros. Assim, faz-se necessário considerar os processos identitários da pessoa idosa institucionalizada, já que esse fator é determinante para que haja a aceitação ou não da sua condição de residente de uma ILP.

Embora haja uma expansão no número da população idosa do País e, conseqüentemente, um crescimento da oferta de ILPs especializadas no cuidado dos idosos e da necessidade de se buscar por esses serviços, a institucionalização é frequentemente vista como algo negativo. A depender das condições emocionais dos internos, a institucionalização pode ser vista como uma situação estressante e desencadeadora de depressão, conduzindo os idosos a significativos sofrimentos (FREITAS; SCHEICHER, 2010).

Por outro lado, existem idosos que veem a institucionalização como um fator funcional em suas vidas, pois encontraram, na ILP, um lugar de acolhimento e de novas

possibilidades de convívio saudável com os seus pares, como expressou Maria, uma das idosas institucionalizadas, durante a realização do projeto de extensão³:

Sou feliz aqui. Não penso muito no que tenho pela frente, nem no que deixei para trás, busco viver o meu dia-a-dia com alegria. Gosto dos passeios que fazemos, das coisas que tenho para fazer, de conversar e ver gente. Desde que os meus pais morreram eu me sentia muito sozinha. Lá na minha casa, na roça, nunca que eu teria o que tenho aqui se ainda vivesse lá naquele lugar. (Lourdes, 72 anos, oito anos de institucionalização. A sua fala foi colhida no refeitório da ILP, em outubro de 2017, durante uma programação do projeto de extensão em que participava. Ao ser questionada sobre como se deu o seu processo de institucionalização, ela respondeu que foi uma opção sua, já que se sentia sozinha em sua residência de origem e que contou com a ajuda de uma funcionária da prefeitura – não identificada na sua fala, para conseguir uma vaga na instituição).

A compreensão do processo subjetivo na velhice, neste caso, visto no ambiente asilar, foi fundamental para a compreensão das relações ali estabelecidas. Conforme Bock (2007, p. 22 e 23):

Falar da subjetividade humana é falar da objetividade em que vivem os homens. A compreensão do “mundo interno” exige a compreensão do “mundo externo”, pois são dois aspectos de um mesmo movimento, de um processo no qual o homem atua e constrói/modifica o mundo e este, por sua vez, propicia os elementos para a constituição psicológica do homem. O fenômeno psicológico deve ser entendido como construção no nível individual do mundo simbólico que é social. O fenômeno deve ser visto como subjetividade, concebida como algo que se constituiu na relação com o mundo material e social. A subjetividade e a objetividade se constituem uma à outra sem se confundir.

Em consonância, Rey (2005) orienta que a subjetividade é a categoria-chave para a compreensão do psiquismo, definindo-a como “um sistema complexo capaz de expressar, através dos sentidos subjetivos, a diversidade de aspectos objetivos da vida social que concorrem em sua formação” (p. 19). Expandindo o conceito acerca da subjetividade, o autor acrescenta:

A subjetividade representa um macro conceito orientado à compreensão da psique como sistema complexo, que de forma simultânea se apresenta como processo e como organização. O macro conceito representa realidades que aparecem de múltiplas formas, que em suas próprias dinâmicas modificam sua auto organização, o que conduz de forma permanente a uma tensão entre os processos gerados pelo sistema e suas formas de auto organização, as quais estão comprometidas de forma permanente com todos os processos do

³ Trata-se de um projeto voltado aos residentes da instituição que se dispuseram a participar de atividades terapêuticas e recreativas, oferecidas por acadêmicos graduandos e mestrandos, sob orientação de uma professora que é doutora em Antropologia.

sistema. A subjetividade coloca a definição da psique num nível histórico-cultural, no qual as funções psíquicas são entendidas como processos permanentes de significação e sentidos. O tema da subjetividade nos conduz a colocar o indivíduo e a sociedade numa relação indivisível, em que ambos aparecem como momentos da subjetividade social e da subjetividade individual. (REY, 2001, p. 1).

Neste estudo, propôs-se analisar a subjetividade das relações entre idosas com os seus objetos afetivos em um contexto de institucionalização. Para tanto, a subjetividade humana foi a questão norteadora deste estudo e, por isso, vista com extremo cuidado e atenção, já que, por mais que um grupo apresente determinado comportamento, a individualidade do sujeito modela suas ações.

Assim, como esta pesquisa buscou investigar elementos subjetivos contidos no cotidiano das idosas institucionalizados, tornou-se relevante observar a maneira como as idosas se relacionavam com a equipe de cuidadores, com os visitantes, com os pares, ou consigo mesmas; como desfrutavam da intimidade na ILP; a forma como se disponibilizaram para participar do estudo e, ainda, como apresentaram o seu repertório vocal, através da oralidade, do silêncio, dos gestos e ações durante as entrevistas. Para que o indivíduo seja capaz de acessar os momentos com os quais já se identificou ou se identifica, a memória torna-se fator fundamental, já que é por meio das reminiscências e lembranças que se revive ou vive um momento ou sensação.



Figura 1: Esquema da investigação central do estudo
Fonte: Elaborado pela autora

A Figura 1 ilustra a investigação central deste estudo: a relação subjetiva pessoa-objeto afetivo. Os objetos fazem parte da vida, das suas histórias e das memórias das pessoas; assim como a pessoa transfere sentimentos e sensações para os objetos. Nesse sentido, diante dessa complexa interação de afetos e afetividade, explica-se a relação subjetiva entre a pessoa idosa institucionalizada e seus objetos afetivos. Desta feita, acredita-se que buscar acessar a memória das pessoas idosas durante as entrevistas seja um processo interessante para desvendar como se dá o processo da presença e da manutenção dos artefatos diversos encontrados em seus aposentos.

Este estudo trata de uma reflexão sobre o processo de institucionalização, em seus aspectos materiais, relacionais e subjetivos. Busca-se analisar as relações subjetivas das pessoas idosas residentes em uma Instituição de Longa Permanência com os seus objetos pessoais, aqui nominados de objetos afetivos⁴, e suas conexões com a subjetividade e a memória de seus portadores.

1.1 A construção do objeto de estudo

O interesse pela temática que aborda o fenômeno do envelhecimento institucionalizado iniciou-se no primeiro semestre do ano 2014, quando cursava o quinto período do curso de graduação em Psicologia. Nessa ocasião, participei de um núcleo de convivência de idosos⁵ durante a realização do Estágio Obrigatório, que teve a finalidade de conhecer a dinâmica do local e o cronograma de atividades dos idosos participantes do núcleo.

Ao final desse período, apresentei uma proposta de ação que foi executada durante o ano de 2015, no estágio obrigatório da graduação em Psicologia. As atividades contemplavam a proposta de trabalhos práticos em grupos, orientados pelo método do Psicodrama⁶, que teve como objetivo fomentar a comunicação verbal e não verbal entre aqueles idosos. Durante o nono e décimo períodos do curso (primeiro e segundo semestres de 2016), permaneci no núcleo, como estagiária voluntária, ministrando palestras, dinâmicas de grupo e fazendo atendimentos individuais⁷ aos idosos que apresentavam demandas psicológicas.

Essa experiência, que promoveu uma aproximação com o tema envelhecimento, me motivou a buscar compreender ainda mais o público idoso, levando-me a novos investimentos em leituras especializadas acerca da velhice, possibilitando desenvolver uma pesquisa acadêmica (Trabalho de Conclusão de Curso – TCC), em 2016, com os idosos numa

⁴ Neste estudo, objetos afetivos são todos os pertences dos idosos institucionalizados, entre eles, artefatos novos, velhos, adquiridos com recursos próprios, relíquias familiares ou ganhados. Esses objetos são mantidos no espaço íntimo dos idosos na ILP, dispostos nas camas ou nos móveis ao seu entorno. Os objetos afetivos são permeados de afetos e apresentam-se como principais vínculos de afetividade do seu portador com a sua vida.

⁵ Optou-se por não revelar a cidade que aloca o núcleo de convivência de idosos no qual os estágios foram realizados, para resguardar o sigilo.

⁶ O Psicodrama é voltado para a psicoterapia de grupo em que os pacientes escolhem os papéis que vão desempenhar na dramatização de uma situação com forte carga emocional, o que dá ao psicoterapeuta a oportunidade de apreender os sintomas que afloram no relacionamento entre os participantes. Abordagem criada pelo psicólogo Jacob Levy Moreno, em 1946.

⁷ Os atendimentos psicológicos individuais e grupais são permitidos na fase conclusiva do curso, desde que supervisionados por professores psicólogos da instituição.

Instituição de Longa Permanência. Na ocasião, busquei compreender parte da complexidade da velhice, enfocando a qualidade de vida dos idosos institucionalizados.

Embora a pesquisa, naquele momento, estivesse mais ligada às questões relacionadas à saúde emocional e física dos internos, foram apresentadas questões voltadas às situações emocionais no processo de institucionalização e suas consequências. Dessa forma, observei a necessidade de uma pesquisa voltada para questões subjetivas, ligadas à realidade emocional dos idosos asilados.

Posteriormente, a participação em um projeto de extensão possibilitou a minha interação com os idosos de um núcleo de convivência e de uma ILP. Essa participação proporcionou proximidade com a dinâmica de uma instituição, evidenciando a complexidade subjetiva dos seus residentes, o que subsidiou a elaboração da presente proposta investigativa. Posteriormente, já em contato com a ILP que pretendia estudar, passei a realizar visitas periódicas com a finalidade de realinhar o projeto de pesquisa.

Essa ocasião me possibilitou conhecer as especificidades da instituição além de fazer três reuniões com membros da diretoria. Nesses encontros, foi possível conhecer a dinâmica interna da ILP, como as despesas, a situação financeira e a captação de recursos. Foram esclarecidos detalhes relacionados aos cuidados médicos e hospitalares oferecidos aos idosos doentes, presença de familiares, seleção de novos internos e contratação de novos funcionários. Foram verificados aspectos ligados à relação e/ou contatos com a direção e os voluntários e ainda foi possível compreender os desafios relacionados ao cuidado enfrentados pelos membros da diretoria e da equipe de profissionais da ILP no cotidiano asilar.

Essa inserção no contexto campo do estudo possibilitou uma readequação dos objetivos de pesquisa, bem como a construção de um Mapa Mental, que visou orientar e auxiliar nas discussões dos dados obtidos na pesquisa. Mapa Mental é um diagrama elaborado para representar as ideias e ações, que pode contribuir como aprofundamento e delineamento de dados do estudo (BOVO, HERMANN, 2005).

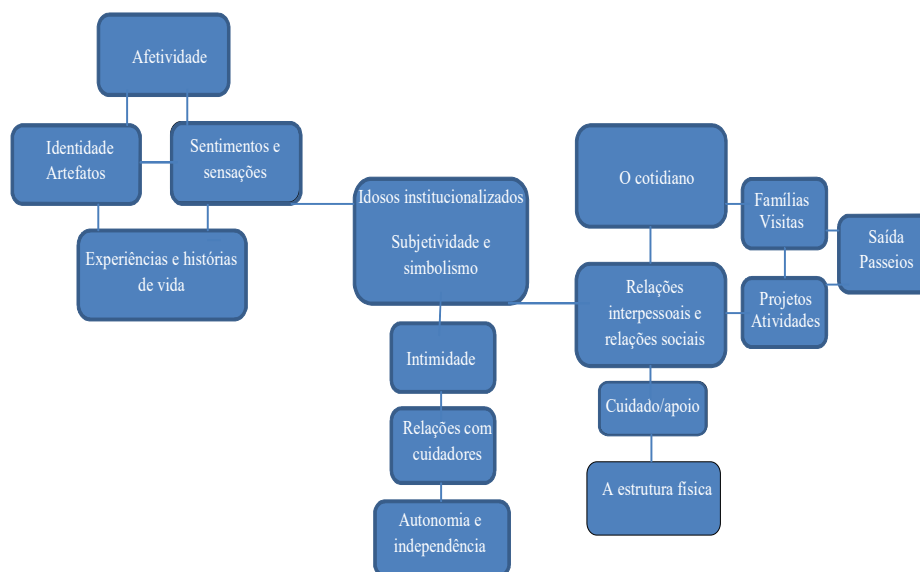


Figura 2: Mapa Mental da ILP

Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa

Esse mapa foi construído a partir das percepções sobre a dinâmica da rotina dos idosos na ILP, no decorrer do período de outubro a dezembro de 2017. Tal experiência no campo de estudo despertou-me a atenção para a presença de múltiplos objetos no espaço privado das pessoas idosas, como bonecas, ursos e outros brinquedos, conjugados com artefatos religiosos, como relicários, imagens de santos, terços (rosários) e Bíblias, além de fotografias ou recortes de revistas e enfeites. A exposição desses artefatos me levou a alguns questionamentos: Como é feita a aquisição desses pertences? Como os idosos se ocupam deles e interagem com eles? Quais os seus significados? Como esses objetos impactam na subjetividade e identidade dos idosos?

1.2 Memória e a sua relação com os objetos afetivos

Ao abordar a temática da memória no espaço asilar, faz-se relevante compreendê-la na perspectiva da individualidade, já que cada pessoa possui suas particularidades ao acessá-la ou para mantê-la no desuso. Alcântara (2003) afirma que alguns indivíduos resistem à institucionalização por entenderem que estariam se desligando de seu passado, no qual edificou o seu espaço durante a sua trajetória. Com a institucionalização, o espaço ocupado no passado e os objetos de uma vida inteira ganham um sentido especial, quando o acesso só será possível pela memória. A autora ressalta que “os objetos podem estar munidos à memória,

visto que firmam com o passado um elo que proporciona a manutenção e preservação de elementos de identidade e essa relação é intensificada à medida que a pessoa envelhece” (p. 43).

Subsidiando a discussão sobre objetos na perspectiva psicanalítica, compreendendo as nuances que permeiam a sua aquisição, manutenção e manuseio no ambiente asilar, Comaru (2016, p. 26) destaca:

A psicanálise, desde sua origem, esteve às voltas com importantes entraves no campo do objeto. Na teoria da sedução, inicialmente formulada por Freud, já havia o apontamento da dimensão excessiva e traumática do objeto. [...] A partir da escuta de infinitas queixas referidas aos objetos, ora denunciados como excessivos, ora como insuficientes. [...] o objeto comparece explicitamente, exigindo muito trabalho psíquico do sujeito. Os impasses nessa elaboração redundam em inibições, sintomas e angústia, sobretudo, no campo da aproximação com o objeto.

Atualizando e ampliando a perspectiva do conceito de objeto na teoria psicanalista, Rabinovich (2009, p. 11) menciona o registro do sentimento no objeto porque, no âmbito afetivo, certa estabilização da deriva estrutural do objeto é alcançada. Nessa perspectiva, no plano sentimental, o objeto se configura como “achado”, “encontrado”. No registro da escolha do objeto pelo parâmetro amoroso, Freud utiliza a expressão “eleição de objeto”. Tanto a aquisição quanto a relação que a pessoa constitui com o seu objeto passam, assim, pelo crivo dos sentidos atribuídos a eles (RABINOVICH, 2009).

Na perspectiva antropológica, Bosi (1994) classifica esses pertences como Objetos Biográficos, vistos como relíquias de família, que trazem histórias em forma de lembrança. São objetos que, muitas vezes, acompanham a trajetória de vida do seu proprietário, ou fazem parte da história relacional e/ou emocional da pessoa. Os objetos promovem o acesso às histórias e às lembranças dos idosos, pois fazem parte da trajetória de vida deles, não importando o tempo cronológico da sua aquisição, mas seu valor simbólico.

Os objetos biográficos são peças que representam as experiências humanas de construção afetiva do passado, ou seja, os objetos são guardados em lugares de significação para a pessoa. O que difere os objetos biográficos de tantos outros é o valor emocional e histórico destinado aos primeiros. São chamados objetos biográficos porque recordam pessoas ou momentos de suas vidas e fazem parte do contexto histórico de cada indivíduo, conforme Bosi (1994).

Nesse sentido, Almeida et al. (2007, p. 103) argumentam ser “possível uma leitura dos objetos biográficos nas histórias de vidas de quem os possui, seja porque estiveram presentes em momentos importantes de sua vida ou porque foram eleitos por identificações posteriores

que possuem significado subjetivo”. Em consonância com o tema, as autoras ainda destacam que, se vistos sob a perspectiva intergeracional, os objetos biográficos podem representar experiências já vividas por antepassados. Esses objetos possuem valor inestimável se considerados como instrumentos de registro de momentos significativos dentro da história de vida do seu portador.

Explorando o tema, Douglas e Isherwood (2004) ressaltam que os objetos, embora não comuniquem verbalmente, “transmitem mensagens” e, assim, podem ser considerados elementos mediadores das relações sociais. Por sua vez, Miller (2013) defende que a melhor maneira de se compreender o papel dos objetos na vida de quem dispõe deles é considerá-los como signos e símbolos que o representam. Na visão de Alcântara (20023), os objetos são promotores de sentimentos de pertença, pois são dotados de significados compreensíveis somente para aquela pessoa que estabeleceu vínculo com os seus artefatos. Assim, a autora resalta ser importante que a pessoa tenha a possibilidade de manter os seus pertences para que possa manter parte da sua individualidade.

A identidade dos idosos institucionalizados é marcada pela presença dos móveis de seus dormitórios, sobretudo, das suas camas, que são suportes para seus objetos decorativos, religiosos ou que possuam outros fins. Esses objetos compõem um rico repertório da cultura material e simbólica, pois conectam o passado e o presente, mediante as lembranças que acionam.

Dentre os autores que estudam a temática dos objetos em uma perspectiva antropológica, autores como Alcântara (2003), Farias (2010), Miller (2013), Bosi (1994), Appadurai (1986) e Farias (2010) buscam explicar as nuances, peculiaridades e significados dos artefatos na vida humana, inserindo-os no tempo e no espaço social, sendo um ponto em comum entre eles o simbolismo dos artefatos. Tais autores defendem que os objetos precisam ser compreendidos em seus significados, bem como nos aspectos afetivos e sociais que desenvolvem na vida dos seus portadores. Assim, um artefato possuído pode ser visto como mais que um simples objeto, mas como uma forma de se identificar com o seu significado. Nesse contexto, a aquisição e manutenção dos artefatos pessoais no cotidiano dos idosos na ILP sugerem uma identificação ou relação afetiva com o que é portado.

Considerando que esses artefatos fazem parte da cultura material, adentrou-se nesse universo com a intensão de conhecê-los e desvendá-los com aprofundamento. Sobre esse assunto, Farias (2010, p. 2) diz que “os estudos sobre a cultura material consideram que os artefatos, além de mesclar fatores materiais e tecnológicos, trazem informações relevantes

sobre a vida social, pois mediam relações humanas e refletem valores e ideias, além de envolver sentimentos e memórias”.

A participação histórica dos artefatos nas relações sociais indica a forma como ocupamos o espaço, o nosso estilo de vida e valores. Além disso, eles corporificam e veiculam significados sociais, materializam ideias e reproduzem relações sociais, podendo também atuar como instrumentos de socialização, preservação e manutenção de valores. Descobrir os investimentos sociais que são feitos nos objetos permite entender a sociedade que os recriou. (FARIAS, 2010, p. 21).

Adicionalmente, Appadurai (1986) esclarece que os artefatos possuem um potencial social próprio de interação com as pessoas. Mesmo não sendo elas que produzem os objetos, os sentidos são atribuídos pelos possuidores, que os relacionam à sua trajetória particular. Assim, os artefatos dispostos na intimidade dos idosos na ILP são elementos que reportam a emoções, lembranças e memórias da trajetória de vida e relacional dos idosos (família, amores e amigos). A aquisição e a manutenção desses objetos pessoais no cotidiano dos idosos nas instituições sugere uma identificação entre o portador e o que é portado. Na visão de Alcântara (2003, p. 43-44), “os objetos, mais do que utilidade, possibilitam uma identificação com o seu dono [...] os artefatos são referenciais cheios de significados subjetivos”.

Observa-se, na atualidade, um movimento de valorização do recurso da memória no campo das Ciências Humanas, já que, nos processos investigativos, faz-se frequente a prática do recolhimento de lembranças por meio de depoimentos (FERNANDES; LOUREIRO, 2009).

Conforme Bosi (2003), sua relevância está no fato de a memória garantir acesso ao passado, no qual se encontram as raízes da construção da identidade, principalmente em termos de memória-experiência, ou seja, da memória vivida nas diferentes etapas da vida.

Candau (2012) explana que “a memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo” (p. 9). O autor completa, dizendo que “o que passou não está definitivamente inacessível, pois é possível fazê-lo reviver graças à lembrança” (p. 15). Nesse sentido, em diversos momentos deste estudo, foi necessário aguçar as lembranças das entrevistadas para que pudessem revelar elementos mantidos na memória referentes às suas histórias e/ou trajetórias de vida.

Nessa dimensão, Bobbio (1997, p. 30) salienta que “[...] somos aquilo que pensamos, amamos e realizamos. Somos aquilo que lembramos”. Entretanto, embora a reminiscência

seja a possibilidade de acesso aos conteúdos mnêmicos⁸, o esquecimento também precisa ser valorizado na narrativa do sujeito. Nessa perspectiva, o esquecimento pode ser compreendido como parte da memória, podendo ou não ser recuperado em fragmentos ou na sua totalidade.

Expandindo o tema, Nietzsche (2003, p. 9) corrobora Bobbio (1997) ao ressaltar que o esquecimento é uma necessidade existencial. Esquecer algo que não foi agradável pode ser fundamental para o bem-estar de cada um, ou seja, por vezes, “esquecer” determinado fato ou situação pode ser mais saudável do que mantê-lo(a) vivo(a) como uma lembrança de dor. Candau (2012) defende que “a amnésia é o lugar onde somente o esquecimento trabalhou” e sugere não ser provável a separação entre a memória e o esquecimento, pois ambos caminham juntos – o esquecimento encontra-se fusionado à memória - um é a extensão do outro.

Dito isso, é possível inferir que o esquecimento nada mais é do que a incapacidade de recuperarmos os dados. Ou seja, ele é um aliado da memória, pois só o esquecimento tem um caráter seletivo e adaptativo, mesmo porque ele seleciona aquilo que nos é útil e elimina o que está em desuso no plano cognitivo (CANDAU, 2011). O esquecimento, por isso, pode ser compreendido como um recurso de defesa da memória e, em última instância, como estratégia mental para evitar a dor psíquica.

Como definido por Rey (2005, p. 15), é preciso considerar as condições pessoais do sujeito, já que “a organização dos processos de sentido e de significação aparecem e se organizam de diferentes formas e em diferentes níveis no sujeito [...], assim como nos diferentes espaços sociais em que o sujeito atua”.

Semelhantemente, é preciso compreender os sujeitos como portadores de identidades em constante mudança, desvelando como cada um se percebe em relação ao seu universo exterior e intrínseco (REY, 2011). Conforme Candau (2011), faz-se necessário considerar os conteúdos conscientes da memória, aqueles que são facilmente acessados, e os conteúdos anímicos, aqueles que estão, num primeiro momento, indisponíveis ao sujeito e que precisam de recursos externos para acessá-los. Contudo, muitos desses conteúdos podem permanecer no âmbito “do esquecimento”.

A proposta de se trabalhar e estudar a velhice institucionalizada considera que cada participante da pesquisa contemplado neste estudo tem uma história de vida a ser contada e resgatada por meio da sua memória. Portanto, estimular esse recurso cognitivo foi crucial para o êxito dos resultados que se pretendeu com esta pesquisa. Acredito que tanto a instituição

⁸ Neste estudo, consideram-se os elementos contidos no âmbito da memória, sejam os mesmos relatados espontaneamente, sejam aqueles elementos estimulados ao longo das narrativas das participantes da pesquisa.

como um todo, quanto a individualidade daqueles que convivem nesse espaço social sejam terrenos fecundos que mereceram ser desvendados em seus pormenores. Assim, considero que este trabalho tenha trazido dados relevantes para a compreensão de aspectos importantes envolvidos no processo de institucionalização, possibilitando ampliar as reflexões sobre a realidade das ILPs, dos idosos asilados e das ações ali desenvolvidas.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa buscou responder as seguintes perguntas: Quais os significados dos objetos na vida afetiva das idosas institucionalizadas? Como as idosas compreendem sua condição de asiladas e vivenciam a institucionalização? Quais são os impactos da institucionalização na vida das internas, em termos de subjetividades, identidades e relações sociais?

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 Caracterização da pesquisa

Quanto à natureza, esta pesquisa se caracteriza como um estudo de caso, por se voltar para a descrição e o entendimento da complexidade de um fenômeno social que se manifesta na velhice. Dessa forma, buscou apreender o significado do comportamento de cinco idosas residentes em uma Instituição de Longa Permanência. Segundo Martins (2008), o estudo de caso é usado para descrever, interpretar e avaliar situações vivenciadas por seres humanos, em variados contextos.

O estudo de caso é uma modalidade de pesquisa utilizada nas Ciências Sociais para estudar a dinâmica de uma organização ou comunidade (BECKER, 1997). Trata-se de uma metodologia aplicada para avaliar ou descrever situações dinâmicas em que o elemento humano está presente, buscando-se apreender a complexidade inserida em um caso concreto em sua totalidade, a partir de uma imersão aprofunda no objetivo delimitado (MARTINS, 2008).

Visando compreender o simbolismo dos objetos pessoais das idosas institucionalizadas, desvelando a relação subjetiva entre esses objetos e a trajetória de vida de cada uma delas, o delineamento empírico da pesquisa se pautou em uma abordagem qualitativa, realizado por meio de observação direta, anotações de campo, registros fotográficos e entrevistas narrativas em profundidade; com uma das idosas, foi desenvolvida também uma pesquisa-ação.

A pesquisa qualitativa possibilita obter “dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo” (NEVES, 1996, p. 1). Também “permite uma aproximação fundamental e de intimidade” entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados, desvelando os motivos e as intenções “a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas” (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 52). Neste estudo, a abordagem qualitativa possibilitou compreender como os sujeitos vivenciam a realidade social da ILP, em seus aspectos organizacionais, materiais, simbólicos e relacionais.

Pinto (2009) ressalta que, quando se trata de pesquisas qualitativas, há uma relevância da inserção no campo antes que os dados sejam coletados. Nesse sentido, na presente pesquisa, o deslocamento para a inserção prévia no campo investigativo possibilitou conhecer a dinâmica da ILP, aproximar dos sujeitos do estudo e fazer os primeiros levantamentos.

Contribuindo com essa assertiva, Patton (1986) explica que a principal característica das pesquisas qualitativas está relacionada ao fato de que seguem a tradição “compreensiva” ou interpretativa, ou seja, emergem do pressuposto de que os indivíduos agem em função dos seus sentimentos, percepções, crenças e valores e que seu comportamento é munido de um sentido a ser desvelado.

No caso de uma das idosas estudadas, por perceber que ela tinha um considerável sofrimento psíquico, para o seu alívio emocional, em concordância com a direção da instituição e segundo os padrões éticos, foi realizada uma pesquisa-ação, ou seja, um trabalho psicoterápico, já que a instituição não possuía psicólogo(a). A pesquisa-ação, segundo Ketele e Roegiers (1993), procura unir a dimensão investigativa à ação ou prática, desenvolvendo o conhecimento a partir da intervenção na realidade investigada.

2.2 O campo empírico e as participantes da pesquisa

A presente pesquisa foi realizada em uma Instituição de Longa Permanência de idosos de uma cidade de Minas Gerais, de porte mediano, onde residiam, em 2018, 41 idosos, sendo 27 mulheres e 14 homens, com idade superior a 65 anos. A instituição possuía idosos acamados e com saúde debilitada, como também pessoas ativas e híginas. Alguns idosos foram para a instituição por própria vontade, outros em comum acordo com os familiares e outros foram enganados pelos familiares, que lhes afirmaram que eles iriam passar apenas um tempo na instituição e depois voltariam para buscá-los. Nesse último caso, as famílias sequer retornaram para visitá-los.

A referida instituição foi fundada em 1967, com o objetivo de acolher os idosos da cidade necessitados de cuidados domiciliares. Com o tempo, o trabalho estendeu-se para cidades circunvizinhas, mantendo características de instituição privada e filantrópica. Além dos funcionários assalariados, que são remunerados pela prefeitura local, a instituição conta com a participação de voluntários, como é o caso da direção.

A instituição possui um cronograma de atividades religiosas, de Educação Física e Fisioterapia, que ocorrem pela manhã ou à tarde, fora do período de visitação.⁹ Existem outras atividades não inclusas na lista oficial da ILP, que são desenvolvidas dentro de horário destinado à visitação pública, das 14 às 16h30min, executadas por estagiários, pesquisadores e

⁹ Dados fornecidos pela direção da Instituição de Longa Permanência, no mês de novembro de 2017.

voluntários. Essas atividades acontecem em um curto período de tempo, sem a presença de um representante ou profissional da ILP.

Participaram da pesquisa cinco mulheres residentes no ILP, com idades de 92, 90, 90, 87 e 82, anos; sendo duas viúvas e três solteiras. Não foi utilizado um método de seleção das participantes. A princípio, o universo empírico da pesquisa seria composto pela totalidade dos residentes da ILP que concordassem em participar da investigação, ou seja, 41 pessoas. Entretanto, devido à extensão e complexidade dos dados colhidos entre as primeiras participantes, que requeriam maior aprofundamento, foi necessário dedicar mais tempo aos relatos. Assim, não foi possível incluir outros participantes. A quinta participante aderiu ao estudo por iniciativa própria. Abordando a pesquisadora e, após conhecer os propósitos do estudo, voluntariou-se para participar. A possibilidade de inserção espontânea no estudo, como foi o caso da quinta participante, foi um imprevisto ocorrido dentro do processo investigativo, porém, caso necessário, poderia ser aberto a outros que igualmente se manifestassem interessados. Entretanto, não ocorreram outras solicitações.

Ao buscar por uma Instituição de Longa Permanência para pessoas idosas, com o objetivo de compreender a relação subjetiva entre os internos e os seus objetos pessoais, era pretendido um posicionamento metodológico que pudesse atender às características deste estudo. A priori, a intenção era entrevistar a totalidade dos internos que desfrutavam da ILP contemplada. Entretanto, o processo se direcionou no sentido de buscar a compreensão, com profundidade, dos primeiros cinco casos investigados, dadas a demanda de tempo para as entrevistas individuais e a complexidade encontrada entre os dados colhidos.

A análise dos casos das idosas da ILP, contempladas neste trabalho, aponta para a complexa relação entre pessoa e objetos afetivos, trazendo elementos que subsidiam a compreensão de processos psíquicos de alta complexidade. Além disso, o estudo mostrou que a metodologia contida em alguns instrumentos pode não abarcar a subjetividade do sujeito, sendo necessário disponibilizar tempo de escuta e reorganizações dos métodos, contemplando a individualidade e as peculiaridades de cada participante de determinada pesquisa.

Esta pesquisa mostra que a metodologia empregada no processo investigativo precisa ser readaptada em função das circunstâncias que surgirem no decorrer do estudo. Caso tivesse sido mantida uma metodologia rígida, a comunidade científica teria sido privada da compreensão das especificidades envolvidas nos casos apresentados.

Embora a adequação metodológica deste estudo possa ter atingido a complexidade da subjetividade humana relacional, ainda pode haver elementos a serem revelados. Cada pesquisador, não importando a distinção da área de atuação, poderá colher dados relacionados ou compatíveis com a sua própria subjetividade, desfazendo-se, assim, da crença inicial de que poderia existir imparcialidade total no processo de coleta de dados.

O que parece ser possível é a intenção de afastamento emocional do pesquisador do seu objeto de estudo, para que não haja interferência da sua própria subjetividade na coleta dos dados, mantendo-se, nesse sentido, a sua essencialidade. Por outro lado, pode-se crer, a partir dessa experiência, que parte do pesquisador fica impressa no estudo.

2.3 Instrumentos de coletas e análise dos dados

A coleta de dados da pesquisa foi realizada em dois momentos, quando foi necessário o meu deslocamento para o local a ser estudado. O primeiro se deu por meio da observação da rotina de uma ILP, em seus aspectos arquitetônicos, relacionais e afetivos. Nessa etapa, busquei passar a maior parte de tempo possível na ILP,¹⁰ realizando visitas diárias, visando conhecer a dinâmica da instituição e me aproximar dos idosos e da equipe técnica. Também observei a dinâmica da sua rotina em seus aspectos físicos, organizacionais e de funcionamento, além dos sujeitos, cujos detalhes foram registrados em um caderno de campo, com o auxílio de uma câmera fotográfica para capturar as especificidades do espaço para posterior transcrição e análise.

O registro no caderno de campo contemplou elementos ligados a aspectos relacionais e afetivos, bem como ao âmbito físico dos espaços arquitetônicos destinados à intimidade dos moradores da instituição, incluindo a descrição dos objetos menos rígidos, como mobiliário, peças decorativas e objetos afetivos dispostos no espaço de intimidade de cada idoso, tais como bonecas, bichos de pelúcia, fotografias, arranjos de flores artificiais, objetos religiosos, entre outros, vistos nas camas ou mobiliário e no seu entorno.

Durante as visitas à instituição, com autorização dos idosos e da direção da instituição, a coleta de dados foi complementada pela utilização de uma câmera fotográfica, que capturou imagens dos objetos e do cenário, para posterior análise.

¹⁰ O horário permitido para as visitas é das 14h00 às 16h30min, entretanto solicitei à diretoria da ILP que me autorizasse permanecer por períodos maiores no local, para conhecer melhor a rotina da instituição e as suas peculiaridades.

Bauer e Gaskell (2002, p. 321) argumentam que, “embora os objetos, imagens, e até mesmo os comportamentos possuam os seus significados, eles nunca fazem isso autonomamente: todo sistema semiológico possui sua mistura linguística”. Os autores defendem que “o sentido de uma imagem visual é ancorado pelo texto que a acompanha e pelo *status* dos objetos”. Nesse sentido, “os sistemas de signos necessitam da mediação da língua, que extrai seus significantes (na forma de nomenclatura) e nomeia seus significados (na forma de usos, ou razões)”.

A segunda fase da pesquisa aconteceu por meio de visitas aos idosos residentes na instituição, quando foi aplicada individualmente a técnica da entrevista narrativa, sem a pretensão da definição de questões norteadoras, deixando para as entrevistadas a oportunidade de contemplarem as observações como lhes aprouvessem. Nesse processo, o diálogo fluiu conforme as questões emergiam e foi disponibilizado o tempo necessário para desvelar as especificidades de cada caso. As entrevistas foram iniciadas a partir da apresentação dos propósitos deste estudo, quando as participantes eram convidadas a narrarem sobre as suas histórias de vida, ficando à vontade para darem o direcionamento que melhor lhes fizesse sentido. Não houve, por parte da pesquisadora, quaisquer manifestações que pudessem interferir no modelo de entrevista eleito para fundamentar a investigação.

As entrevistas narrativas contemplaram os relatos de vida das participantes. Na sequência, foram feitas entrevistas em profundidade, devido à necessidade de uma imersão mais aprofundada nas narrativas com o intuito de acessar elementos intrínsecos das participantes da pesquisa que justificassem a relação subjetiva que as mesmas mantinham com os seus objetos afetivos. Nesse sentido, para se chegar à profundidade almejada – às questões subjetivas dos relatos - as participantes foram convidadas a narrarem por mais tempo, sobre temas específicos, porém sem quaisquer respaldos de roteiros ou questionamentos previamente estruturados. Assim, a partir do tempo maior para as narrativas, acredita-se ter chegado à profundidade esperada.

Além do tempo de entrevista destinado a cada participante, o que variou de acordo com as especificidades de cada caso, fez-se necessário investir em entrevistas com a equipe da ILP, não com a intenção de confrontar informações de versões de relatos das próprias idosas, mas com o objetivo de obter outras informações que pudessem facilitar a compreensão dos fatos e, assim, somar ao entendimento de pontos específicos, como o processo de institucionalização e participação das famílias nesse contexto.

As entrevistas narrativas foram conduzidas de modo a deixar as participantes livres para priorizarem as questões que considerassem importantes de serem relatadas, conduzindo o diálogo para a direção que melhor lhes fizesse sentido e fazendo emergir os temas que melhor lhes aprofundasse.

Muylaert et al. (2014) argumentam que as entrevistas narrativas podem ser classificadas como ferramentas não estruturadas, que visam a profundidade de determinados aspectos que possam emergir dos relatos de histórias de vida dos participantes da pesquisa, bem como angariar elementos do contexto social onde se passam as entrevistas. Os autores esclarecem que esse tipo de entrevista narrativa visa estimular e encorajar os participantes da pesquisa a relatarem algo que consideram importante em sua história de vida, assim como discorrer sobre acontecimentos ou situações do seu contexto social. Semelhantemente, Barthes (1993) afirma que toda experiência humana pode ser expressa por meio de uma narrativa:

A narrativa está presente no mito, lenda, fábula, canto, novela, epopeia, história, tragédia, drama, comédia, mímica, pintura [...] notícias, conversação. [...] a narrativa está presente em cada idade, em cada lugar, em cada sociedade; ela começa com a própria história da humanidade e nunca existiu, em nenhum lugar e em tempo nenhum, um povo sem narrativa. [...] a narrativa é internacional, trans-histórica, transcultural: ela está simplesmente ali, como a própria vida. (251-2).

No decorrer da entrevista narrativa, foram investigados elementos simbólicos e subjetivos implícitos nos objetos afetivos que as idosas possuíam e sua relação com a trajetória de vida e a condição na instituição asilar. Além das respostas explícitas das entrevistadas, foram registrados os conteúdos implícitos das conversas, como o silêncio, as demonstrações de sensações e sentimentos diante de determinado tema. Atenção também foi dada a gestos, postura, tom de voz, expressões faciais das entrevistadas, elementos contidos na linguagem corporal que, muitas vezes, não estão presentes na fala propriamente, porém são conteúdos imprescindíveis a serem levados em conta no processo de coleta de dados. Conforme Py (2006), a comunicação é toda a manifestação do ser humano, na qual está incluído o não verbal e o silêncio.

Pelo fato de este estudo abarcar as complexidades oriundas das subjetividades das idosas, as entrevistas narrativas envolveram profundidade, visando acessar os conteúdos enraizados na individualidade das participantes. Moré (2015, p. 127) assinala que “o diálogo proposto nesse tipo de entrevista, como um instrumento de coleta de dados, constitui-se num “espaço relacional privilegiado”, quando o pesquisador busca o protagonismo do

participante”. A autora argumenta ainda que, “quando se analisam em profundidade os dados em seu conjunto, buscam-se as regularidades temáticas e os significados atribuídos às mesmas”.

A dinâmica da pesquisa passou por consideráveis alterações a partir do momento em que se deram as primeiras entrevistas. Era planejado um ou dois encontros com cada participante. Entretanto, as entrevistas perduraram por, no mínimo, 14 horas e, no máximo, 22, além de 12 horas com membros da direção da ILP e quatro horas com uma ex-diretora, que atendeu ao meu chamado sobre um dos casos. O estudo foi se aprofundando na fase investigativa, de acordo com as demandas de cada participante e respeitando seu tempo e suas limitações físicas e emocionais.

Inicialmente, apresentou-se o que seria o grande desafio deste estudo: compreender as relações subjetivas entre os idosos e seus objetos afetivos a partir de um ou dois encontros, conforme pretensão inicial. Entretanto, no decorrer do processo investigativo, percebemos que isso não seria possível. Isso porque quanto mais se aprofundava na investigação, mais emergiam elementos novos, que apontavam para a complexidade das relações pessoa-objetos afetivos.

No primeiro encontro com cada participante da pesquisa, foi feita uma apresentação pessoal, seguida da proposta de estudo. Foi explicado, minuciosamente, como se dá o trabalho de escuta de uma psicóloga e isso abriu portas para o trabalho de pesquisa, já que estimulou as participantes a se abrirem em seus depoimentos.

Assim, o vínculo entre as partes foi se ampliando e se fortalecendo e, com isso, as narrativas ganharam dimensões até então inesperadas. Assim como no primeiro caso, para as demais, também foi disponibilizado o tempo que foi demandado para a compreensão das demais relações subjetivas das participantes com os seus objetos afetivos.

Os encontros com a equipe da ILP resultaram em dados técnicos e pessoais das residentes, os quais complementaram as informações sobre o processo de institucionalização, os contatos com familiares, o estado geral de saúde, a socialização, entre outros, porém nunca como confronto de informações acerca das relações pessoa-objeto afetivo.

Especificamente no caso da Dona Majú, a entrevista narrativa foi insuficiente para compreender a complexidade envolvida, tendo em vista o fato de ela se mostrar portadora de sofrimento psíquico. Nesse sentido, o processo investigativo, por meio de entrevistas, ocorreu junto com a aplicação de técnicas psicológicas para que a participante pudesse desfrutar de

recursos psicológicos que pudessem amenizar o seu quadro de adoecimento antes da realização da entrevista.

Assim, o processo metodológico envolveu a pesquisa-ação, por meio do recurso da escuta clínica, com aplicações de técnicas psicológicas, que tiveram o objetivo de contribuir com o restabelecimento da saúde emocional daquela idosa que, ao longo dos últimos 86 anos, se encontrava aprisionada a lembranças dos maus-tratos que sofrera. O recurso da fala a possibilitou se distanciar do sofrimento e experimentar uma vida emocional mais saudável. O processo de cuidado psicoterápico também foi tempo frutífero de coleta de dados que enriqueceram a pesquisa, possibilitando compreender a complexidade envolvida no caso da Dona Majú.

No processo investigativo de compreensão da relação subjetiva das participantes da pesquisa com os seus objetos afetivos, foram investidas 22 horas de trabalho junto a Dona Majú, 20 horas junto a Dona Dolores, 14 horas com Dona Lourdinha, 21 horas com Dona Estela e 18 horas com Dona Helena. As horas de investimento em cada caso confirmam a assertiva de Cassab (2007, p. 62) de que “a pesquisa se presta mais a uma reflexão mediata que imediata, fornecendo elementos à análise e reflexão do problema e do contexto que o insere”. Após a transcrição e a organização dos dados pela similaridade de conteúdo, foi realizada a análise e interpretação dos mesmos, assim como a análise dos registros fotográficos, pautando-me nos referenciais teóricos que versam sobre envelhecimento, Instituição de Longa Permanência e relações subjetivas entre pessoas e objetos afetivos.

As imagens obtidas pelo registro fotográfico foram analisadas em seus detalhes, “transformando as imagens em texto” (DUARTE; FARIAS, 2013, p. 117). Entretanto, optou-se pela publicação de apenas uma fotografia, de uma das participantes, dada a complexidade da cena em si. A imagem, nesse caso, torna-se fundamental para a compreensão da complexidade do caso estudado. Quanto às demais participantes, optou-se pelas descrições das cenas, sem o recurso da imagem.

Bauer e Gaskell (2002) dizem que os modelos baseados na análise de conversação podem conduzir o pesquisador à compreensão mais clara dos dados que foram colhidos em pesquisas na área das ciências sociais. Os autores relatam que essa categoria de análise é demorada, requer prévia anotação dos dados e transcrições cuidadosas acerca das falas dos participantes da pesquisa. Acrescentam que tal análise oferece um caminho para examinar categorias dos participantes da pesquisa, desvelando o que os mesmos consideram

importantes acerca dessas categorias, por isso essa técnica é relevante para reflexão e investigação de situações, fatos e ações pessoais e no contexto social.

Por questões éticas, as internas que compuseram o universo pesquisado assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, expressando a concordância em participar da pesquisa. Visando assegurar o sigilo sobre a identidade das participantes, especificamente no caso de uma entrevistada, o seu registro fotográfico passou por processo de descaracterização de fisionomia, usando o programa de foto shop “Câmara 360”, disponível na Internet – acessado em setembro de 2019. Além disso, seus nomes verdadeiros foram substituídos por pseudônimos e a identificação da instituição foi resguardada.

2.4 Organização da Dissertação

Os dois capítulos iniciais da dissertação foram destinados à apresentação da pesquisa, destacando como se deu a construção do objeto de estudo, mencionando a importância da compreensão das relações subjetivas entre as idosas institucionalizadas com os seus objetos afetivos, além de apresentar os objetivos da pesquisa e os instrumentos metodológicos utilizados na investigação.

Os cinco capítulos seguintes são destinados a discutir as especificidades do caso de cada uma das idosas participantes, a partir de uma análise psicológica e antropológica, destacando suas relações subjetivas com os seus objetos pessoais, relacionando-os com as suas trajetórias de vidas.

O capítulo 3 foi dedicado a desvelar o caso da Dona Majú, destacando a relação entre os artefatos pessoais dessa idosa e o sofrimento psíquico acumulado em sua trajetória de vida. As alianças e anéis reportam à segurança proporcionada pela mãe, avó e patroa, enquanto os quatro terços de reza simbolizam os afetos e sofrimentos. As bonecas reportam aos abusos sexuais praticados pelo avô durante a infância, uma forma simbólica de a idosa impedir a violação do corpo físico, algo que ela não conseguiu preservar em sua vida real.

No capítulo 4, discute-se o caso da Dona Dolores, uma mulher que, na sua velhice, após deixar de ser útil à sua família, foi abandonada no asilo, sob a promessa de um breve retorno. Assim, ela mantinha seus objetos sempre embalados e não participava das atividades do asilo, ficando em constante vigília para que o seu irmão não tivesse que esperá-la se arrumar quando fosse buscá-la.

O capítulo 5 discute as especificidades do caso da Dona Lourdinha, uma mulher lúcida e pragmática, que foi para o asilo por escolha própria, após se tornar viúva. Ela ajuda as companheiras do asilo, tendo bastante influência no local, e todos os seus objetos são utilitários, pois, na sua vida, não tem espaço para “coisas supérfluas”.

O capítulo 6 discorre sobre o caso de Dona Estela, uma idosa aparentemente lúcida e elegante, que tem obsessão pela manutenção da beleza, mantendo seus objetos e seu quarto trancados sob chave. Por nutrir a ideia de que alguém poderá envenená-la a qualquer instante, ela utiliza seus recursos financeiros e materiais como moeda de troca para conseguir privilégios no asilo e se manter segura de que ninguém irá envenená-la.

O capítulo 7 traz a análise do caso da Dona Helena, que foi retirada do seu sítio, onde lecionava, após um incêndio, e levada para a casa do sobrinho e depois para o asilo. Ela não possui objetos em seu quarto, como bonecas, quadros ou bibelôs. Seus objetos afetivos encontram-se no âmbito da memória, único reduto que o fogo não conseguiu consumir.

Por fim, tem-se uma síntese dos cinco casos, que foram discutidos conjuntamente, apresentando-se similaridades e especificidades de cada situação, destacando-se a relação subjetiva das idosas com os seus artefatos materiais e simbólicos. Destacam-se, ainda, as limitações da pesquisa e as sugestões para estudos posteriores.

3 DONA MAJÚ: OBJETOS PROTETORES E OBJETOS PROTEGIDOS

Quem vê cara não vê coração.¹¹

Dona Majú tinha 92 anos na ocasião da pesquisa. Era a primogênita de um casal que teve sete filhos. Era solteira, órfã desde os oito anos de idade, sendo natural de um município de Minas Gerais, vizinho de onde se encontrava à época deste estudo. Estava internada há nove anos na ILP, sem ter contato com a sua família e sem receber notícias do paradeiro de seus irmãos, que não via há 76 anos.

Dona Majú apresentava boas condições cognitivas, era lúcida e hígida, porém passava a maior parte do dia recostada no seu leito, limitando-se a levantar para realizar as suas necessidades fisiológicas e para fazer as refeições em companhia das colegas no refeitório. Considerando-se a idade avançada, que requer cuidados específicos, possuía autonomia, independência, além da boa aceitação da sua condição de asilada. Era estimada e querida pelas duas companheiras com quem dividia os aposentos, sendo solicitada pelas colegas para fazer as refeições em sua companhia. Apesar da boa convivência, ela relacionava-se minimamente com os colegas, a equipe de cuidadores, voluntários e visitantes, sendo reconhecida pela discrição e serenidade.

Dona Majú passou sua vida sem ter um lugar definitivo, uma vez que foi deslocada de um lugar para outro conforme interesses e circunstâncias alheios à sua vontade. Até os 8 anos, viveu com os seus pais. Com a morte da mãe, ela foi viver com os avós e foi violentada sexualmente pelo próprio avô. Com 16 anos, sua avó a entregou a uma família que estava de mudança para o município onde ela se encontrava institucionalizada. Ela residiu com essa família dos 16 aos 83 anos, onde realizava os trabalhos domésticos e cuidou de três gerações. Quando a patroa morreu, Majú foi levada para o asilo, onde permaneceu dos 83 aos 92 anos, até a sua morte, em 2018.

Desde o primeiro contato com a participante da pesquisa, foi perceptível o estado de sofrimento psíquico no qual se encontrava, já que se apresentava retraída e acamada, embora tenha sido relatado previamente pela direção da ILP que se tratava de uma pessoa hígida. De acordo com Dunker (2004), os sintomas mais frequentes do sofrimento psíquico são as inibições, as angústias, os distúrbios de caráter e as compulsões à repetição. O autor completa,

¹¹ Ditado popular frequentemente utilizado quando se quer dizer que não é possível estabelecer confiança a partir, apenas, da observação da aparência física do outro, pois a pessoa pode não ser exatamente o que demonstra ser.

alertando que a subjetivação desse sofrimento psíquico se refere ao processo de apropriação discursiva através do qual o mal-estar é singularizado, adquirindo a forma de demanda, queixa ou clamor.

A participante demonstrava postura reservada, acuada, apática e introspectiva, apresentando, ainda, tristeza profunda e desmotivação para o diálogo; características relacionadas à melancolia que, aparentemente, protagonizava os seus sentimentos. Dorneles (2018) alerta para a necessidade de se observar, com cuidado, as características melancólicas na velhice institucionalizada, já que podem acometer os idosos que, comumente, sofrem com solidão, desamparo ou abandono.



Figura 3: Dona Majú no seu leito, com os seus objetos afetivos
Autora: Marta Rigueira

Esse registro fotográfico foi feito no primeiro encontro, quando Dona Majú se encontrava repousando no seu leito, porém já ciente dos objetivos deste estudo, tendo manifestado positivamente em participar da pesquisa, após a leitura detalhada (e explicada,

em seus pormenores) do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Esse documento, que tem como finalidade respaldar o acesso a este trabalho investigativo, foi assinado pela direção da ILP, já que a participante era analfabeta.

O dormitório de Dona Majú possuía uma cama sobreposta, com lençol de tecido azul claro, com bordas de elástico (o que o mantinha bem esticado), travesseiro alto, encapado com fronha de tecido azul escuro com detalhes (listas e figuras geométricas) brancos. Debaixo do travesseiro, disposto o seu cobertor, cinza, com listas em tons mais escuros em cinza e preto; peça com aspecto envelhecido. O posicionamento do cobertor abaixo do travesseiro alto deixava a idosa em posição de desconforto, com cabeça baixa e pescoço bem inclinado para a frente, passando a impressão de encurvamento da coluna cervical. Seus cabelos brancos eram ressecados e despenteados.

Embora tenha demonstrado interesse em participar da pesquisa, apresentava apática e com semblante tristonho. Sua blusa grossa, de lã azul, de gola farta e botões grandes, parecia inadequada e desconfortável para alguém que ficava deitada por longos períodos na grande maioria dos dias. Posicionada de lado, com a mão esquerda na altura dos ombros, trazia quatro anéis nos dedos da mão direita. No dedo anelar, ela usava duas alianças em ouro, com características de envelhecimento, sendo uma ligeiramente mais clara do que a outra, e, no dedo médio, usava uma terceira aliança e um anel com pedra amarela.

Na mesma mão, havia quatro terços, sendo três deles de plástico, nas cores rosa, cinza e preto, e um de madeira marrom. Os objetos estavam ligeiramente embolados e firmemente mantidos em sua mão. Seu leito era compartilhado com bonecas, que se posicionavam do seu lado direito. A boneca menor ficava mais próxima à idosa. A boneca maior possuía características originais de fabricação e era mais ornamentada pela Dona Majú.

Ao descrever brevemente sua vida atual, ela afirmava estar satisfeita com a instituição, porém o seu repertório verbal não correspondia às suas expressões faciais e corpóreas – rigidez na movimentação da musculatura do rosto, movimentos agitados dos pés e fortes entrelaçamentos dos dedos das mãos a ponto de deixá-los com vermelhidão. Aquela pessoa, encontrada estagnada em seu leito, ao ser convidada a participar da entrevista e, assim, a falar da sua história de vida, embora não tenha se oposto a isso, passou por instantânea mutação em suas expressões. A passividade e fragilidade aparentes deram lugar a notável desinteresse e certa agitação corporal.

Diante da considerável complexidade observada no caso da Dona Majú, ao longo do trabalho, foi necessário buscar outros elementos investigativos para a pesquisa, sobretudo,

recursos que pudessem proporcionar apoio psicológico para aquela pessoa que, ao longo dos seus últimos 86 anos de vida, trazia muitas lembranças de dor, ora física, ora emocional, que a marcaram profundamente. Até então, a vida não havia lhe apresentado outra possibilidade senão o sofrimento, que foi gerador de angústia e revolta generalizadas. Nesse caso, além da preocupação com a pesquisa, busquei proporcionar uma escuta psicoterápica que lhe trouxesse certo conforto emocional. Assim, o período de entrevistas foi compartilhado com a atenção psicoterapêutica, o que ocorreu dentro de um tempo que ultrapassou, e muito, a previsão da fase de coleta de dados. Tendo em vista as especificidades do caso de Dona Majú, utilizou-se, no processo interventivo, a Dessensibilização Sistemática, visando amenizar seu sofrimento psíquico, mediante a exposição/aproximação da experiência traumática (MOREIRA; MEDEIROS, 2007). Araújo (2011) ressalta que esse recurso psicoterápico possibilita expor a pessoa fóbica direta e gradualmente à situação temida, associando com a técnica de respiração diafragmática, que visa reduzir os sintomas ansiosos promovidos pelo medo. Salienta-se que a redução do trauma é favorecida quando o paciente sente segurança e confiança em seu aplicador, facilitando o processo de comunicação.

Conforme Gayotto (1992), o vínculo é uma estrutura complexa de relação que vai sendo internalizada, possibilitando, na vivência com o outro, se constituir enquanto sujeito e interpretar a realidade por meio de uma história vincular que se tece nessa relação. A cada novo encontro, a confiança era fortalecida e Dona Majú se abria gradativamente, aceitando as intervenções e aplicações das técnicas psicoterápicas, possibilitando que viessem à tona emoções, sensações e sentimentos reprimidos ao longo da sua vida.

Assim, além das respostas explícitas de Dona Majú, foram registrados elementos expressos na comunicação não verbal: postura, linguagem corporal, tons de voz, gestos, expressões faciais, momentos de silêncio, demonstrações de sensações e sentimentos. Conforme Py (2006), a comunicação é toda a manifestação do ser humano, na qual também está incluído o silêncio. Ramos e Bortagarai (2012) defendem a necessidade de se observar também a comunicação não verbal, já que pode ser compreendida dentro dos aspectos psicológicos do indivíduo, ao contrário da comunicação verbal, que exterioriza os seus aspectos sociais.

Após as primeiras seis horas de interlocução, com o estabelecimento do vínculo de confiança, o processo comunicativo foi favorecido, as narrativas se aprofundaram e novos elementos surgiram, possibilitando analisar as falas, as cenas da intimidade e as relações subjetivas entre pessoa e objetos envolvidas na complexidade do caso.

Dia-a-dia, a cada novo encontro, ela se abria gradativamente, aceitando as intervenções e aplicações de técnicas psicoterápicas utilizadas a fim de lhe trazer conforto emocional e ressignificações de parte dos conteúdos intrínsecos internalizados a partir da sua infância.

Diante da aparente resistência de Dona Majú ao diálogo, foi solicitado a ela que contasse um pouco da história da sua família e como chegou à ILP. Ela iniciou dizendo que era a mais velha de uma família de seis irmãos, sendo quatro homens e duas meninas, de origem de uma cidade da região onde se encontrava institucionalizada. Os quatro meninos foram doados para famílias. Disse que nunca mais soube qualquer notícia. As duas meninas, à época, com aproximadamente seis meses de vida, foram levadas por um casal de tios paternos, que residiam no mesmo terreno onde moravam os avós paternos que a adotaram após sua orfandade. Relatou que, embora os tios tivessem ficado com as meninas, ela era a responsável pelos cuidados delas. Como as duas residências eram muito próximas, ela era continuamente convocada pela esposa do tio a cuidar das crianças. Dona Majú demonstrava muita alegria quando falava das crianças e dos cuidados que lhes disponibilizava, o que aponta para o amor que tinha com as pequenas.

Sobre as mortes dos seus pais, ela relatou: *“O meu pai foi morto por morte matada”*¹² numa “tocaia”; meses depois (não se lembrou ao certo), a sua mãe faleceu repentinamente. Sobre a morte da mãe, contou: *“Morreu feito passarinho, dormiu viva e não acordou mais; a morte que ela mereceu, sem dor, sem sofrimento. Uma pessoa boa merece uma morte boa. Ela me apertava no serviço, mas penso que ela tinha bom coração.”* Em seguida, fixando o olhar, ela permaneceu calada e reflexiva. O silêncio era, naquele momento, utilizado como manifestação de uma lembrança dolorosa. Em diversos outros momentos das suas narrativas, Dona Majú manteve-se em silêncio, demonstrando a complexidade emocional ao reviver situações que lhe causaram dor.

Na visão da Psicanálise, o silêncio remete à resistência ao processo de mudança por parte do paciente e, tecnicamente, à intensidade dos não-ditos no processo de investigação clínica a partir da fala, pois tanto a fala, quanto o silêncio, contam uma história. Mesmo que o silêncio se apresente como resistência, promove uma fresta para a manifestação do inconsciente, proporcionando um sentido para o não-dito. O silêncio pode ser compreendido

¹² As informações e narrativas, bem como as análises delas feitas, presentes neste trabalho, se basearam, exclusivamente, nos relatos coletados das participantes, ou seja, a partir da perspectiva de cada uma delas, da maneira como cada uma se via.

como uma pausa ou pode ser associado ao vazio, que pode ser conceituado de várias formas (OLIVEIRA, 2009).

Depois do silêncio, com os olhos fixos e a voz embargada, Dona Majú retrucou: *“o meu pai, acho que ele era bem mais velho do que a minha mãe; cheirava a suor, era bravo, só de olhar para a minha mãe e para nós a gente sentia medo.”* Majú mencionou que o pai era um velho desagradável e autoritário com os filhos e esposa, pois promovia dor física: *“Ele batia na gente, a vara de marmelo já ficava no jeito [preparada] no canto do fogão a lenha; falava que quanto mais velha a vara fosse, mais doía no lombo da gente.”* Na fala da entrevistada, as palavras “velha” e “velho” reportavam as experiências de sofrimento.

Sua mãe, ao contrário, era vista como bondosa, carinhosa; gostava de fazer tranças em seus cabelos, catar piolhos e, quando tinha tempo, dava banho nos filhos, um por um, mas ela entendia que a mãe não tinha muito tempo disponível para todos. Os serviços atribuídos a sua mãe eram muito pesados. Ela tinha a responsabilidade de cozinhar diariamente para todos da casa e para “os companheiros” que ajudavam o pai em época de plantio ou colheita.

Quando seus pais eram vivos e moravam todos juntos, Majú ajudava no cuidado dos irmãos, principalmente das bebês, que também eram suas afilhadas. *“Madrinha é como uma segunda mãe, e foi isso que eu acabei sendo para as meninas. Quando escolhi ser madrinha das duas, parece que eu estava adivinhando o que ia acontecer.”*

Com a morte dos seus pais, a separação dos outros irmãos e a ida para a casa dos avós, a vida foi muito sofrida. Majú passou a ajudar nos serviços pesados da casa: socar arroz, torrar café, secar as roupas úmidas no ferro a brasa, na época do frio ou das chuvas, quando, algumas vezes, acabava se queimando. *“Era muita roupa. As meninas usavam fraldas de panos, eram poucas, tinha que secar no ferro a brasa para trocar duas ou três vezes durante o dia e uma vez à noite, antes de dormir.”*

Majú ajudava a avó a lavar a roupa de todos da casa, à beira do córrego. *“Não sei como ainda estou viva, poderia ter caído naquela água ou ter pego uma pneumonia, porque, na mesma hora que estava mexendo com muito calor, tinha que mexer na água fria,”* Ela detalhou que sua infância foi difícil, mas tinha momentos de alegria: *“A vida foi muito dura comigo, mas, quando eu acabava os serviços, eu brincava no terreiro de secar café, subia nas árvores de frutas; lá tinha uma jabuticabeira bonita.”*

Ao completar 16 anos, a sua avó a entregou para uma família que estava de mudança para o município onde ela se encontrava institucionalizada. *“Minha avó falou que ia ser melhor para mim, que eu ia poder estudar e que eu teria uma vida melhor, mas tenho para*

mim que ela teve os seus motivos para não me querer [protegê-la da violação pelo avô].” Nesse momento, o seu tom de voz ficou embargado. Foi preciso estimulá-la para dar prosseguimento. *“Eu era moça, viçosa, tinha os cabelos claros, lisos, com cachos pendurados nas pontas. Sempre fui muito magra, mas meu corpo já era de moça nova; quando tomava banho ficava cheirosa.”* Nesse momento, Dona Majú mostrava-se agitada. As suas pernas se debatiam ligeiramente para os lados. As mãos, com os dedos entrelaçados, se apertavam. *“A casa era pequena, nós dormíamos todos juntos. Não gosto nem de lembrar disso, não gosto de me lembrar daquele velho.”*

Nesse momento, busquei compreender sua revolta em relação ao avô, mas, ao ser interpelada nesse sentido, abaixou a cabeça e permaneceu em silêncio. A reação de revolta e estresse da entrevista dava pistas da origem do sofrimento psíquico que, mais tarde, veio a ser confirmado. Como parte da psicoterapia, sugeri que ela falasse de outro assunto, perguntando como se dera a vinda para a cidade. Ela voltou a discorrer sobre a sua mudança da roça para a cidade, aos 16 anos de idade. Disse que, na casa onde fora trabalhar, não tinha salário, mas que ganhava comida, roupas e os serviços eram bem mais leves se comparados àqueles que estava acostumada a fazer na roça.

Ela mencionou que o fato de não ter mais contato com a avó e as irmãs lhe causara tristeza. Os patrões mantinham contatos com os seus avós, mas ela nunca quis voltar a vê-los. Porém, na ocasião do falecimento da sua avó, os patrões a levaram para participar do velório. *“Só voltei na roça uma vez, no enterro da minha avó. Nesse dia vi as meninas, elas estavam crescidas.”* Ela disse ter escutado uma conversa dos tios com a sua patroa, acertando residências, na cidade, onde poderiam destinar as meninas. *“Eles estavam combinando de arrumar duas casas de família na cidade para as meninas trabalhar. Acredito que elas tenham vindo assim como eu, mas nunca mais fiquei sabendo de nada.”*

Sobre o velório da avó, afirmou: *“Meu avô ainda estava vivo, como dizem: vaso ruim não quebra fácil. Ele estava lá, ainda mais velho e fedido, sentado do lado do caixão da minha avó, bem no meio da sala da casa dela.”* Nesse momento, Dona Majú expôs sua revolta com o avô:

[O avô] fazia cara de coitado, mas nem cheguei perto. Ele levantou a mão para me saudar [cumprimentar], mas eu fiz que não vi; saí de perto e fui para o outro lado do caixão. As meninas ficaram o tempo todo na cozinha, fazendo café; elas deviam estar com uns 15 ou 16 anos cada uma, não sei ao certo. Olhava para elas e para o caixão, sentia um aperto no peito. O que seria das meninas sozinhas com aquele sujeito?

Ela revelou esperar que as meninas tenham sido enviadas, assim como ela, para famílias na cidade e que não tenham necessitado conviver diariamente com o seu avô. Afirmou que, após aquela data, não voltara ao local e não tivera notícias dos familiares que permaneceram na zona rural. *“Sentia saudades das meninas, mas não queria ter que me encontrar com o meu avô, por isso nunca mais voltei naquele lugar.”* Novo silêncio, cabeça baixa e introspecção. Segundos depois, ergueu a cabeça e lamuriou: *“Melhor assim, acho que não ia gostar de ver as minhas meninas velhas.”* Assim como fez ao se referir à vara de marmelo, usada pelo seu pai na coerção aos filhos, novamente a entrevistada relacionava o velho ao feio ou desagradável.

Perguntei se havia se casado. Ela abaixou a cabeça, manteve-se quieta e pensativa e acenou que não. Em seguida, disse que nunca havia namorado, que não achava os homens bonitos. *“Eles eram fedidos, eles eram sempre mais velhos do que nós, mulheres; alguns tinham uma ruga grande na testa, aquilo assusta a gente.”* Novamente ela reage ao termo velho como algo feio e desagradável.

Em dado momento, ao ser indagada sobre o que gostaria de conversar naquele encontro, foi iniciada uma narrativa complexa e longa. Sem interrupção e descanso, evidenciava a necessidade que sentia de compartilhar a sua dor:

Lembra-se que te disse que não namorei nenhum rapaz e que não me casei? Eu achava as moças da roça bonitas, até pensava que eu podia ser um homem para me casar com uma delas. A mais bonita era a Rosa, eu chamava de Rosinha, ela parecia uma rosinha mesmo, era cheirosa”.

Ao falar sobre a moça, a entrevistada sorria discretamente, aparentava um semblante de felicidade e saudosismo. *“Rosinha era uns três ou quatro anos mais velha do que eu, ela já era moça feita; um dia se casou e foi embora com o marido. Nunca mais vi a Rosinha, ela era nova e bonita.”* Nesse momento, Majú atrelou o novo ao belo, ou seja, evidenciando que a pessoa jovem trazia sensações prazerosas como cheiro bom, enquanto o velho era relacionado ao feio, ao desprazer e ao malcheiroso.

Destacou que tinha um vizinho na roça que chegou a pedir à sua avó para que a namorasse e ele teve consentimento para isso, mas ela não quis. Assim, nunca teve proximidade com qualquer rapaz, alegando que eles um dia ficariam velhos e isso não lhe agradaria.

Posteriormente, ao se mudar para a cidade, teve contato com os outros homens, como os dois filhos e vários sobrinhos da sua patroa, além de rapazes da rua e do bairro onde morou por várias décadas, mas nunca se interessou por nenhum deles. A filha da patroa, a Daniela,

disse achar muito bonita e cheirosa, porém concluiu que a moça tinha temperamento difícil, que brigava muito. Era agressiva e gostava de ordená-la a cumprir as suas obrigações, como limpar seus sapatos, lavar suas roupas, servir o seu prato e arrumar a sua cama. Dona Majú continuou: *“Minha maior vontade era ir para escola com a Daniela, aprender a ler e escrever, assim podia ficar perto dela, cuidar dela fora de casa também, mas acho que não sobrava tempo para a escola.”* Relatava que, no período da manhã, horário destinado às aulas de Daniela, era preciso arrumar toda a casa, preparar o almoço e iniciar a lavagem das roupas. Disse ainda que, nas manhãs de domingo, quando a família se dirigia para a igreja para assistir às missas, ela preferia se manter em casa, cuidando do almoço especial daquele dia.

Mencionou que não participava das missas por causa da exigência do perdão, feita pelo padre: *“Pois é, não perdoo o meu avô; não adianta o padre mandar. Também não gosto de sentar na igreja do lado daqueles velhos fedidos, que moram aqui debaixo da gente.”* Nesse momento, ela apontou para baixo, fazendo alusão à ala masculina da ILP, que se localizava no andar inferior do prédio.

Dona Majú tinha duas motivações para não frequentar as celebrações religiosas na Capela Católica: a culpa oriunda do não perdão, que via como uma obrigatoriedade imposta pela religião, a que ela não parecia disposta a ceder; e a repulsa que manifestava em relação aos velhos, sobretudo aos homens, já que, na Capela, teria que, em algum momento, assentar-se próxima a eles. Em sua narrativa, os homens eram representados com as características que ela atribuía a seu avô: velhos, malcheirosos, enrugados e feios.

No nono encontro, ao ser indagada sobre como estaria passando, Dona Majú respondeu, com um sorriso, que se sentia mais leve: *“Sinto que tirei uns 50 quilos das costas; hoje vou tirar mais 400.”* Sorriu discretamente, iniciando uma narrativa longa, que foi mesclada por lembranças interrompidas por choro:

Eu servia ao meu avô. Eu era uma menina de porte franzino e fraco, tinha só oito anos de idade e já tinha que servir aquele sujeito. Até hoje tenho pavor de pensar naquelas mãos enrugadas, naquele... [referências aos órgãos genitais envelhecidos e sujos do avô] Só pensava que ele deveria morrer e que eu nunca iria me casar com um homem que pudesse um dia ser velho também e fazer tudo aquilo comigo outra vez. Ele ficava cochichando nos meus ouvidos, dizendo que eu era muito melhor que a minha avó, que era velha. Isso foi dos meus oito anos até os meus 16 anos, quando eu fui embora daquela casa.

Dona Majú relatou, com intensa dor, os abusos sexuais¹³ que sofrera durante a sua infância. Ela dizia que até o avô asqueroso sabia que gente velha é feia e indesejada, já que preferia a relação sexual com ela em detrimento da sua avó. A narrativa abaixo aponta para o processo de sua saída de casa:

No dia que fui embora, fiquei triste porque não ia ver a minha avó e as minhas afillhadas [irmãs], mas, ao mesmo tempo, fiquei aliviada porque não ia mais ver aquele... Enquanto minha avó e os outros choravam pela minha partida, eu nem conseguia chorar; acho que a vontade de ir para longe dele era maior que qualquer dor da saudade das pessoas que eu gostava.

Prosseguiu a narrativa de forma contundente: *“Sou católica, mas não vou à missa porque o padre fica falando que a gente tem que perdoar; eu não perdoar ele não, por isso prefiro rezar os meus terços aqui no meu quarto, cada hora rezo um. Para isso eu tenho vários terços, cada hora rezo um.”* Continuou fazendo menção ao seu avô, detalhando as cenas dos abusos sexuais, que aconteciam à noite, ao lado da avó, que dormia. *“Ele me mandava deitar do lado dele e me bulia [tocava]. Aquilo era muito ruim, doía demais [...], eu fechava meus olhos e pensava no terreiro de café onde eu brincava, pensava que subia nos pés de frutas.”* Relatou os detalhes do sexo oral, que o avô a obrigava a fazer: *“Aí era pior, porque estava de dia e, mesmo eu fechando os olhos, de vez em quando, eu via [a genitália do avô].”* Dona Majú se expressava com revolta e repulsa: *“Não sei como não fui levada pelas águas do córrego; eu entrava lá para lavar aquilo. Ficava muito tempo dentro das águas, lavando a roupa e lavando a minha sujeira [líquido seminal].”* Em seguida, calou-se. Manteve-se introspectiva, pensativa. Depois fitou os olhos, dizendo: *“Quem vê cara não vê*

¹³ Esse tipo de abuso permeia a civilização desde épocas remotas, inclusive, é encontrado em inúmeras passagens da Bíblia e em livros clássicos da antiguidade. O tema ganhou repercussão midiática nas últimas décadas, abarcando o meio acadêmico, permeando pesquisas e estudos na área (AMARRAZAY & KOLLER, 1998; PELISOLI, GAVA & DELL'AGLIO, 2007). Os abusos sexuais passaram a requerer um novo olhar ao final do século XX e início do século XXI, quando a Organização Mundial da Saúde - OMS declarou que esse tipo de violência, dentro da perspectiva epidemiológica, podia, a partir de então, ser considerado uma questão de saúde pública (PFEIFFER & SALVAGNI, 2005). Estima-se que, no Brasil, a violência sexual com crianças de até 9 anos de idade seja o segundo maior tipo de violência dentro dessa faixa etária, ficando atrás apenas das notificações de negligência e abandono (NICOLETTI; GIACOMOZZI & CABRAL, 2017). Dados preliminares de um levantamento feito pelo Ministério da Saúde (2011) revelam que, em 2011, foram notificados 14.625 casos de violência doméstica, sexual, física e outras agressões contra crianças menores de 10 anos. Esse número representa 35% das notificações na faixa etária de crianças até 9 anos. Os dados também mostram que a violência sexual é a segunda maior notificação entre a faixa etária dos 10 aos 14 anos e o terceiro lugar entre as notificações na faixa etária dos 15 aos 19 (NICOLETTI, GIACOMOZZI & CABRAL, 2017). Entretanto, esses números, possivelmente, são ainda maiores em virtude da subnotificação existente quando se trata de violência sexual (PINCOLINI, HUTZ & LASKOSKI, 2012; SANTOS & DELL'AGLIO, 2010). A Lei Federal 8069/90, o ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente, promoveu expressivo avanço na área de proteção à criança, já que aponta que, para denunciar um abuso de qualquer ordem (psicológica, física, sexual), não é necessária uma prova, apenas apresentar a suspeita de que o abuso ocorra ou ocorreu, conforme seu Artigo 13 (Ministério dos Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Proteção dos Direitos da Criança e Adolescente, 2018).

coração. Aquele senhor, que as pessoas consideravam tanto, era um monstro! Não tive culpa, ele me obrigava, nunca gostei daquilo.”

Após acolhê-la com as palavras necessárias para ajudá-la a superar a angústia que o seu relato lhe causara, foi proposta uma pequena caminhada pelo pátio do asilo, desfrutando do assento à beira de uma árvore e com caminhada em direção aos vasos de flores para regá-las. Posteriormente, ela foi levada ao refeitório para tomar o lanche da tarde e depois, para o seu quarto. Ela estava tranquila, relaxada e com vontade de dormir.

Nos encontros subsequentes, detalhou sobre as experiências da sua infância e os abusos que sofrera por parte do seu avô. Também mencionou, por várias vezes, a dor de se sentir doada aos avós paternos e a dor da morte da sua mãe e da avó. Discorreu sobre o amor que sentia por Rosa e a repulsa e o nojo que sentia em relação aos homens, considerando-os, genericamente, com as características negativas. Em dado momento, argumentou:

Ficava pensando que, com uma mulher nova, eu não sentiria dor e não tinha que enfrentar as pelancas fedorentas que os homens têm. Mas é claro que eu sou mulher, nunca que podia casar com outra mulher, mas, se eu fosse homem, eu casava com Rosinha.

Os únicos contatos íntimos com homem foram extremamente desagradáveis e geradores de dores físicas e emocionais, o que pode explicar a falta de interesse de Dona Majú pelo sexo oposto. Entretanto, a maneira como discorria sobre Rosa revela o sonho de uma relação amorosa muito diferente da traumática e repugnante experiência sexual com o seu avô. Os relatos de Dona Majú apontavam para uma vida íntima prazerosa no campo do imaginário, já que demonstrava encantamento pelos atributos femininos de Rosa (mocidade e perfume).

Diante do sofrimento psíquico de Dona Majú, no décimo primeiro encontro, foi iniciado o processo psicoterápico da Dessensibilização Sistemática, utilizando-se técnicas que pudessem ajudá-la a se aproximar, gradativamente, dos homens e mostrar que eles, assim como as mulheres, não eram todos iguais, que existem homens bons e ruins, cheirosos e malcheirosos, os que promovem o bem e os que promovem o mal, independentemente da idade.

Como parte do processo, foram selecionadas revistas que continham fotos de homens jovens e velhos, em diversas situações. Era uma forma de iniciar um recurso de aproximação de Dona Majú daquilo que lhe causava mais pavor: os homens. Foram apresentadas figuras de homens velhos, fazendo gestos bons, e homens novos, fazendo atos ruins, visando mostrar

que nem todo velho é ruim, assim como nem todo jovem é bom. A bondade e a maldade podem acontecer em qualquer faixa etária, com ambos os sexos.

No início, a entrevistada não fixava o olhar nas fotos dos velhos, privilegiando as gravuras dos homens novos, mas ela era incentivada a olhar para as gravuras dos homens velhos, apontando os gestos de bondade que eles estavam fazendo no momento em que foram fotografados. Gradativamente, Dona Majú foi aceitando a proximidade com as fotos, evidenciando que fitá-las já não lhe causava mal-estar. Paralelamente, foi aplicada a técnica de respiração diafragmática, com ela deitada em sua cama, visando promover alívio das características (emocionais) ansiosas e relaxamento muscular.

As propostas de proximidade com os homens passaram a acontecer fisicamente. Ela foi levada ao pátio, no horário em que outros internos se encontravam tomando banho de sol. No início, mantinha distância dos homens, mas, aos poucos, passou a aceitar se sentar ao lado deles e, posteriormente, aceitou conversar com eles. O processo total de aproximação com os homens se estendeu por cinco sessões. Após esse período, a idosa passou a agir com serenidade e tranquilidade quando se aproximava deles. O contato gradual com os homens se estendeu à Capela, a ponto de Dona Majú relatar: *“Estou gostando de assistir às missas, mas perdoar aquele sujeito é outra história.”*

3.1 Relação subjetiva de Dona Majú com os seus objetos afetivos

Quando Majú foi levada para a casa dos avós, ela pegou a aliança da sua mãe, que estava guardada na gaveta do armário da cozinha, e a guardou entre os seus pertences por oito anos, passando a usá-la aos 16 anos. A aliança da sua avó foi adquirida no dia do seu velório, quando solicitou aos familiares que lhe dessem aquele artefato, colocando-o e mantendo-o junto à aliança da sua mãe. A terceira aliança, utilizada no dedo médio da mão esquerda, com o anel disposto acima, foi ganhada da sua patroa.

Ela um dia me disse que eu devia gostar de anéis porque nunca tinha tirado as alianças do dedo, por isso me deu uma aliança e um anel que ela tinha. Disse que era coisa simples, mas me dava porque nunca tinha me dado nada aquele tempo todo que morei e trabalhei lá. Não sei porque, mas me lembrei de Rosinha quando vi esses dois aqui [apontando para a aliança e o anel que ganhou da patroa]. Gostei e também nunca mais tirei do dedo.

Os anéis que possuía eram os únicos objetos antigos que carregava consigo e que se ligavam a lembranças de pessoas que marcaram positivamente a sua vida e foram boas para com ela. As alianças da mãe e da avó reportavam às pessoas que cuidaram dela. Traziam

lembranças do amor materno vivido ao lado da sua mãe e o cuidado da avó que a mandou embora para livrá-la dos abusos do avô. Os outros anéis lhe foram dados pela patroa, que disse ser uma forma de recompensá-la pelo tempo em que vivera e trabalhara para aquela família. Aqueles anéis reportavam à valorização e ao reconhecimento pelo trabalho desempenhado por toda a sua juventude, vida adulta e velhice. A terceira aliança trazia a memória de Rosinha, a única pessoa com quem gostaria de ter se casado.

Dona Majú possuía também quatro terços. Sempre que se encontrava deitada em seu leito, os quatro terços permaneciam na sua mão direita, entrelaçados e ligeiramente embolados. Ela disse que ganhara os terços de pessoas estranhas que a visitaram na ILP.

As pessoas devem achar que os velhos precisam rezar. sempre ganhei terços aqui, mas fiquei só com esses aqui. São os que mais gostei. Quando quero rezar para a minha mãe e minha avó, uso esse preto; é quando meu coração fica apertado. Sinto saudades, mas uma saudade que não tem volta, só quando eu me for que encontrarei com elas. Já o cinza, uso para rezar para os meus irmãos; sinto mais saudade das meninas, não sei se estão vivas, não tenho notícias. Esse aqui (de madeira) rezo para Deus ter piedade da minha alma.

Ao falar dos terços, Dona Majú ficou em silêncio, como costumava fazer quando alguma lembrança lhe parecia mais dolorida. Estimulada a continuar o seu relato, disse: *“Esse terço cor de rosa eu rezo para Rosinha, não rezo sempre porque é o que me causa maior tristeza. Não sei onde anda a Rosinha. Nunca mais tive notícias, mas gosto de rezar para ela, seja para vida ou morte dela.”* Ela relatou que, quando utilizava o terço rosa em suas orações, ela ficava mais desanimada, retraída, tristonha e costumava não se levantar, passando o dia todo acamada, sem interagir com as pessoas, murmurando algo repetitivo e melancólico, tipo uma lamentação. Como esse artefato gerava maior desconforto emocional, trazendo um misto de expectativas e saudades de algo que não vivera ao lado de Rosinha, ele era o menos utilizado. *“Rezo pouco nesse terço cor de rosa, fico muito tristonha ao me lembrar de Rosinha.”* Foi perguntado se ela gostaria de falar sobre Rosinha e ela disse que falaria em outro momento.

Quando usava o terço preto para rezar para a mãe e a avó, ela sentia-se saudosa, porém conformada com a morte. O terço cinza, que usava para orar pelos irmãos, causava tristeza atrelada à dúvida, pois ela não sabia se os irmãos estavam vivos. Assim, ela não se focava nas orações, pois costumava interrompê-las para conversar com as pessoas e interagir com os visitantes, oscilando tristeza com alegria. As cores dos terços demonstravam alguns dos sentimentos de Dona Majú, revelados em sua narrativa. O preto (luto): *“coração apertado”*, *“saudade que não tem volta”* (morte); cinza, associado à dúvida, *“dor da saudade. Não sei o*

que aconteceu com eles. Nunca mais tive notícias"; cor de rosa: *"Rosinha bela, cheirosa"*, a dor mais profunda, o amor não vivido, os sonhos arrancados.

Já o terço de madeira era voltado para os seus sentimentos mais intrínsecos, envolvia pedido de clemência a Deus e medo do que viria após a sua morte, cuja incerteza lhe gerava ansiedade. Ela afirmou utilizá-lo para as orações durante as noites de insônia. Ao explicar as cores dos objetos e as suas relações com as pessoas que guardavam em sua memória, a narrativa da idosa apontava para menor ou maior grau de sofrimento e recordações. Enquanto uns causavam a maior saudade, outros remetiam à lembrança atrelada à dúvida e à tristeza profunda. Para cada um dos momentos de suas orações, conduzidos pelos seus artefatos religiosos, havia características distintas de humor. Conforme Bleuler (1985), do ponto de vista biológico, o humor corresponde à primazia de uma função vital que pode ser compreendida como envolvente de todas as atividades emocionais, vegetativas e intelectuais. Assim, infere-se, ainda, que o humor pode influenciar os comportamentos dos indivíduos.

Além dos anéis e terços, Dona Majú possuía duas bonecas, que se encontravam próximas ao seu travesseiro ou deitadas ao seu lado. A boneca maior tinha lenço colorido com cores amarronzadas, amarrado na cabeça, com nó exposto na altura da testa, grampinho cuidadosamente colocado por cima do lenço, roupa de tecido cinza, com manga bufante, sobreposta por uma capa de plástico. Um cinto prateado, modelando a cintura, chupeta cor de rosa na boca, além de ser envolvida por um plástico, que era amarrado na cintura e debaixo dos joelhos. A boneca menor tinha cabelos loiros, com um coque no alto da cabeça, penteado original de fábrica e era ornamentada por uma faixa de renda bege, na altura dos quadris e na cintura, blusa roxa e calça cinza.

Para adquiri-las, ela disse que, de tempos em tempos, solicitava a alguém que jogasse as bonecas fora e lhes trouxesse novas. *"Não gosto de pessoas velhas."* Mencionou ainda que pedira à diretora da ILP para jogar as bonecas fora, bem longe dali, onde ninguém pudesse pegá-las nem abusar delas. Assim como ela fora para longe, queria que as bonecas também fossem para longe. Em seguida, solicitara novas bonecas, indicando que fosse uma maior e outra menor. Ao ser indagada se não seria melhor doar as bonecas velhas para outra pessoa que não possuía nenhuma, ela respondeu:

De jeito nenhum, não dou as bonecas; peço para jogar fora, bem longe, onde ninguém encontre. Como eu te disse, não gosto de pessoas velhas, por isso peço bonecas novas. A dona daqui me dá. A gente dá é animal. As minhas bonecas eu não dou. Prefiro jogar fora.

O não doar as suas bonecas reporta à sua própria trajetória de vida, marcada pelo fato de ela ter sido doada para os seus avós, posteriormente, para uma família estranha e, por fim, para o asilo. A cada nova residência, ela deixaria para trás suas referências e relações. Os lugares onde ela morou nunca eram definidos por ela própria, mas por outras pessoas que decidiam os rumos de sua vida.

Dona Majú fora explorada a vida toda na casa de uma família para a qual trabalhara sem receber salário ou ter carteira assinada. Apesar disso, o trabalho braçal, livre de violações sexuais, realizado por várias décadas, possibilitara o estabelecimento de amizade e consideração com a sua patroa, que, ao ficar viúva, se tornara dependente fisicamente de Dona Majú. Ela ainda ajudou no cuidado da filha da sua patroa (Daniela, que faleceu aos 50 anos, com câncer de estômago), dos filhos de Daniela, bem como da própria patroa, que morreu tempos depois da Daniela. Com o falecimento da sua patroa, na mesma semana, Dona Majú foi institucionalizada por João, neto da primeira. Assim, ela afirmou não se sentir considerada pelas pessoas com quem convivera: *“Parece que eles estavam esperando ela morrer para me trazer para cá; perdi a serventia para eles.”* Dona Majú recebia visitas frequentes de João. *“Ele sempre fala que me trouxe para cá porque não tem como cuidar de mim. A esposa dele não tem simpatia comigo.”*

Dona Majú não queria que as suas bonecas “vivenciassem” a dor de ser doada, algo que ela experimentou quando criança, por isso, elas eram frequentemente substituídas sem ser doadas ou antes que ficassem velhas. Sua trajetória levou-a a internalizar a ideia de que a convivência com as pessoas velhas não é boa, pois seu avô, que a violara sexualmente, e sua avó, que precisara doá-la para defendê-la, eram pessoas velhas.

Ao ser questionada sobre quando reconhecia que as suas bonecas tinham envelhecido e precisavam ser trocadas por outras novas, Dona Majú disse: *“Quanto elas estão ficando sujas, aí sei que ficaram velhas; as pessoas velhas são sujas e cheiram mal.”* Assim, quando as bonecas ficavam velhas, elas precisavam ser trocadas por novas, como forma de recusa à velhice para evitar a dor.

Ao perguntar como ela via o próprio envelhecimento, ela respondeu que evitava ao máximo olhar para as suas mãos, nunca se trocava na frente dos outros, só no banheiro, sempre de costas para o espelho. *“Até para pentear os cabelos não gosto muito de olhar no espelho. Dizem que eu tenho mais de 90 anos, mas sei que não passo dos 50.”* Nessa fala, a entrevistada deixava evidente a sua resistência ao seu processo de envelhecimento.

A diretoria da ILP informou que Dona Majú solicitava a troca das bonecas e também de tecidos, plásticos e pedaços de barbantes, paninhos e grampinhos de cabelo. *“Nunca consegui compreender os pedidos daquela idosa. Isso sempre me instigou. Ainda a atendia, pois parecia lhe causar alegria.”* Disse ainda que, quando ocorriam as trocas das bonecas, a própria idosa se encarregava de ornamentá-las. *“Aquilo parecia muito importante para ela.”*

O plástico que cobria a extensão do corpo da boneca maior e era amarrado na cintura e nos joelhos era uma forma de mantê-la inviolável para que ninguém pudesse forçá-la a se abrir ao indesejável. A rigidez e impermeabilidade do plástico e a força contida nos nós que prendiam às pernas funcionavam como uma armadura protetora e inviolável para evitar o estupro: *“Aquilo foi a pior dor que já senti; isso não deveria acontecer com uma criança, é muito sofrimento, é uma covardia.”*

A boneca que corporificava o medo e as aversões subjetivas da sua proprietária personificava a sua própria experiência com a dor e o medo. Ela simbolizava todo o sofrimento que a idosa tivera ao longo da sua meninice: *“A maior ainda chupa bico, assim dá para ver que ela é criança; não deve botar outra coisa na boca, só o bico.”* A chupeta que ocupava a boca da boneca simbolizava a recusa ao sexo oral ao qual a dona da boneca fora submetida, bem como a proteção que a mesma gostaria de ter tido.

O avô que abusava de uma menina de oito anos apresentava um corpo deteriorado, enrugado e malcheiroso, devido à falta de cuidados higiênicos, suor resultante do trabalho braçal debaixo do sol quente e resquícios de urina presentes em suas roupas. A combinação desses odores era para ela repugnante: *“O pior cheiro que já senti em toda a minha vida.”* Essa experiência a levava a evitar as pessoas velhas para fugir do desprazer de conviver com aquele cheiro que remetia a uma experiência traumática.

A relação de Dona Majú com os seus objetos reportava à percepção de que o velho é sujo, ruim, promotor de dor e de violação. Além disso, referia-se à ideia de que as relações familiares são provisórias como suas bonecas, que deviam ser substituídas.

Ao longo de sua vida, Dona Majú viveu vários lutos. Py (2004) ressalta que o luto é um trabalho psíquico, que se faz pelas perdas que vamos sofrendo ao longo da vida e não se restringe à morte de uma pessoa querida, ou seja, o luto se dá como reação emocional frente a uma significativa perda. Dona Majú passou por vários episódios de luto ao longo da sua trajetória. Enlutou-se ao perder os pais, ao perder o convívio com os irmãos, ao perder a sua meninice, já que, na sua infância, foi forçada ao serviço doméstico, incompatível com a sua faixa etária. Perdeu, por outras duas vezes, os novos lares onde residira; perdeu todos os

pertences pessoais que juntara ao longo desses períodos em contato com novas famílias; e perdeu o direito às experiências não vividas, eliminando, assim, os seus sonhos. Arrancaram-lhe o direito às escolhas e, por consequência, ela perdera o encantamento de uma vida vivida conforme os direcionamentos de outrem.

As bonecas, que, em alguns casos, foram utilizadas para protagonizar os sonhos da criança, nesse caso, promoviam, em Dona Majú, uma lembrança constante dos abusos que lhe tinham roubado a sua capacidade de sonhar. Nesse sentido, Bollas (1992) e Cromberg (2001) evidenciam que uma devastação significativa relacionada ao abuso sexual infantil está no empobrecimento na capacidade de sonhar. O temor em sonhar é intenso, pois não encontra um alívio na realidade. Nesse sentido, o avô que abusou acabou com o imaginário da, então criança, Majú. Assim, é como se não sobrasse espaço psíquico para poder brincar. Os objetos afetivos do presente possuem outra função: lembrá-la constantemente da dor. O sonhador tem a sensação de como se estivesse constantemente retornando à cena ansiogênica (PACHECO; MALGARIM, 2011).

Fíguro-Garcia (2000) acrescenta que o aparelho psíquico da criança fica inundado de lembranças do traumático, não deixando espaço para brincar, pois há um empobrecimento na capacidade do devaneio. No caso em análise, as bonecas não possuem o propósito da fantasia, mas das reminiscências traumáticas.

Dona Majú faleceu durante o processo da pesquisa, deixando um rico legado para o universo acadêmico, pois a sua participação neste estudo contribuiu para a compreensão da complexidade das relações subjetivas entre pessoas idosas-objetos afetivos. Entretanto, é acalento saber que o período final da sua vida foi experienciado por certo alívio emocional e superação das suas dores traumáticas, uma vez que a participante já desfrutava de melhoras significativas do seu quadro de sofrimento psíquico. Embora, nos momentos destinados às entrevistas, tenham se contabilizado revelações paulatinas de um passado de dores diversas, angústia, revolta, repulsa e medo, esses sentimentos foram amenizados por meio dos recursos psicológicos que foram disponibilizados a ela, favorecendo o preparo para a sua morte. Como ela mesma dizia: *“Os bons têm a morte que merecem, sem sofrimento; dormem e não acordam mais.”*

4 DONA DOLORES: OBJETOS EMBALADOS PARA RETORNAR AO LAR

“Eu preciso estar pronta para partir.”

Dolores tinha 90 anos, 11 anos de institucionalização. Era analfabeta, solteira, primogênita de uma família extensa, com onze irmãos; nasceu na zona rural de uma cidade pequena mineira, com cerca de 20 mil habitantes. Permaneceu até a idade adulta (não soube precisar) na residência da sua família, na zona rural. Após a morte da sua mãe, foi se responsabilizando pelos cuidados dos irmãos. Anos após (não soube precisar), com a morte do seu pai, a sua família decidiu vender a propriedade e Dolores foi para a cidade próxima, viver na casa de um dos irmãos, onde prestava serviços domésticos e de cuidados com as crianças.

No ano de 2004, seu irmão a encaminhou para a Instituição de Longa Permanência, localizada numa cidade a cerca de 80 quilômetros do seu município de origem, onde ainda permanecia por ocasião da pesquisa. Dona Dolores não mantinha contato com os seus familiares, não possuía amigos fora da ILP onde estava internada e seus contatos eram exclusivamente com os pares e a equipe da ILP, além dos voluntários que prestavam benevolência, aspecto caritativo da assistência, ou visitantes que costumavam frequentar o local.

No processo investigativo, foram realizados 16 encontros destinados às entrevistas, totalizando 21 horas trabalhadas. Durante todos os encontros, ela se encontrava na mesma situação: sentada na sua cama, dobrando e/ou organizando os seus pertences. Do ponto de vista físico, tratava-se de uma pessoa idosa parcialmente limitada, já que utilizava um andador para lhe auxiliar a caminhar e que permanecia ao lado do seu leito. Embora com limitações físicas, a idosa possuía independência e autonomia para realizar pequenas tarefas, como arrumar e organizar a sua cama e os seus pertences, além de fazer sozinha suas refeições e a própria higiene íntima.

No primeiro encontro, ela foi convidada a participar deste estudo. Desde o contato inicial, percebi que ela era uma pessoa afetuosa, sorridente, acessível e disponível à participação na proposta deste trabalho. Nesse momento, foi feita uma explanação sobre os objetivos da pesquisa, solicitando a sua participação, quando foi feita a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e ainda foi oferecido um momento de acolhimento e de esclarecimento de dúvidas.

Dona Dolores manifestou a intenção de participar da pesquisa, compreendeu a proposta do estudo, não fez questionamentos e, em seguida, relatou que costumava frequentar os eventos que a instituição disponibilizava, como atividades religiosas, atividades voltadas à saúde física e de cunho recreativo. Embora tenha alegado boa convivência com os colegas de asilamento e participação nos eventos oferecidos pela ILP, Dona Dolores pareceu, naquele momento, bastante agitada, desconfiada, retraída e desolada. *“Participo de tudo que tem aqui, recebo as visitas, gosto de conversar com as pessoas”*, contou.

O diálogo foi interrompido por uma cuidadora que, ao entrar nos seus aposentos, o fez sem pedir autorização; perguntou se não tinha nenhuma peça de roupa para lavar e a repreendeu: *“A senhora precisa sair, tomar sol, vai acabar ficando doente. Precisa colocar suas roupas para lavar. Amanhã, se não colocar, terei que informar à diretoria.”* A interpelação da funcionária ofereceu indícios de que a interna permanecia quase que a totalidade do tempo no seu quarto, limitando-se a sair nos momentos das refeições, quatro vezes ao dia, quando fazia uma caminhada em um percurso inferior a dez metros, já que o seu quarto ficava na mesma ala e, assim, próximo do refeitório.

Naquele mesmo dia, mais tarde, a mesma cuidadora que estivera no quarto da participante da pesquisa, informou que Dona Dolores costumava sair para as missas aos domingos e que aceitava bem as atividades propostas pela ILP, desde que pudessem ser executadas em seu quarto. *“Não compreendo, ela consegue andar bem, amparada pelo andador, mas só faz as atividades que os estagiários promovem no seu quarto.”* Essa informação possibilitou inferir que ela não se sentia motivada a sair de seu quarto.

Ainda nesse primeiro contato, em que o objetivo principal era o de me apresentar e conhecê-la, foi possível observar a dupla invasão de privacidade que a interpelação da funcionária causou. A primeira invasão presenciada foi a maneira com que aconteceu a sua entrada no local. Não bateu à porta ou fez qualquer aceno no sentido de solicitar permissão para entrar. Fê-lo abruptamente, causando susto na interna e, segundo, não menos impactante, interrompendo o raciocínio lógico da sua fala, quando, com o tom de voz superior ao daquela pessoa, expôs a sua percepção sobre a mesma, sem que fosse acionada a isso. Uma situação clara de desconsideração com o espaço físico e íntimo da asilada, que manifestou, imediatamente, sentimentos inóspitos, alegando que a prática de entrar abruptamente era algo generalizado no seu dia-a-dia.

Essa situação de invasão da privacidade no ambiente asilar é corroborada por Caldas e Pamplona (2013, p. 202), que mencionam que “nesse espaço, os indivíduos se tornam

cidadãos violados em sua individualidade, sem controle da própria vida, sem direitos a seus pertences sociais e à privacidade, com relação difícil ou inexistente com funcionários e o mundo exterior”.

Devido à violação de sua intimidade, as autoras supracitadas ressaltam que “os idosos institucionalizados experimentam sentimentos de medo, de insegurança e de solidão frente a uma realidade diferente e estranha, nesse momento tão frágil da vida. Pessoas estranhas lhe são apresentadas, como maneira de aproximação àquele mundo desconhecido” (p. 203).

Herédia et al. (2004) afirmam que a institucionalização é mais que uma mudança de um ambiente físico para outro, pois exige do institucionalizado a necessidade de investir em novas relações pessoais e interações no seu novo ambiente social, ajustando-se ao novo. A situação de institucionalizado, geradora de estranheza em meio ao desconhecido, pode desencadear sentimentos de medo, além de sensações ansiogênicas e de abandono.

Perlini et al. (2007) destacam que a transição da vida na família para o processo de institucionalização pode ser geradora de um expressivo impacto para os idosos, seja do sentimento de pertença, seja pela perda de suas referências identitárias, o que pode promover repercussões na saúde mental e emocional de quem vive no ambiente asilar. As autoras ampliam a problemática, ressaltando que a ILP pode retirar, dos idosos, parte de seu poder de decisões e respeito às suas vontades, já que, na maioria das vezes, as mesmas passam a ser de domínio da instituição (PERLINI et al., 2007).

Nos encontros subsequentes com Dona Dolores, foi necessário relembrar o propósito da pesquisa, já que ela sempre solicitava novas explicações acerca do estudo, havendo, em seguida, a adesão imediata da sua participação. Os esquecimentos da participante da pesquisa apontavam para um comprometimento cognitivo, que não retirava seu entusiasmo para falar.

Durante as entrevistas, ela avisava, por diversas vezes, que, a qualquer momento, teria que interromper a sua participação. Quando solicitada a explicar o motivo da provável interrupção das entrevistas, a participante dizia que esperava pelo seu irmão, que, a qualquer momento, chegaria para buscá-la na ILP. Sua narrativa era aflita, com frases emboladas, cortando o final das palavras, as quais serão ilustradas ortograficamente para que fique evidente o grau de nervosismo da participante. Porém as demais narrativas da Dona Dolores serão descritas na sua integralidade para facilitar a compreensão das mesmas: *“Estou esperan... alguém que chega..., a qualquer momen..., para me levar para cas..., assim vou participan... até que ele che...”*

Diante de sua ansiedade, procurei tranquilizá-la, explicando que ela poderia interromper as entrevistas caso fosse necessário, por esse ou qualquer outro motivo que pudesse surgir durante o processo da sua participação neste estudo.

A participante se mostrou, naquele momento, bastante agitada e preocupada com a situação exposta por ela. O fato de ter que sair a qualquer instante sugeriu, naquela ocasião, o provável motivo das suas características emocionais, mesmo que ainda superficiais. Embora demonstrasse esse comportamento acelerado, Dona Dolores não teve dificuldade em relatar sobre a sua história de vida. Iniciou sua narrativa espontaneamente, como quem está acostumada a ser interpelada pelos visitantes que frequentam a ILP e comumente buscam interagir com os internos.

Revelou que teve dois pretendentes ao matrimônio e se interessou por ambos, mas não viu possibilidade de investir em relacionamentos românticos, uma vez que se percebia com inúmeras atribuições domésticas. Como colocava a sua vida pessoal em segundo plano em detrimento das tarefas domésticas, renunciou ao casamento para cuidar da família e da casa.

Desde muito nova, Dona Dolores precisou lidar com as perdas. Sua trajetória foi marcada por diversos processos de enlutamento que, conforme Py (2006), se dá com a perda de pessoas estimadas, mas também por outras perdas significativas, sejam elas de um espaço social ou de uma situação ou condição. Sua mãe faleceu quando era criança, por ocasião do parto do seu irmão caçula, quando ela tinha aproximadamente doze anos de idade. Depois perdeu um irmão, vítima de sarampo. O seu pai se casou com sua tia, irmã da sua mãe. Relatou sofrimentos intensos nessa nova relação com a tia como madrasta, que não manifestava amor. Assim, ela se viu na obrigação de assumir os cuidados com os sete irmãos: cinco meninas e dois meninos.

Da relação do pai e a tia nasceram outros três filhos, todos meninos. Ela foi assumindo todo o cuidado com os novos “*meios-irmãos*” – como se referiu aos mesmos. Manteve-se na roça e na cidade vizinha por toda a sua vida. Não estudou, não sabia, sequer, escrever o seu nome. Disse que nunca votou. Um dos seus sonhos era ir à cidade votar, mas não tivera essa oportunidade: “*Vejo na televisão todo mundo falando que vai votar; estão brigando por causa disso, até acho engraçado. Eu queria muito votar, mas não tenho leitura.*”

Dona Dolores aprendeu a costurar sozinha e fazia suas próprias roupas e as dos seus irmãos. Sua mãe possuía uma máquina de costura, que lhe fora deixada de herança. “*Não me desfaço dela, é a única recordação da minha mãe.*” Ao ser indagada sobre o paradeiro da máquina de costura, ela disse, com um sorriso esperançoso no rosto: “*Meu irmão mais novo,*

o Joaquim, me trouxe para cá por alguns dias. Ele está guardando a minha máquina. A qualquer hora ele aparece aqui pra me buscar; como tenho poucas coisas, não vou atrasar o meu irmão.” Numa demonstração de preocupação com a chegada, a qualquer momento, do seu irmão, ela acrescentou: *“Ele chegando, já posso ir com ele. Tudo que é meu está naquelas sacolas debaixo da minha cama.”*

Ao se referir aos seus pertences, convidou-me a abaixar para ver as suas sacolas. De fato, estavam lá: duas maiores e uma menor. Suas roupas estavam bem dobradas e bem organizadas nas sacolas. Na menor, se encontravam os seus pertences de higiene pessoal. O sabonete usado, disposto na sua embalagem original de papel, molhada e já se desfazendo. Ela me explicou que, quando precisava usar o sabonete, o retirava da embalagem; em seguida, secava-o com a toalha e voltava a colocá-lo na embalagem. *“É preciso estar tudo no lugar quando o meu irmão chegar para me buscar. Ele trabalha muito, não poderá esperar juntar tudo; assim, já deixo cada coisa no seu lugar. Sabonete molhado pode estragar as minhas coisas, por isso seco bem sequinho e coloco no papel dele”*, detalhou Dona Dolores ao mostrar os seus pertences, mantidos organizados, em um capricho impecável.

A única peça de roupa de Dona Dolores que não se encontrava embalada para viagem era a sua toalha de banho. Essa ficava dependurada no banheiro para se manter seca. *“Roupa molhada dá cheiro ruim, precisa estar sequinha quando o meu irmão vier me buscar; assim, uso na hora do banho e já deixo aí secando”*, explicou. Ainda sobre a sua única toalha de banho, prosseguiu: *“Se, por acaso, eu me esquecer dela, ou se meu irmão achar melhor não levar porque pode estar molhada, não tem problema; já falei com a minha colega que dorme aqui do lado que pode ficar pra ela.”*

Dona Dolores vivia o seu presente conectada, sofredamente, com o seu futuro, demonstrando características ansiosas na sua oralidade. As palavras eram atropeladas, ditas umas sobre as outras, sem a conclusão de cada uma delas, tornando sua narrativa confusa. Era um quadro clássico de ansiedade, aqui observada dentro da dinâmica da espera por algo que almeja acontecer – neste caso, ser levada de volta para a sua residência e reencontrar a sua máquina de costura.

Figueiredo (1999) conceitua a ansiedade como angústia, ânsia, incerteza aflitiva ou ainda desejo ardente, características explícitas naquela pessoa que fazia da espera pelo outro a sua própria relação com os seus objetos afetivos. Seus limitados pertences se encontravam embalados, prontos para a “sua viagem de volta”, indisponíveis para o seu manejo. Ela os retirava das suas respectivas embalagens quando necessitava utilizá-los, reorganizando-os em

seguida. Muitas vezes, a dinâmica de retirá-los e depois guardá-los levava aquela idosa a não usar os seus pertences. *“Às vezes evito de conversar com as minhas bonecas para não correr o risco de me esquecer delas; meu irmão vai chegar e sair rápido comigo; ele é muito ocupado, não posso deixar as minhas bonecas para trás.”* Assim, a portadora limitava o uso do que portava, não se beneficiando adequadamente dos seus pertences.

As características ansiosas da participante da pesquisa a levavam a investir o seu tempo se organizando para um retorno que parecia não existir. Em todos os nossos encontros, a idosa nunca foi encontrada descansando em seu leito ou passeando nas áreas externas ao seu quarto, sempre sentada na sua cama ou andando com certa dificuldade motora, de um lado para o outro, com a finalidade de organizar os seus pertences. Ela dobrava, desdobrava, organizava uma peça sobre a outra, conferia tudo, colocava nas sacolas. Essa dinâmica parecia interminável e era a única ocupação física e emocional daquela pessoa idosa¹⁴. A esperança de seu irmão via para buscá-la a qualquer momento a impedia de participar das atividades da instituição, para não correr o risco de perder a oportunidade de voltar para casa.

Segundo informações transmitidas pelos membros da diretoria da ILP, o asilamento de Dona Dolores fora uma situação de abandono. Ela fora enganada quanto a sua institucionalização; nunca recebera um telefonema ou uma visita de qualquer membro da sua extensa família. Um dos mais antigos colaboradores da instituição informou que estava presente quando Dona Dolores chegou. Participou, inclusive, da inserção da interna com a documentação e trâmites burocráticos exigidos pela ILP. *“O irmão dela que assinou a documentação como responsável. Ele deixou um telefone para contato e, como Dona Dolores chorava muito no início, solicitando a presença do irmão, foram feitos telefonemas, comunicando o sofrimento da interna, mas eles nunca foram visitá-la.”* Prosseguindo com a explicação: *“Tempos depois, numa das tentativas de falar com esse irmão, fomos informados que aquele número não mais lhe pertencia. Trocaram de número para não receberem notícias dela; a abandonaram aqui.”* (Mauro, 72 anos, colaborador voluntário da ILP).

A sensação de abandono que a idosa demonstrava me pareceu, naquele momento, estar atrelada às inúmeras perdas ao longo da sua trajetória. Ficou órfã, perdeu um irmão, perdeu a sua juventude, a oportunidade de constituir a sua própria família, a possibilidade de frequentar a escola, a sua máquina de costura e o direito ao voto – uma das suas queixas mais calorosas.

¹⁴ O termo ocupação emocional, neste estudo, diz respeito às atividades que possam distrair, mesmo que parcialmente, os seus pensamentos exaustivos em torno da sua volta para a sua residência de origem – situação causadora de intenso sofrimento.

São lutos que precisou elaborar, e o abandono desse irmão, que a deixou por um período e não mais voltou, promoveu a vivacidade desse enlutamento.

Procurei compreender como a ILP lidava com o abandono e o mesmo colaborador voluntário completou:

Não tem como localizar as famílias. Eles deixam um telefone de contato; se isso se mantiver, tudo bem, mas, na grande maioria das vezes, os familiares trocam de número. O endereço que deixam costuma ser vago. No caso de Dona Dolores, o que consta aqui é a origem da zona rural de determinado município. Não temos pessoal ou recursos para fazer um rastreamento para a busca pelas famílias. Quando os idosos abandonados falecem, nós mesmos é que providenciamos o enterro. É muito triste, mas, em alguns casos, não procuram nem saber se os seus velhos estão vivos ou se já morreram. O caso de Dona Dolores não é uma exceção, lamentavelmente. (Mauro, 72 anos, colaborador voluntário da ILP).

Embora a participante tivesse inteira noção de que se encontrava residindo num lar coletivo, onde tinha a oportunidade de conviver com os seus pares, mesmo que, para ela, temporariamente, a mesma se queixava de solidão. Dizia ter apenas as suas duas bonecas como companhia. Relatava não poder interagir com os colegas, sair da área íntima onde se encontrava o seu dormitório. O máximo que a mesma se permitia era ir e vir, era o percurso de aproximadamente 10 metros do seu quarto ao refeitório. Todo esse afastamento que lhe reforçava a sensação de solidão podia ser explicado pela espera por seu irmão, que, conforme argumentava a todo momento: *“pode chegar a qualquer hora e é preciso estar pronta”*.

A dinâmica em que Dona Dolores se colocava à espera do seu irmão a deixava numa situação de extrema solidão, já que o ter que esperar por esse familiar a impossibilitava de sair dos seus aposentos e conviver com os seus pares. Para Azeredo e Afonso (2016), a solidão é um sentimento penoso e angustiante, que conduz a um mal-estar, em que a pessoa se sente só, ainda que rodeada de pessoas, por pensar que lhe falta suporte, sobretudo de natureza afetiva.

4.1 A relação subjetiva de Dona Dolores com os seus objetos afetivos

Dona Dolores investia em poucos objetos, todos organizados para viagem. O fato de possuir minimamente alguns pertences não era uma escolha sua, mas, sim, por consequência das atitudes de outrem. O cordão que utilizava no momento ela disse não saber ao certo quando e de quem ganhara. Ela o mantinha no pescoço, porém não se dava conta de que o estava usando. Ao ser convidada a falar do seu cordão, ela relatou: *“Nem sabia que estou usando um cordão. Com certeza alguém me deu, coloquei no pescoço. Não me lembro, só sei*

que ganhei de alguém.” Ela parecia não se identificar com o objeto utilizado, já que não se lembrava dele, demonstrando a sua passividade quanto ao recebimento e manutenção do ornamento, que não fazia parte da sua história e de suas referências de vida.

Possuía duas bonecas também ganhadas, mantidas em uma sacola de plástico, cuja origem desconhecia, pendurada na cabeceira da sua cama. Só as retirou para “apresentá-las” a mim e guardou-as em seguida. Disse que as retirava da sacola para acompanhá-la nas suas orações ou quando se sentia muito sozinha. Nesse contexto, argumentou: *“Assim que acabo de rezar, guardo as bonecas na sacola bem depressa; meu irmão trabalha muito, não pode ficar me esperando muito tempo. Por isso deixo minhas bonequinhas guardadinhas, não posso esquecer aqui. Gosto muito delas.”*

Solicitei a Dona Dolores que me autorizasse a fotografar as suas bonecas. Ela as acolheu em suas mãos, dizendo: *“Pode tirar o retrato”*. Solicitei, então, a fotografia das bonecas guardadas na sacola, penduradas na cabeceira da sua cama, e ela retrucou: *“Faça-me o favor... bem capaz de fazer uma coisa dessa. Pra quê? De jeito nenhum. Se quer retrato delas é pra ver, não escondidas. Se alguém visse um retrato desses, o que iam pensar de mim? De jeito nenhum.”* Assim, em respeito à opinião da pesquisada, as bonecas só foram fotografadas após serem desembaladas e colocadas sobre a cama.

No nosso primeiro encontro, a idosa estava sentada na beirada da cama, com vestido azul, com detalhes de estampa que imita pele de animal, na cor preta. Vestido de tecido, com gola arredondada, mangas retas, à altura do meio do seu antebraço. Cabelos brancos, com indícios de ressecamento, porém presos para trás, mantidos bem esticados. À sua frente, percebia-se um andador em metal prata, com detalhes de borracha preta, que garantiam sua segurança no seu manuseio.

A cama, com cabeceira em madeira, sobreposta com lençol de tecido amarelo, com elástico nas bordas para se manter esticado. Um travesseiro baixo, encapado, de fronha de tecido branca; sob a peça, uma manta marrom. A idosa apresentava duas bonecas: a maior delas, de pano, com rosto na cor branca, olhos, boca e nariz pintados na cor preta; possuía farta cabeleira de lã na cor marrom, com franja e duas tranças laterais, com laços de tecidos verdes. Chapéu de tecido estampado, predominando a cor verde claro, laços de tecidos verdes nos cabelos e usava um vestido longo, do mesmo tecido do chapéu, com a barra e o babador verdes.

A boneca menor tinha o rosto e os membros de plástico e o corpo de tecido bege, sem usar roupas. Ela possuía uma rendinha na testa. Esse detalhe era o único investimento dela nas bonecas, sendo que ambas se encontravam conforme origem de fábrica.

Dona Dolores não possuía qualquer objeto ou pertence que tinha feito parte da sua história. A forma como se dera a condução da sua institucionalização fora um desrespeito a sua identidade. Todos os seus objetos identitários tinham sido arrancados dela. As informações colhidas sobre a sua institucionalização não possibilitaram saber a motivação familiar pelo ato. Na impressão de Mauro, voluntário na ILP: *“Foi mais um descarte de velhos.”* Seja por motivação de dificuldade da relação familiar com a interna, seja pelo descaso e abandono, a condução dessa institucionalização pode ser considerada desrespeitosa, já que a idosa foi deixada na ILP sem os objetos que remetessem a sua própria história de vida e sem contato com a família, o que retirara dela toda a possibilidade de manutenção da sua condição identitária.

O funcionário Mauro acreditava ainda que a opção de a conduzir à instituição com o mínimo de peças de roupas ou pertences pessoais, por exemplo, poderia ter sido uma estratégia familiar, com o intuito de enganar a idosa, que acreditava que passaria curto espaço de tempo no local. *“Ela foi trazida por um familiar praticamente sem nenhum pertence. Apenas a roupa do corpo e umas peças de roupas numa sacola. A gente percebeu mais tarde que faltavam roupas íntimas, calçados, quase tudo. Tivemos que buscar donativos, inclusive de roupas íntimas, para ela”*, revelou Mauro.

O colaborador ainda informou: *“Tudo que ela usa durante todo esse tempo que está aqui é praticamente ganhado, não sabemos nem como é o gosto dela em relação a roupas e sapatos. Ela usa, sem reclamar, mas acredito que ela sofra com essa situação.”*

O fato é que Dona Dolores não tinha levado seus objetos pessoais, em especial, o único objeto afetivo que ela relatou possuir: uma máquina de costura, deixada por sua mãe, falecida ainda no seu período de infância. Ao se referir a sua máquina de costura, costumava falar no presente e com expectativas de ainda voltar para casa: *“Minha máquina de costura é bonita, eu a deixo guardada na minha casa; quando voltar para casa, voltarei a costurar nela. Acredita que ela tem o cheiro da minha mãe?”*

Para a compreensão da situação de Dona Dolores, reuni-me, por quatro vezes, com a direção e cuidadores da ILP. Os membros da equipe foram unânimes em considerar que a sua institucionalização tinha sido um abandono de vulnerável, o que tinha causado, por vários meses, investimentos na procura por sua família. *“Fizeram uma covardia com essa idosa,*

coitada; além de se sentir abandonada, esquecida e iludida, ela passou pelo constrangimento de ter que usar roupas e produtos de higiene pessoal ganhados. Ela olhava para aquilo com muita estranheza”, afirmou Mauro.

A situação de calamidade em que Dona Dolores se encontrava a levou a uma grande exposição de sua intimidade. Além da tristeza em que se encontrava pelo fato de estar num lugar até então desconhecido, sem saber o que faria e até quando estaria ali, os visitantes se sentiam motivados a visitá-la e a levar donativos. Essa situação trouxe ainda mais intranquilidade e estranheza para a interna. *“Ela ficava assustada, olhava para os visitantes, pegava os donativos, nem olhava. Apenas agradecia. Ela parecia estarecida, deslocada, insegura”,* relatou Mauro.

Tudo que Dona Dolores possui foi dado pelos visitantes, inclusive as suas bonecas. As roupas que utiliza são oriundas de doações, já que chegou à instituição apenas com a roupa do corpo. O irmão e a cunhada dela disseram que voltariam no período da tarde, com o restante dos pertences e as roupas dela. Não trouxeram para que ela não soubesse que ficaria residindo na ILP. Eles falavam com ela que seria por um curto período de tempo, até que fizessem algumas reformas na casa e que ela não poderia estar presente por causa das suas crises alérgicas. Entretanto, não voltaram para trazer nada, aliás, nunca voltaram. Tivemos que buscar, num primeiro momento, por doações entre as próprias internas para que a nova interna pudesse tomar um banho e trocar-se porque faltavam toalhas e as poucas peças na sacola não estavam em condições de uso. Depois compramos os materiais de higiene pessoal para ela e fomos adquirindo roupas e calçados com outros doadores. Ela nos pediu uma boneca, disse que se sentia muito sozinha, estava acostumada com muitas atividades no lar, e aqui se sentia ociosa. Nós, então, a permitimos que fosse para a copa ajudar em algumas atividades, mas ela se sentia muito triste e desanimada. Ela não aceitava sair do quarto. Com o tempo, ela foi superando a tristeza. Atualmente, ela é até bastante sorridente e aparentemente feliz, mas espera pelo irmão diuturnamente. Lamentavelmente, é um caso típico de abandono de vulnerável (Mauro, 72 anos, voluntário da ILP).

Como acreditava na chegada do irmão e não poderia contrariá-lo, deixando-o esperando até que ela organizasse os seus pertences, Dona Dolores já os deixava nas suas respectivas sacolas. Na percepção da idosa, os seus objetos e ela própria precisavam estar prontos para a partida. Precisavam estar embalados para viagem.

Essa postura aponta para uma pessoa com características de submissão. Embora não tivesse mais contato físico com esse familiar, a narrativa de Dona Dolores indica características de quem teve, ao longo da sua trajetória de vida, uma subordinação e obediência que a acanharam desde a infância, quando se percebeu exercendo os cuidados de uma família numerosa, predominantemente composta por figuras masculinas, sendo acostumada a obedecer a ordens e a cumprir as exigências com os afazeres da casa.

Eu cuidava dos meus irmãos, quando mais nova cuidava do meu pai. Eu cozinhava e servia todos os pratos. Eles ficavam no banco esperando o prato, que entregava nas mãos de cada um deles. Na hora do banho, eu esquentava a água, colocava no balde e levava para o banheiro. As roupas e toalhas eu que lavava e entregava nas mãos deles. À noite, depois do serviço na roça, eu esquentava água, colocava na bacia e escaldava os pés de um por um.

A situação de subalternidade em que Dona Dolores vivenciara a sua trajetória de vida ainda era conservada. O irmão que a institucionalizou tinha prometido que voltaria para buscá-la; assim, ela se mantinha pronta para que esse irmão não se aborresse em ter que lhe esperar guardar os seus pertences. Sua narrativa evidenciava certa docilidade diante dessa dinâmica: *“Ele trabalha muito, ainda vai se ocupar em me buscar. Não merece que eu deixe que me espere.”*

Ao ser interpelada quanto ao tempo em que estava na ILP, esperando pela chegada do seu irmão, ela disse não ter certeza, mas que o irmão trabalhava muito e por isso ainda não tinha encontrado tempo para buscá-la. A característica de ansiedade pelo retorno a sua casa mostra que a mesma não aceitava a sua situação de institucionalizada. Sua narrativa era confusa. Oscilava entre lucidez e esquecimentos. Falava de várias coisas ao mesmo tempo, oscilando o tempo verbal entre o presente e o passado. Apresentava expectativa em relação ao retorno para sua casa de origem, fator promotor de transtornos ansiosos.

A ansiedade é um sentimento vago e desagradável de medo, apreensão, caracterizado por tensão ou desconforto derivado de antecipação de perigo, de algo desconhecido ou estranho, levando ao sentimento de hipervigilância, a sensações de apreensão e perda da concentração (CASTILHO et al., 2000).

Durante o processo de entrevistas de Dona Dolores, foi possível constatar quão devastadora era a ansiedade que ela demonstrava sentir. Sua vida era pautada na espera, na vigília, no imprevisto, visto que não conseguia, sequer, retirar as suas roupas das embalagens e arrumá-las no armário ou nas gavetas da cômoda, disposta ao lado da sua cama. Aquela situação de imprevisto a deixava confusa, cansada e impedia a participação dela nas atividades da instituição, deixando-a em constante alerta.

As bonecas que se encontravam com Dona Dolores não tinham estado em sua companhia durante todo o seu longo período de institucionalização. A ILP tinha passado por alguns reparos, o que tinha gerado mudança de dormitório e dos mobiliários da interna, fatos que a levaram a perder ou estragar alguns objetos; assim, tinha havido uma renovação ou substituição das suas bonecas. Em alguns momentos, ela possuía uma, em outros, duas bonecas: *“Sempre que aconteceu de termos que substituir algumas bonecas de Dona Dolores,*

ela nunca fez qualquer questionamento, aceitando muito bem se desfazer de uma e colocando outra no seu lugar.” (Mauro, funcionário da ILP).

Embora se mostrasse afetuosa com as suas bonecas: *“Elas são as minhas companheiras, rezamos e conversamos juntas todos os dias”*, o fato de aceitar bem a troca de antigas por novas aponta para um sofrimento psíquico pouco compreendido na dinâmica de asilamento da mesma, porém implícito na sua relação subjetiva com as bonecas. Uma relação de improviso, superficial e temporária. Como alguém que teve todos os seus pertences arrancados abruptamente e fora retirada, sem qualquer explicação, do seu habitat de origem, assim desconsiderada na sua subjetividade identitária, Dona Dolores criava laços superficiais com os seus objetos, assim como com as pessoas que estão à volta dela. São características emocionais construídas a partir das perdas ao longo da vida: pessoas amadas que faleceram, familiares, amigos e seus pertences pessoais, deixados para trás por decisões arbitrárias, que a colocaram nessa dinâmica de intenso sofrimento e de constante vigília, abandono e solidão. Ela não poderia se apegar, porque estava sempre pronta para partir.

Entretanto, Dona Dolores conservava, em suas relações superficiais, as suas manifestações afetivas. Costumava conversar intimamente com as suas bonecas. As chamavam de *“minhas fias”* (minhas filhas); contava a elas as histórias da sua vida, majoritariamente relacionadas ao seu tempo de convivência familiar. A interlocução com as bonecas sugeria um diálogo entre três pessoas. Numa delas, Dona Dolores diz para as bonecas: *“Certa vez, mamãe cortou o tecido amarelo para fazer uma saia pra mim; como era muito ocupada, quando cozeu o pano, a saia estava curta. Nem pude usar.”* Ela reduziu o tom de voz e, segurando a boneca de pano, disse como se a interpretasse: *“Pois é, sua mãe era muito ocupada, não fica triste não, ela vai fazer outra maior pra você.”* Deixada essa na cama, pegando a outra boneca e alterando novamente o tom de voz, a idosa completou o diálogo entre elas: *“Pede pra sua mãe aproveitar e cozer uma saia azul, que é mais bonita que a amarela.”* Falar com as bonecas que havia feito e que fazia roupas para elas era uma forma de dar continuidade à sua identidade de costureira e se sentir útil e produtiva, como fora a sua vida antes de ir para o asilo.

Noutro registro, foi observado um momento de oração de Dona Dolores com as bonecas, sugerindo também uma narrativa em que, além de expressar ensinamento e devoção, desvela o significado das bonecas. Assim ela se expressou: *“Vamos rezar, filhas, eu começo: Ave Maria, cheia de graças, o senhor é convosco.”* Tomando a boneca de pano, prosseguiu (interpretando em outro tom de voz): *“Bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus.”* Deixando

essa boneca de lado e pegando a outra, completou, mudando novamente o tom de voz: “*Santa Maria mãe de Jesus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte, amém.*”

A prática do terço mariano, quando realizada em dupla ou de forma coletiva, tem as suas orações comumente realizadas em duas partes, sendo que, na oração da Ave Maria, ilustrada acima, a primeira estrofe é proferida por uma pessoa e a segunda estrofe, pelos demais participantes. Dessa maneira, explica-se a alteração na voz de Dona Dolores ao interpretar a oração do terço com as suas bonecas como se, de fato, estivesse junto com outras duas pessoas. Assim, sua oração não seria só, mas com as suas duas filhas.

Essa interpretação de Dona Dolores aponta para algumas situações: a primeira indica a importância das bonecas em seu cotidiano. Uma relação que, para aquela idosa, era de reciprocidade, já que as bonecas ocupavam um importante espaço interior na sua vida. Eram como filhas, simbolizavam afeto, afetividade, intimidade e troca. As bonecas evidenciavam a relação subjetiva da idosa com os seus objetos afetivos, marcados pela temporalidade. Eram valiosas companheiras e eram imprescindíveis para que ela se sentisse amparada emocionalmente, para que desfizesse, ao menos temporariamente, o abandono que sentia: “*Elas não me deixam um só minuto, estão sempre aqui.*”

A maneira com que ela manuseava e mantinha as bonecas aponta para as suas características de ansiedade e preocupação, impostas por pessoas da própria família ao optarem por deixá-la da forma que tinham deixado na instituição. A falta de cuidado e de verdade no processo de asilamento, internalizado como algo gerador de ansiedade e abandono, foram percebidas na própria condução e manutenção das suas bonecas, que, ora, lhes acompanhavam em conversas íntimas e orações, ora voltam para as sacolas, lembrando aquela pessoa que foi abandonada, descartada, deixada de lado depois que perdeu a serventia. O fato de as bonecas estarem sempre em sacolas revela que ela não pretendia abandoná-las, como fizeram com ela.

O movimento ambíguo – cuidado e abandono - que sentia em relação à sua família era visto na sua relação com as suas bonecas, mantidas como únicos objetos afetivos. Uma nítida reprodução da lacuna existencial que sentia e que podia ser vista na sua relação subjetiva com os seus objetos afetivos.

A dinâmica de manutenção dessas bonecas, bem como de todos os seus pertences nas sacolas plásticas, podia ser vista como um movimento que mantinha a esperança do seu retorno para casa. Porém, essa dinâmica também tinha características ambíguas. Ao mesmo tempo em que essa movimentação ocupava as lacunas de uma vida envolta de sofrimento pelo

abandono, era promotora e mantenedora de intensa ansiedade, que chegava ao ponto de interferir no seu sono – precisava manter-se hipervigilante no seu convívio social – precisava estar a postos em seu leito, guardando e retirando os seus pertences das sacolas; tudo precisava estar pronto para viagem.

A sua relação com os seus objetos, embora poucos e oriundos de doações, não representava a sua identidade e podia ainda ser compreendida para explicar o seu anseio em voltar para o lar de origem – seu maior, talvez único, desejo. Porém, a relação subjetiva da idosa com seus objetos afetivos ainda podia ser observada dentro da perceptiva da afetividade. Embora estivesse numa situação de abandono e desrespeito, imposta por outrem, Dona Dolores mantinha-se afetuosa consigo, estendendo essa característica na sua relação com as suas bonecas.

Amaral (2007) defende que, embora a pessoa se mostre como alguém afetuosa, não necessariamente o afeto está ligado a comportamentos positivos. Ou seja, a afetividade pode também ser compreendida em sentimentos como medo, preocupação, raiva, entre outros. Para a autora, a vida afetiva, na perspectiva da Psicologia, é o conjunto de todos os sentimentos e emoções humanos, sejam eles positivos ou negativos.

Ampliando a temática, Amaral (2007) ressalta ainda que as funções afetivas são aquelas que expressam a suscetibilidade experimentada pelo ser humano perante determinadas alterações que acontecem no mundo exterior ou em si próprio. “Nos afetos há um caráter subjetivo, definido quando dizemos ser uma suscetibilidade o que o ser humano experimenta. Assim, só podemos saber da existência de um afeto se a pessoa nos contar, porque é ela quem está experimentando.” (p. 03).

A autora ainda adverte sobre o que diferencia as emoções e os sentimentos se observados na perspectiva da vida afetiva. “As emoções, assim, são afetos fortes, passageiros, mas não são imutáveis. Fatos que nos emocionam hoje podem não nos emocionar amanhã.” (p. 4). Já os sentimentos são menos intensos, mais duradouros e não são, comumente, acompanhados de manifestações orgânicas intensas. Assim, Dona Dolores se apresentava como alguém afetada intensamente tanto na ordem emocional quanto sentimental.

Quatro meses após a conclusão do período investigativo, retornei à ILP para uma visita aos internos, em especial às idosas que possibilitaram o conteúdo deste estudo. Ao entrar no dormitório de Dona Dolores, ela estava parada, calada e, ao cumprimentá-la, percebi que não fui reconhecida por ela. A idosa apresentava-se em estágio mais grave dos lapsos mnêmicos que, durante o período das entrevistas, já haviam sido percebidos em menor

proporção. Com a minha permanência em seu quarto por um período mais longo e na tentativa de uma interlocução, percebi que Dona Dolores havia perdido o seu poder de entendimento. Apesar da minha tentativa de intervenção, ela não apresentava mais condições de compreensão e interlocução. Percebi que as bonecas e os demais objetos pessoais de Dona Dolores não estavam mais em sacolas como ela havia elegido guardá-los. Tudo estava inserido nas gavetas do móvel ao lado da sua cama, descaracterizando o sentido que a idosa encontrava aos mantê-los embalados.

Embora Dona Dolores evidenciasse sintomas mnêmicos, solicitei à diretoria da ILP que repensasse a manutenção dos pertences daquela pessoa como melhor lhe fazia sentido. Explanei a necessidade dessa manutenção por se tratar de uma relação subjetiva e relacional pessoa-objetos, que poderia reverberar o alívio emocional da portadora. Embora pudesse não parecer, diante da passividade em que se encontrava, permanecia ainda esperando pelo familiar que lhe conduziria ao seu destino. Após a explanação da necessidade da manutenção dos objetos de Dona Dolores para amenizar o seu sofrimento, seus pertences foram reorganizados conforme a lógica que ela própria havia subjetivamente eleito: as bonecas e roupas voltaram para as sacolas.

Porém, no mês seguinte, numa nova visita à instituição, novamente Dona Dolores foi vista desolada entre as suas amnésias, com os seus pertences recolocados nas gavetas. Suas bonecas já não estavam nas sacolas, mas dispostas ao seu lado. Os cuidadores novamente organizaram os objetos de Dona Dolores como melhor lhes atendessem na promoção do seu cuidado físico. Novamente, a situação foi levada à diretoria da ILP com o intuito de solicitar que procurassem manter os seus objetos como melhor faziam sentido à idosa, porém, desta vez, o posicionamento da instituição foi favorável aos cuidadores e não à Dona Dolores, já que as funcionárias daquele setor alegaram que, o formato anterior, com a manutenção dos pertences da idosa em sacolas, dificultava o manejo de cuidado; alegaram ainda que aquela pessoa não possuía discernimento para fazer escolhas. Nesse sentido, a partir daquele momento e diante dessa situação, os mesmos objetos não caberiam mais ser aqui nominados de afetivos, mas tão somente de objetos pessoais, diante da situação imposta pela ILP.

5 DONA LOURDINHA: OBJETOS UTILITÁRIOS

“Sou útil, ajudo e assim me sinto ajudada.”

Lourdinha, 82 anos, viúva e, na ocasião da pesquisa, tinha quatro anos de institucionalização. Teve uma única filha adotiva, falecida aos 26 anos, vítima de um câncer. Teve oito irmãos, sendo que seis já tinham faleceram. Após a viuvez, considerou difícil morar sozinha. Como não queria permanecer em casa de outros familiares e como não tinha se adaptado na companhia de uma funcionária doméstica para residir em sua casa, decidira procurar, pessoalmente, por uma ILP e cuidara do seu processo de institucionalização. Dona Lourdinha apresentou-se como uma pessoa muito ativa e dizia gostar de ajudar os pares acamados. Relatou participar ativamente das celebrações eucarísticas, fazendo as leituras e selecionando os demais leitores, auxiliando na escolha dos repertórios musicais, além de se encarregar da organização da capela. Foi percebida ainda como pragmática e útil, lúcida e hígida em termos físicos e emocionais.

Dona Lourdinha era solicitada pelos pares, seja para uma leitura de um texto, para auxiliar na organização de objetos, ministrar medicamentos e/ou cuidados com os acamados, nos eventos de entretenimento, religiosos ou voltados para a saúde. Participava e colaborava com a realização desses momentos. Ao ser convidada a participar desta pesquisa, prontificou-se de imediato. Falante e extrovertida, trouxe várias contribuições espontâneas e engraçadas, que deram leveza a esse processo investigativo e que apontaram para o seu perfil observador, de senso crítico e utilitário, manifesto tanto nas suas relações pessoais quanto nas subjetivas, com os seus objetos afetivos.

Com a finalidade de ilustrar as características de espontaneidade e hilaridade dessa participante da pesquisa, em certa tarde chuvosa, quando se preparava para ir ao seu quarto, onde aconteciam as entrevistas, uma interna chegou solicitando a sua opinião sobre o seu novo corte de cabelo. Dona Lourdinha comentou: *“Mas você cortou o cabelo, nem parece, o que vejo aí é que você colocou torta a travessa [pregador de cabelo]. Pra ver a sua travessa é só ficando zarolha.”* Tal comentário despertou o seu riso e também dos demais internos que se encontravam na sala-de-estar. Porém o ato não era de crítica à interna, pois, logo em seguida, ela se levantou e ajudou a ajustar e posicionar melhor o penteado da colega de ILP. Em seguida, completou: *“Já perdeu a curva da [referência ao contorno das nádegas da colega] e fica aí toda enfeitada.”* Novamente arrancou risos de todos. Ao iniciar a sua

narrativa, dentro do processo das entrevistas, relatou uma vida de lutas, perdas, dificuldades, porém de um bom convívio familiar. Apesar de sua oratória deixar transparecer o enlutamento em diversas circunstâncias da sua vida, desenvolveu estratégias para lidar com a dor, elaborando o seu luto para que ele não deixasse características melancólicas (PY, 2006). Quando Lourdinha completou 10 anos de casada, ela engravidou e teve um aborto espontâneo, o que representou um processo de perda impactante e mais um elemento causador de enlutamento. A partir daí, ela nunca mais engravidou, mas também disse que não fez nenhum tipo de tratamento para isso. *“Deixei nas mãos de Deus; não aconteceu.”* Anos depois, não precisando o tempo, disse ter adotado uma menina, que faleceu na juventude, acometida por um câncer. Nesse momento de sua fala, ela não quis prosseguir com o tema e interrompeu o assunto dizendo: *“Vamos deixar o passado no seu lugar; sem mexer nele.”* Nos encontros posteriores, ela não trouxe mais detalhes desses episódios.

As características da narrativa de Dona Lourdinha apontam para elementos de resiliência, já que, no seu passado, tinha experienciado situações de adversidades e, na atualidade, demonstrava tê-las superado, inclusive manifestando crescimento emocional. Essas vivências mostram que se tratava de uma pessoa resiliente. Frequentemente, o termo resiliência é referido por processos que explicam a superação de crises e adversidades em indivíduos, podendo-se estender esse conceito a grupos e organizações (YUNES, 2003). Embora Dona Lourdinha relatasse momentos e episódios de dores intensas, vividos ao longo do seu passado, a mesma manifestava estratégias para evitar a dor: *“O passado eu deixo lá atrás.”* Ao mesmo tempo, a interna apresentava estratégias de superação dessas experiências dolorosas: *“Gosto de viver a vida intensamente, ajudar é sempre uma boa saída. Isso me faz bem.”* Ou seja, ao oferecer ajuda aos pares, ocupava-se saudavelmente, evitando o ócio, que a deixaria vulnerável aos pensamentos das dores que tinha vivenciado.

A pesquisa com Dona Lourdinha nos apresentou a possibilidade de aprofundar na relação subjetiva de uma pessoa idosa com os seus objetos afetivos, a partir da ótica da saúde emocional, por acreditar que as características emocionais mais equilibradas merecem ser compreendidas dentro da perspectiva do desenvolvimento humano. Yunes (2003) salienta a necessidade de mudança no foco das contribuições da Psicologia, ainda centrado numa prática historicamente orientada para a compreensão e o tratamento de patologias. Segundo esse pesquisador, a ciência psicológica tem “esquecido” ou negligenciado a sua mais importante missão: a de construir uma visão de ser humano com ênfase em aspectos “virtuosos”. Nesse sentido, a pesquisa com Dona Lourdinha contribui para essa perspectiva.

Sheldon e King (2001) corroboram ao afirmarem que existe, na contemporaneidade, um movimento de parte da Psicologia para orientar os profissionais da saúde mental a adotarem uma visão mais aberta e apreciativa dos potenciais, das motivações e das capacidades humanas. Nesse sentido, a ciência psicológica propõe um rompimento com o modelo de estudos que tendem a postular pesquisas que abarquem o viés patológico, uma vez que as pesquisas postulares de uma ciência que focalize qualidades humanas e suas potencialidades contemplam o mesmo grau de esforço, seriedade conceitual e reflexão quanto as pesquisas que focam as desordens e desequilíbrios humanos. Desta feita, essa vertente da ciência psicológica se interessa pela compreensão de fenômenos psicológicos positivos, como altruísmo, alegria, felicidade, satisfação, entre outros temas humanos (YUNES, 2003).

Ao discorrer sobre o tema amizade dentro do ambiente asilar, Lourdinha manifestou maior interesse em detalhar a sua relação com Dona Estela, também interna da ILP. Ela relatou que todos os domingos faz um passeio com a amiga. Costumam ir à missa e, em seguida, fazer um lanche. *“Nos dias quentes, costumamos tomar um sorvete; nos dias frios, nos adaptamos a um lanche quente. O que importa é que nesses momentos podemos colocar os assuntos pessoais em dia”*, contou.

Ainda em sua narrativa, Dona Lourdinha relatou que ela e a amiga assistiam às missas na Matriz do centro da cidade e que realizavam pequenas caminhadas. *“Temos afinidades, ambas temos o mesmo nível cultural, temos interesses parecidos.”* A participante da pesquisa possuía perfil cultural destoante dos demais internos, já que demonstrava domínio da oratória, investimento em leituras e em ações sociais como passear e fazer contato com familiares e amigos. Nesse sentido, se identificava melhor com a sua amiga no ambiente asilar, Dona Estela, que, segundo ela, possuía o mesmo nível cultural. Porém, ao mesmo tempo em que relatava compatibilidade com Dona Estela, afirmava: *“Ela tem alguma coisa que ainda não compreendi. E olha que somos amigas! Creio que esconde algo. Por que você não faz sua pesquisa com ela também? Acho que ela tem um lado esquisito.”* Ao prosseguir o relato sobre a sua relação de amizade com Dona Estela, destacou:

Entre os idosos, é a única completamente lúcida. Acho que é por isso que nos damos bem. Vamos a rua juntas, aqui dentro estamos sempre juntas, mas quando ela me cansa por algum motivo, venho para o meu quarto. Assim, nossa amizade fica garantida. Se ficássemos no mesmo quarto, não sei como seria; assim, acho prudente me manter no meu quarto, com a minha colega

aí, que “não fede nem cheira”¹⁵. Não me incomoda. A Estela tem umas implicâncias que eu não consigo compreender. Por exemplo, de vez em quando, ela cisma de não conversar com alguma funcionária, outra hora leva outras funcionárias no seu quarto. Está sempre de porta trancada. Você acredita que ela é a última a comer? Têm dias que não dá para esperar, ela é uma das últimas pessoas a fazer as refeições. Só pode ser implicância com alguma pessoa que está no refeitório. Ainda não consegui decifrar, e olha que me considero inteligente! Às vezes, perco a paciência e saio de perto; tudo tem limites, você não acha?

A narrativa da entrevistada aponta para expressiva preocupação com a amiga. Embora a considerasse a sua melhor companhia na ILP, sua descrição aponta para situações de difícil convívio. Essa relação ambígua, ora de cumplicidade, ora de incompatibilidade, causava desconforto em Dona Lourdinha, que apresentava características emocionais saudáveis. Segue mais uma narrativa sobre isso:

Somos amigas, mas não gosto de tudo que ela faz. Sinto que temos afinidades, gostamos de passear, temos lucidez e a mesma posição social. Temos condições de fazermos passeios, vamos juntas comprar frutas e biscoitos. Passear no supermercado é muito bom. Também vamos às festas religiosas, temos a mesma religião. Estamos programando de visitarmos os nossos familiares. Quando eu for na casa de algum parente ou de alguma amiga, pretendo levá-la comigo e ela também pretende me levar na casa de parentes dela. Como você pode ver, somos amigas, mas que ela tem o gênio difícil, isso ela tem. Eu sei conviver com ela, respeito o jeito dela, não invado a privacidade dela, já percebi que ela gosta de viver sozinha naquele quarto. Assim, como tem respeito de minha parte, a amizade fica preservada. Mas tem alguma coisa nela que parece que é sofrido. Têm dias que ela parece assustada, inquieta, muito agitada. Noutros dias ela fica observando.

Durante os três encontros subsequentes, Dona Lourdinha voltou a comentar as características da amiga Estela que considerava estranhas. Diante da insistência da entrevistada, que se mostrava preocupada em ajudar a companheira e via neste estudo uma possibilidade real para tal, eu lhe respondi que, quando terminasse a sua entrevista, seria feita uma visita à sua amiga Estela. Dessa forma, surgiu o quarto caso deste estudo, que será apresentado na sequência, no próximo capítulo.

Dona Lourdinha disse ter estudado apenas o Primário (que corresponde, atualmente, ao Ensino Fundamental I), mas, devido ao seu grande investimento em leituras, considerava-se intelectualmente preparada para falar de vários assuntos, para discutir sobre temas diversos. *“Além das leituras nas celebrações aqui da nossa Capela, participo da Catequese junto as*

¹⁵ Expressão popularmente utilizada quando se faz referência à indiferença sobre determinada pessoa. Ou seja, tanto faz.

crianças da paróquia e faço leituras para os colegas menos instruídos.” Outra situação que a diferia da grande maioria dos internos era o fato de sair também para visitar amigas e familiares. A propósito, sobre a sua família, disse receber todo o carinho e presença. *“Estão sempre por aqui; precisa ver a minha última festa de aniversário que ganhei! Estou aqui, mas não estou esquecida. Saio e recebo visitas. Me considero feliz.”* Nesse momento da interlocução, novamente foi possível identificar a preocupação da participante sobre a sua situação social e intelectual. O fato de ter domínio da leitura e compartilhá-la, usufruir de boa saúde mental e possuir prestígio na vida social e religiosa do asilo, a fazia se sentir em situação de vantagem em relação à grande maioria dos demais internos; e, ao mesmo tempo, intensificavam a sua relação de amizade com Dona Estela – considerada por ela como única colega com um nível cultural compatível com o seu.¹⁶

Nesse momento da entrevista, informou que estava fazendo aula de música, que tinha adquirido um violão e já estava tocando algumas notas. Mostrava-se feliz com o novo investimento artístico. Comprara uma pasta de-letas de música e vinha iniciando a sua coletânea com as peças das canções com que mais se identificava; pretendia cantar, em especial, músicas brasileiras, de compositores e intérpretes religiosos dos quais gostava.

Nesse encontro, Dona Lourdinha estava assentada na cama¹⁷ do seu dormitório, com o violão posicionado para a execução dos acordes musicais. Com os cabelos curtos, corte acima das orelhas; pintados na cor castanho claro¹⁸; brincos pequenos, com características de ouro envelhecido; lençinho de tecido escuro no pescoço¹⁹; vestida de camiseta de malha branca, sobreposta de blusa de moletom branca e calça de malha verde²⁰; no canto da sua cama, colocados com organização, constavam os seus livros, um rolo de papel branco²¹; na

¹⁶ Embora a participante relatasse que apenas ela e a amiga possuíam bom nível cultural e intelectual e, assim, justificava uma compatibilidade relacional, outros moradores da ILP os possuíam também; visto, por exemplo, no caso de Dona Helena, que fora professora. O que ficou evidente é que a participante e a amiga eram, notoriamente, aquelas que possuíam melhor situação financeira e, desta feita, se consideravam com melhor nível social.

¹⁷ Cama com uma manta cor-de-rosa, de microfibra, utilizada tanto com a função de cobre-leito como para aquecê-la ao dormir. Nesse sentido, observa-se a característica de praticidade da entrevistada.

¹⁸ Ao ser perguntada sobre como se dava a manutenção do corte e da cor dos cabelos, ela retrucou: “Você pergunta umas coisas... Isso é mesmo necessário? [Risadas]. Não gosto de expor a minha intimidade”. Sua resposta mostra a sua característica de sinceridade, porém mantendo a sua postura de preservação daquilo que não considera relevante expor. Sua resposta foi enfática e espontânea, com o bom humor que lhe era peculiar.

¹⁹ Embora se apresentasse com simplicidade, Dona Lourdinha mantinha-se constantemente com brinco e lençinho no pescoço, o que apontava para o cuidado consigo, com características de vaidade.

²⁰ Dona Lourdinha se vestia de acordo com suas características de utilidade e praticidade, dado ao conforto de que a mesma desfrutava do seu jeito de se compor.

²¹ O papel demonstrava a preocupação com a higiene da mesma, porém refletia a sua característica de praticidade, já que manter aquele objeto no seu canto facilitava o acesso ao mesmo.

cabeceira da cama (de madeira escura), estavam dispostas sacolas de plástico²², assim como algumas peças de roupas.

O violão se reportava ao gosto pelas artes, uma herança familiar. Ela relatou que seus pais e irmãos eram pessoas alegres, que gostavam de cantar e dançar e que o seu lar tinha sido harmonioso e feliz. Na sua juventude, faziam isso juntos. Também tinha atuado como atriz em peças teatrais, protagonizando personagens dramáticas e cômicas. Justificava que, naquela época, não era comum o acesso à TV ou cinema, ficando nas apresentações cênicas a única opção para as pessoas que gostavam de se divertir com essa modalidade artística.

Dona Lourdinha era prática na sua narrativa, assim como os seus objetos os eram para ela. Dizia que o segredo da sua felicidade era não pensar no passado, pois achava que, se pensasse nessa época, poderia se sentir triste com as lembranças. Quando surgiam alguns pensamentos tristes, ela mudava o foco, fazia uma leitura ou cantava – seus maiores passatempos. Assim, os objetos portados tinham a utilidade de manter a portadora conectada com o seu presente, usufruindo dos mesmos para o seu bem-estar e, na sua perspectiva, para o bem-estar coletivo.

A participante demonstrava se focar nas emoções positivas para garantir sua qualidade de vida emocional. Simão e Lapa Esteves (2010) ressaltam que as emoções dos indivíduos foram se desenvolvendo lado a lado com a evolução do ser humano, num processo dinâmico e adaptativo. O resultado de todo esse desenvolvimento capacitou as emoções humanas de altos níveis potenciais, a fim de proporcionar um sofisticado e delicado sistema interno de orientação. Nesse sentido, os autores defendem que as emoções assumem um papel valioso no campo da informação e na comunicação, podendo ser compreendidas com a dupla capacidade de comunicação, verbal e não-verbal, permitindo uma maior probabilidade de expressar os sentimentos humanos.

Dentro da dinâmica do investimento que abarca as suas características de praticidade e utilidade, a participante relatou: *“Farei, em breve, uma cirurgia reparadora nos olhos, para retirada do excesso de pele que vem me incomodando enxergar. Preciso me dedicar às atividades que a música exige.”* Um processo cirúrgico dessa natureza nos olhos, que, de fato, possibilita maior conforto visual, para a grande maioria das pessoas, pode ser visto como um investimento estético, já que retira o excesso de pele e realça o olhar. Entretanto, para Dona

²² A entrevistada dizia que ali estavam pertences de higiene pessoal entre outros de que poderia necessitar durante o período em que se encontrava deitada, o que demonstrava característica de praticidade no seu ambiente íntimo.

Lourdinha, esse seria um investimento prático e útil: *“Com a cirurgia, poderei ler melhor, tanto os meus livros, quanto as minhas partituras.”* Ela não expressava, nessa narrativa, qualquer menção à vaidade e relaciona os resultados do pós-cirúrgico às características de utilidade: *“Poderei ler melhor”*; e de praticidade: *“Se algo me incomoda, costumo resolver. Se é para ficar melhor, eu faço.”*

5.1 Objetos afetivos de Dona Lourdinha e suas relações pessoais e sociais

Ao ser indagada sobre os seus objetos pessoais, Dona Lourdinha disse que os tinha, mas que não mantinha muita coisa antiga, apenas o que lhe era útil. *“Coisas velhas lembram o passado, este deixei lá trás.”* Ela não guardava o que lhe remetia às lembranças dolorosas. *“Tenho objetos que me são úteis, como livros, a Bíblia, as partituras e o meu violão.”* Ela possuía várias malas, pacotes e objetos diversos, dispostos no mobiliário do seu quarto. Entretanto, ao ser abordada sobre esses artefatos, não aceitou a inclusão dos mesmos neste estudo: *“Esqueça, o que está ali são coisas íntimas, não gostaria que você fotografasse e não quero falar sobre isso.”* Acenando com as mãos, repetiu: *“Esquece, esquece, esses pertences não.”* O processo de entrevistas foi pautado no respeito incondicional às entrevistadas; o que foi dito foi registrado, o não dito foi acolhido; assim como foi respeitado aquilo que elas se recusaram a inserir no estudo. Diante disso, embora Dona Lourdinha revelasse possuir diversos objetos, que, diante da sua postura, pareciam ser importantes, optei por apresentar no estudo apenas os objetos aos quais ela me permitiu acesso.

Os pertences que Dona Lourdinha me permitiu acessar diziam da sua relação subjetiva com os mesmos. Os seus objetos remetiam à utilidade, assim como ela almejava ser útil na vida dos seus colegas de asilamento e no espaço (e papel social) em que se encontrava.

No espaço asilar, sempre vão pessoas de igrejas, que fazem visitas e levam violão com finalidade de entreter os internos. Como Dona Lourdinha gostava de participar e de cantar, acredita-se que, dessa situação, tenha surgido o interesse dela para aprender a tocar o instrumento, já que o violão era um investimento afetivo atual. Há cerca de quatro meses, ela sentira vontade de aprender a tocá-lo. Procurara por uma professora e uma loja de instrumentos; na semana seguinte, um casal jovem de visitantes ficou sabendo da sua vontade de se iniciar na música. A moça se ofereceu para lhe dar as aulas no ambiente asilar e o rapaz lhe presenteou com um dos violões que possuía. Assim, Dona Lourdinha vinha se dedicando

com afinco ao seu novo projeto de vida e disse que vinha apreendendo com facilidade. *“Tudo é uma questão de vontade. Se existe a vontade, acredito que a gente consegue.”*

Os projetos de vida, sob o ponto de vista do envelhecimento, podem ganhar contornos singulares: “No processo de envelhecimento, ao manter objetivos na busca de realização pessoal, social e contribuição com a sociedade, os idosos podem lidar com os marcos cronológicos, biológicos, sociais e psicológicos inerentes a essa etapa da vida com força pessoal e perseverança”. (ARANTES, PINHEIRO & AMANDO, 2019, p. 140).

Expandindo a compreensão acerca da relevância de se possuir um projeto de vida, entende-se o mesmo como ter comprometimento e engajar-se em relação aos seus objetivos, buscando empreender em metas para alcançá-los. Essa conquista pessoal poderá impactar o mundo de quem busca por um projeto de vida, assim como poderá impactar a vida dos demais presentes na sua comunidade (BRONK, 2014). Na qualidade de trazerem sentido à vida e conduzirem a pessoa a ações cotidianas em busca de objetivos, os projetos de vida contribuem para vivências positivas, promotoras de bem-estar, para além do prazer pessoal (ARANTES, PINHEIRO & AMANDO, 2019).

Durante o processo de entrevistas, Dona Lourdinha revelou buscar estratégias para se manter afastada das lembranças e pensamentos voltados a sua trajetória de vida que pudessem causar dor: *“Neste momento, estou tocando violão, aprendendo a ler partituras. Cantar me faz bem, alegre o coração.”* Assim, buscava empreender em projetos de vida que pudessem direcionar as suas emoções.

Simão e Lapa Esteves (2010) alertam para o papel que as emoções representam na vida, bem como para a capacidade que o ser humano possui de direcioná-las para o alcance de êxito em sua vida. Compreender e buscar pela aplicabilidade das emoções e sentimentos funcionais na existência vai ao encontro do bem-estar e das coisas mais positivas.

As características, tanto de praticidade quanto do empreendimento em projetos de vida de Dona Lourdinha, a auxiliavam a projetar a sua vida emocional no seu momento de vida presente. Esse recurso psíquico, observado em suas relações com os seus objetos afetivos, constituía estratégia de afastamento do desconforto das lembranças indesejadas.

O seu violão, embora fruto de uma doação, tinha características de um objeto usado, mas em bom estado de conservação. *“Meu violão tem o som muito bom, tem um tamanho ideal para mim.”* O violão era quase que totalmente confeccionado na cor preta, possuindo detalhes na cor marrom escuro no braço e contorno bege claro. No canto da sua cama, estavam os seus livros de orações e a sua Bíblia, empilhados uns sobre os outros,

caracterizando a funcionalidade no manejo dos mesmos. Suas músicas estavam organizadas numa pasta específica para as mesmas, separadas uma a uma por folhas de plástico.

Dona Lourdinha apresentava-se como pessoa decidida, determinada e firme em suas convicções. Em certo momento da pesquisa, quando estava para iniciar a interlocução, olhou o relógio e disse: *“Hoje você se atrasou. Não precisa se explicar, deve ter tido bons motivos para isso, mas daqui a quinze minutos é hora do lanche. Então vamos deixar essa conversa para outra hora. Não gosto de me atrasar, nem gosto de café frio.”* Embora tenha explicado a necessidade de atender ao chamado do Mauro, funcionário da ILP, que tinha necessitado de atenção imediata, a participante da pesquisa não aceitou sequer que esperasse por ela: *“O nosso horário já passou, não precisa me esperar porque não gosto de fazer minhas refeições com alguém me esperando. Fica para amanhã, no horário combinado, assim fica tudo certo.”* Tais interpelações da participante foram prontamente atendidas.

Ao se referir às constantes visitas que recebia, a interna comentou que, no ano anterior, tinha ganhado uma festa de aniversário, que considerou muito emocionante. A sua família e amigos tinham trazido bolo, salgados, refrigerantes. Disse que, entre os presentes, tinha ganhado uma boneca:

Não gosto de bonecas; aqui a maioria das idosas tem. Acredito que deve ser porque elas não tiveram a experiência da maternidade. Ou, então, por alguma outra situação, como a falta das suas famílias, não sei; acredito que deve ser por alguma coisa nesse sentido. Eu acho que ter bonecas é algo muito infantil ou então [típico] das pessoas que não são muito lúcidas. No ano passado, ganhei uma bonequinha [de EVA],²³ que estava sobre o meu bolo de aniversário, trazido por parte da minha família. Sinceramente, não queria ficar com ela, mas, como não tive como deixar de aceitar, trouxe e deixei na sala-de-estar, junto a outros objetos, enfeitando o local. Teve uma colega que chegou a me pedir a boneca, não dei e deixei claro que não é para ninguém tirá-la de lá. A boneca é para todos, mas como enfeite, não para tirar de lá. Se desse para outra pessoa, poderia ficar parecendo que eu sou ingrata, e não é ingratidão; apenas aquela boneca não seria útil para mim.

Nesse sentido, Dona Lourdinha apresenta a característica da utilidade que lhe era peculiar e que se estendia às suas relações subjetivas com os seus pertences. A boneca remetia à infantilidade ou à incapacidade intelectual: *“As velhas desmemoriadas ou debilitadas é que gostam de bonecas para se distraírem.”* Ela, que considerava possuir lucidez e discernimento, optava por objetos que, de acordo com a sua perspectiva, possuísem características de utilidade: *“Tenho Bíblia e livros que me ocupam a mente, mas que também leio para os analfabetos ou debilitados. Tenho um violão e partituras que canto porque me fazem bem,*

²³ EVA - Etil, Vinil e Acetato; Material emborrachado.

assim como aos outros. Dizem que quem canta os males espanta.” Estendendo a análise: Talvez as bonecas sejam para substituir pessoas. Dona Lourdinha tinha as pessoas e não precisava de substitutos.

Ainda sobre as bonecas comumente presentes nos leitos das companheiras internas, Dona Lourdinha frisou: *“A grande maioria aqui não se casou, nem teve filhos, por isso ficam brincando de bonecas. Eu não pude ter meus próprios filhos, busquei adotar uma. Isso me fez bem.”* Ao falar da adoção da filha que não pode gerar, a entrevistada evidenciava, em sua narrativa, o empreendimento emocional com que costumava conduzir a sua vida. Aquilo que almejou e não conseguiu buscou empreender na sua aquisição, além de fazer o bem a uma pessoa que estava necessitada.

Dona Lourdinha narrou que a sua opção pela Instituição de Longa Permanência foi uma escolha pessoal, lúcida, sensata e ponderada, conforme esclareceu:

Se eu ficasse na minha casa ou morando com o meu irmão, ficaria dependente de ter alguém para me fazer companhia; gosto de ter a minha liberdade. Aqui é no centro da cidade, tenho autorização para sair, passear, fazer caminhadas, ir à missa, visitar minha família. Estou satisfeita assim. Quando vim para cá, doei tudo que eu tinha e que não teria utilidade aqui. Não sou nem um pouco apegada a nada. Alguns móveis ficaram com o meu irmão, outros foram para outros destinos; para falar a verdade, nem quis saber para onde foram levados. Os meus pertences pessoais eu trouxe, mas só o que uso, o resto deixei por lá. Só me arrependo de não ter trazido uns utensílios que usava para fazer umas flores de artesanato. Mas, se ficou para trás, também nem me lembro. Gosto de artesanatos; depois que eu aprender o violão, estou pensando em investir nos artesanatos. Procuo ter projetos de vida, pensar em algo saudável para fazer e ocupar a minha mente. Acredito que a mente precisa ser exercitada para não falhar. Às vezes, me sinto um pouco enfraquecida mentalmente, então vou ao médico, tomo umas vitaminas e fica tudo bem. A minha alimentação também é uma grande preocupação que tenho. Invisto em alimentos saudáveis. Como bastante frutas. Assim, com o meu estilo de vida, deixando o passado lá trás e o futuro nas mãos de Deus, tudo fica mais fácil. Sobre essas coisas que as outras têm, como ursinhos e bonecas, acho que deve ser por causa da solidão ou porque não tiveram a experiência da maternidade. Até por falta de lucidez. Tudo que eu tenho são coisas que eu de fato preciso ter.

Nesse relato, a entrevistada reforça a sua lógica da utilidade ligada a independência, lucidez e autonomia, assim como a não utilidade está ligada a dependência, insanidade e falta de autonomia. Os objetos que considera serem inúteis e, assim, não adequados a ela, como as bonecas, por exemplo, são indicados aos velhos acamados, adoecidos, desmemoriados e que necessitam de cuidado. Sob a sua perspectiva, ela se insere no lugar oposto, o de oferecer esse cuidado, partilhar. Dona Lourdinha relaciona-se subjetivamente com os seus objetos afetivos, como Bíblia, livros e violão, acreditando estender os benefícios desses artefatos a outrem. Ou

seja, os seus objetos afetivos lhe promovem duplo bem-estar, afetam positivamente a si e aos demais, que usufruem de sua utilidade.

Nos encontros sequenciais, procurei compreender como era a relação com a colega de asilamento que dividia o quarto com ela. Disse que não fora uma escolha sua. A direção da ILP é que se ocupara dessa função. Sobre a companheira de quarto, relatou:

Ela fica aí do lado, não me incomoda com nada, não ronca – difícil conviver com quem ronca. Não vejo se acorda de noite, se vai ao banheiro; não acende a luz, por isso não incomoda. Ela respeita os combinados. Não posso dizer que somos amigas; ela é meio limitada, não conversamos muito. Ela fica mais é calada e eu lendo ou treinando o violão”.

Ao ser perguntada se o violão não incomodava a colega de quarto, respondeu: *“Se incomoda, ela nunca reclamou, acredito que não. Também não toco alto, preciso exercitar.”* Na perspectiva de Dona Lourdinha, o fato de tocar o violão no quarto não era visto como um ato de desrespeito à colega, já que mencionou que fora feito “um combinado” entre elas. Ainda assim, relatava ter bom senso e tocar baixo para não causar incômodo. Para a entrevistada, tocar o violão era visto como um entretenimento para ela e que se estendia à colega de quarto, a qual, na sua percepção, também usufruía da sua prática.

Dona Lourdinha dizia que se sentia privilegiada com a localização do seu quarto, já que se encontrava numa ala mais tranquila, sem acesso à rua principal. *“Olha que maravilha, o sol bate no meu quarto a tarde toda, a luz do sol me faz muito bem. Meus pensamentos são mais felizes, o quarto não mofa e a barulhada da rua de cima não chega aqui.”* Dona Lourdinha mantinha a janela e a cortina do seu quarto sempre abertas durante todo o dia. Ao ser questionada se a colega de quarto também gostava da claridade do sol, já que permanecia várias horas do dia deitada, disse: *“Se não gosta, nunca reclamou. Eu sou assim: se não gosto, falo, faço combinados, acredito que, se ela não gostasse, falaria sobre isso. Tem gente que dorme no claro, é o caso dela.”* Na percepção da entrevistada, quando deixava o sol entrar no quarto, promovia um bem-estar para si que se estendia à colega de quarto. Suas ações eram pautadas na perspectiva de não desrespeitar “os combinados” estabelecidos entre as duas.

Fez-se relevante buscar compreender a relação do sol que entrava pela janela pela felicidade que demonstrou ao apontá-lo como privilégio da localização no seu quarto. A entrevistada disse que o sol é fonte de saúde, de alegria. *“A claridade que o sol proporciona ilumina a alma da gente. O seu calor é fonte de saúde. Você sabe que o sol é fonte de*

vitamina D, não sabe?” O sol parecia ser muito importante em sua vida. “A casa que o sol visita [a família] não visita o médico.”

No último encontro, Dona Lourdinha questionou o que seria feito com os seus relatos. *“As pessoas terão acesso ao que conversamos?”* Assim como fora feito no primeiro encontro, reforcei o sigilo de todo o material colhido. Ressaltei, ainda, que os nomes seriam substituídos por pseudônimos e que as fotos, caso fossem utilizadas, passariam por um sistema de desfiguração dos rostos para que não pudessem ser identificadas e não citaria, sequer, o nome da cidade onde se encontrava a instituição onde ela estava interna. Dessa forma, ela compreendeu que não haveria possibilidade de identificação dela ou de qualquer outra participante da pesquisa.

Após toda essa explicação, sorrindo, demonstrando a sua perspicácia, disse: *“Por favor, traga um exemplar do seu trabalho. Tenho interesse em ler e saber como fui citada nele. Não deixa de ser uma bela atuação artística. Quem sabe a mais importante que já participei?”* Em mais essa fala, Dona Lourdinha demonstrou as suas principais características: a praticidade, a colaboração e uma boa dose de bom humor.

Dona Lourdinha considerava que tinha tido uma saudável relação com a sua família. Tinha sido a cuidadora do marido e da sogra. Estivera com eles durante a velhice deles, amparando-os em suas necessidades. Sempre se sentira útil e acolhedora para com os seus familiares e amigos, características que foram observadas na ocasião da pesquisa, na grande maioria das relações que estabelecia na ILP.

As suas relações pessoais e interações sociais eram relacionadas ao sentido que ela buscava dar à sua vida. Era o mesmo padrão de relação subjetiva observada e mantida com os objetos afetivos que portava e que reportavam a um investimento psíquico aparentemente saudável, exatamente porque transmitiam o sentido que buscava para a sua vida.

6 DONA ESTELA: OBJETOS GUARDADOS SOB CHAVES

“Sou desprendida, doei tudo que possuía.”

Dona Estela, 87 anos, um ano e quatro meses de institucionalização, natural de uma pequena cidade do interior da Zona da Mata mineira, com cerca de 20 mil habitantes; foi para a cidade onde se encontrava institucionalizada aos 12 anos de idade. Conviveu, ao longo da sua meninice e juventude, com a sua extensa família: pai, mãe, nove irmãos, sendo ela a mais velha das seis mulheres. Teve um único relacionamento amoroso e casou-se por volta dos seus 60 anos (não precisou a idade) e enviuvou-se dez anos mais tarde.

Relatou nunca ter tido uma profissão externa ao lar, mas, por ser a filha mais velha, sempre tivera a responsabilidade de ajudar no cuidado com os irmãos e nos serviços domésticos. Como ficou solteira até os 60 anos, foi a filha que permaneceu mais tempo na casa dos pais e foi a responsável pelos cuidados com eles na velhice.

Nos estudos, concluiu o antigo Primário (atualmente, o Ensino Fundamental I). Na sua narrativa, esclareceu que não gostava de estudar e, assim que percebeu que já sabia escrever e ler, decidira não voltar para a escola. Os seus pais a apoiaram, já que ela manifestava interesse em se dedicar aos cuidados domésticos e o que havia apreendido era o suficiente para a sua vida.

Ela se considerava com excelente saúde e lucidez, participava das atividades recreativas e das celebrações eucarísticas da ILP, auxiliando nas leituras. Possuía a liberdade para sair da instituição diariamente. Costumava ir à missa, na igreja matriz do centro da cidade, fazia passeios, pequenas compras e acompanhava a amiga e colega de asilamento, Lourdinha, nas caminhadas.

Dona Estela se apresentava sempre bem penteada e vestida, perfumada, com unhas longas e pintadas com esmaltes coloridos e brilhantes, base facial e batom. Mantinha-se ornamentada com cordão, brincos, anéis e relógio. Assim como a maquiagem, que disse usar cotidianamente, os adereços também possuíam cores e brilhos.

Quando procurada para as entrevistas, demonstrou resistência. Diferentemente das demais participantes, Dona Estela não me permitiu que adentrasse no seu quarto, afirmando que se encontrava com a porta fechada. Durante o período do pré-campo, quando frequentei a ILP por quatro meses seguidos, para observação e aproximação com os idosos e com a

dinâmica da instituição, ao percorrer as alas dos dormitórios, o seu quarto foi o único inacessível aos visitantes.

Aquele quarto, que, posteriormente, foi acessado com sua permissão, nunca foi visto com as portas abertas, como os demais, para a entrada de internos e visitantes. O acesso a ele era limitado a quem tivesse autorização prévia de Dona Estela. Uma situação destoante dos demais internos, que, praticamente, não possuíam privacidade nesse sentido.

Após a apresentação da proposta deste estudo e de ser solicitada como participante na pesquisa, ela aceitou, mas exigiu que os encontros fossem na sacada da ala de dormitórios femininos do prédio II, não permitindo, assim, o acesso imediato ao seu dormitório. Ou seja, aceitou participar desde que as entrevistas não ocorressem nos seus aposentos.

Nesse primeiro contato, a entrevistada não se abriu, apenas passou informações mais amplas e genéricas sobre a sua vida pessoal. Assim, foi solicitado a ela que o próximo encontro destinado às entrevistas ocorresse no dia seguinte. Ela aceitou e o agendamento foi efetivado. Perguntado se ela poderia disponibilizar o seu quarto para as entrevistas, dada a privacidade que ele oferecia, Dona Estela não concordou e o novo encontro ficou acertado para acontecer novamente na sacada da ala onde o seu quarto se encontrava.

No encontro seguinte, novamente, ao passar no seu quarto, como estava pré-estabelecido na metodologia desta pesquisa, o mesmo continuava indisponível. Em certo momento, alguns minutos depois de eu bater à sua porta, a entrevistada surgiu por trás da porta entreaberta. Na ocasião, foi se esforçando para sair do local, sem que a porta fosse totalmente aberta. Após os cumprimentos, ela sugeriu a realização da entrevista novamente na sacada.

Ao retomar o diálogo, foi feita nova tentativa de convencê-la a liberar o seu quarto para que pudesse ser conhecido o seu espaço íntimo. Ela disse que tinha uma pessoa descansando no local e que, por isso, não seria adequada qualquer presença naquele momento. Insistiu que as entrevistas fossem mantidas na sacada.

Iniciou comentando que, assim que o seu marido faleceu, há cerca de dois anos, decidira doar tudo o que tinha, inclusive seus pertences pessoais, para residir “*numa casa para pessoas idosas*”. Disse que várias situações a levaram a tomar essa decisão; entre as mais importantes, estava a localização da casa, no centro da cidade, próxima ao hospital. “*Pessoas da minha idade podem, a qualquer momento, necessitar de um atendimento médico. Aqui isso fica garantido.*” Comentou que conhecia os diretores da instituição e que os tinha procurado há um ano e quatro meses, quando acertara a sua inserção. “*Eu mesma cuidei da*

minha vinda para cá.” Comentou que, na ILP, “*as pessoas são bastante debilitadas, meio tantãs*” e concluiu seu raciocínio afirmando: “*Apenas eu e mais uma companheira somos totalmente lúcidas e estamos autorizadas a ir e vir pela cidade quando bem entendermos.*”

A direção da casa confirmou mais tarde essa informação, mas acrescentou que esse benefício era estendido aos demais internos com boas condições físicas e mentais, mas que existia um horário para as saídas. Entre 8 e 10 horas, no período da manhã, e entre as 14 e 16 horas, no período da tarde, salvo quando saíam para visitar familiares e amigos, que se responsabilizam (combinando previamente com a direção da instituição) por suas necessidades, como alimentação no horário adequado e segurança.

A entrevistada se comunicava com clareza, agilidade e domínio dos temas. Nesse primeiro momento disponível para a entrevista, enfatizou que se considerava muito desprendida, tendo doado tudo que possuía para se estabelecer na ILP: “*Dei tudo, nada me faz falta; aqui estou muito bem, sinto como se estivesse na minha própria casa.*”

Os primeiros encontros destinados à entrevista aconteceram na sacada. Entretanto, ao final da sua terceira participação, quando praticamente ainda não havia se aberto para a entrevista, oferecendo apenas respostas rápidas e superficiais, Dona Estela aceitou disponibilizar o seu quarto para os encontros. Destrancou a porta, quando fez o convite de entrada. Pareceu sem graça naquele momento e tentou se justificar em relação à pessoa que disse estar descansando no seu quarto, já que ali não havia ninguém.

O seu quarto destoava de todos os demais da instituição. Era extremamente organizado e com móveis novos. As duas camas eram compostas por cobre-leitos floridos e bem esticados, com dois travesseiros em cada uma delas. Havia um guarda-roupa de duas portas, uma cômoda de quatro gavetas e dois criados-mudos com três gavetas cada. Todos os móveis eram confeccionados com o mesmo tipo de madeira.

Conforme Farias (2010, p. 310), “[nos objetos pessoais] *estão impressas as memórias sofridas e silenciadas, como também as felizes, ligadas ao prestígio e ao reconhecimento.*” Dona Estela mantinha consigo os seus pertences que lhe tinham servido quando residia no seu lar de origem – trouxera juntos deles os conteúdos simbólicos que tinham adquirido ao longo dessa convivência. A sua doação foi um investimento em manter perto de si aquilo que fazia sentido para sua existência. Nessa perspectiva, Frankl (1946) contribui com o tema, ressaltando que os investimentos pessoais mais importantes para a pessoa são aqueles que perpassam o sentido que os mesmos representam.

Depois de deixá-la à vontade para iniciar a sua narrativa, procurando compreender como se dera a conquista de um dormitório exclusivo para ela, perguntei o que achava de morar sozinha naquele quarto, se não gostaria de dividir o espaço e obter uma boa companhia. Interrompendo a intervenção, acenou a cabeça e uma das mãos. Em seguida, repetiu por várias vezes:

Não, não, não. Não gostaria e não quero ninguém no meu quarto. Não confio nas pessoas; vai que quando eu estiver dormindo, por algum motivo, a pessoa tente me sufocar com o travesseiro, ou faça uma outra maldade qualquer. As pessoas sempre tiveram inveja da minha beleza e de tudo que conquistei, e por isso já tive muitos problemas na vida.

Nesse momento, foi feita uma tentativa de compreender melhor esse receio de ser perseguida, mas a entrevistada interrompeu novamente o processo, falando sem pausar: *“Tudo que consegui aqui foi pelas minhas doações. Dei todas as minhas panelas, máquina de lavar roupas, móveis. Dei tudo para este lar; agora é justo que eu tenha o meu espaço.”*

Sobre a cômoda havia vários objetos. Apresentando-os, disse: *“Esse pavão de vidro foi da minha avó materna, nem sei quantos anos tem. Ela me deu no dia do meu nascimento. Esse me acompanha a vida toda.”* Sua fala inicial já demonstrava que o diálogo em seu quarto seria mais profundo, acessando, assim, os elementos da pesquisa. *“Ele sempre foi uma grande preocupação para mim. Poderia quebrar a qualquer momento, é muito delicado; por isso, já deixei de viajar e de fazer muitas coisas. Preciso sempre cuidar do meu pavão.”*

Dona Estela disse que, para viajar, procurava trancá-lo numa gaveta para que ninguém tivesse acesso a ele. Concluindo: *“Trata-se de uma relíquia de família. Minha avó podia ter dado para qualquer um dos 12 netos que tinha, mas me escolheu, deve ter tido um motivo especial para isso. E olha que ela tinha neta que também era sua afilhada; mesmo assim, ela me escolheu.”*

Nesse momento da entrevista, se afastou, como se não tivesse mais ninguém no local, e se dirigiu ao banheiro do seu quarto, cantarolando: *“Eu sou como um cristal bonito, que se quebra quando cai.”* Permaneceu por seis minutos no banheiro, com a porta mantida aberta. Não foi feita uma tentativa de buscar por um ângulo que permitisse o contato visual com a entrevistada, por considerar que esse ato seria invasivo. Ela repetiu o refrão da música por cinco vezes, posicionada em frente ao espelho. Enquanto cantava, escovou os cabelos repetidamente, retocou o perfume adocicado e acertou o contorno dos olhos. Encerrou aquela dinâmica, afirmando: *“Sou bem conservada, praticamente não tenho rugas e olha que nunca*

fiz plástica! Eu me cuido pouco, mas todos que vêm aqui ou que encontro na rua me dizem que estou muito bem.”

O pavão de Dona Estela tinha um cordão de bolinhas douradas no pescoço. Ao questioná-la se já o ganhara assim, disse que não. *“Eu enfeitei o meu pavão. O enfeite serve para chamar a atenção das pessoas. O enfeite despista o pavão.”* Buscando compreender o que ela quisera dizer com isso, solicitei a ela que falasse mais sobre a ação do enfeite no seu objeto pessoal. Ela disse que o enfeite, que brilhava muito, fazia com que o olhar das pessoas se direcionasse para o enfeite, e não para o pavão.

Nos encontros subsequentes, a entrevistada se encontrava bem vestida, com batom vermelho cintilante, unhas pintadas, o rosto coberto com uma camada fina de pó compacto com brilho. Ela usava brinco dourado, com pedras de cristal, colar dourado, anel prateado e relógio de metal prateado polido. Ao solicitar uma fotografia dela com os seus pertences, ela se posicionou, esticando os dedos das mãos para deixar em evidência tanto os adereços quanto as unhas. Na cama que ficava à frente da cômoda, estavam duas bonecas bem vestidas e cada uma com um colar de bolinhas douradas. A entrevistada fez questão de posar para a foto com as bonecas. Participou ativamente dos registros fotográficos, fazendo poses para a câmera e solicitando conferir foto a foto. Ao final do processo, escolheu a foto em que se considerou melhor e exigiu que as demais fossem apagadas ainda na sua frente. Assim foi feito.

A participante se posicionava para o registro fotográfico sorrindo, evidenciando as suas mãos. Encontrava-se em pé, ligeiramente inclinada para a sua esquerda, com blusa de malha cor laranja, decote redondo, contornado com rendas na mesma cor. Cabelos tinturados em castanho claro, bem penteados, cortados e bem hidratados. Usava brincos dourados, em formato de argola larga. Cordão dourado; com pingente dentro da blusa (característica vista em todos os encontros destinados às entrevistas). Rosto maquiado com pó compacto, tom mais claro que a sua pele, com sobreposição de *blush* tom rosado; batom vermelho com brilho. Suas mãos encontravam-se esticadas, propositalmente, dedos abertos, evidenciando as unhas compridas e pintadas com esmalte cintilante. Na mão esquerda, no dedo menor (ao lado do dedo anelar), encontrava-se um grupo de três anéis dispostos juntos, sendo um (do centro) prateado e os dois das laterais em dourado.

No pulso esquerdo, um relógio dourado. Duas bonecas posicionadas em seus braços. Bonecas tipo bebezinhos: a da direita, sem cabelos, com uma tiara branca na cabeça; a boneca da esquerda, com cabelos loiros, presos nas laterais com laços de fitas cor-de-rosa. As duas bonecas, de vestidos cor-de-rosa, mantidas com as características de fábrica, porém ambas

exibiam adereços com brilhos – eram únicos investimentos da portadora. A boneca da esquerda possuía um colar, tipo gargantilha, improvisado com um bracelete da idosa; e a boneca da direita usava um colar de bolinas brancas, também improvisado com uma pulseira da portadora.

A cena de fundo apresentava parte do seu quarto, com piso extremamente limpo e com brilho de enceramento, guarda-roupas de duas portas grandes, com brilho de enceramento; ao seu lado direito, parte de uma cômoda coberta por um lençol de algodão, colorido nas cores branco, azul e amarelo.

No encontro seguinte, mencionei que, por ocasião do primeiro encontro, ela havia dito que não possuía objetos pessoais. Após pensar alguns segundos, ela retrucou: *“Pois é, como você me disse que estava aqui fazendo um trabalho e que estava querendo conhecer as pessoas que moram aqui, conhecer as nossas vidas e conhecer os nossos pertences, logo pensei: Se ela quer conhecer o meu pavão, não vai olhar só para o seu enfeite, vai olhar para ele também.”*

Ao ser questionada por que as pessoas não deveriam olhar para o pavão, ela apenas disse que não gostava. Provocada se os seus demais objetos também não deveriam ser olhados, já que todos igualmente tinham enfeites com brilho, respondeu: *“Isso mesmo, melhor que olhem só para os enfeites.”* Então foi perguntado se ela também deveria ser vista apenas pelos enfeites. Com um sorriso discreto, o primeiro em mais de três horas de dois momentos distintos de entrevista, respondeu: *“Será que é por isso que me enfeito tanto? Por que você acha isso, alguém falou isso com você, ou melhor, você conhece alguém da minha família?”* A entrevistada procurou oferecer uma resposta com outros questionamentos. Nesse momento, foi percebido agindo de forma ilusória, imaginando que os espectadores poderiam olhar para ela e observarem tão somente os seus ornamentos e cores, mantidos sob os efeitos das maquiagens.

O conceito psicanalítico de ilusão não diz respeito à definição sobre a verdade ou a falsidade de um enunciado, mas à sua potencialidade psíquica, isto é, à sua capacidade de causação psíquica. Assim, a definição de ilusão, em psicanálise, subverte sua acepção corriqueira, já que positiva o conceito, que passa a ser entendido como a expressão legítima de uma realidade incontestável – a realidade psíquica (GARCIA, 2007, p. 169).

O conceito de ilusão em Freud (1974 a 1976) é marcado pelo componente “realização de desejo”, mencionado toda vez que o tema é discutido. As formações ilusórias, portanto, sempre expressam um desejo. Assim, do ponto de vista psicanalítico, Garcia e Freud auxiliam

na compreensão dos discursos de Dona Estela que se apresentam com artifícios ilusórios, mas podem conter elementos implícitos de um desejo de manter a sua realidade corpórea longe do foco de quem a observa. Ou seja, ao se manter diariamente maquiada, envolta por adereços coloridos e brilhantes, seus espectadores não a observariam, mas voltariam seus olhares para os seus ornamentos, afinal, como dito por ela: “*Meus enfeites têm luz própria, eles atraem os olhares.*” Ao discorrer sobre o conceito de ilusão, Freud destaca:

O que é característico das ilusões é o fato de derivarem de desejos humanos. [...] As ilusões não precisam ser necessariamente falsas, ou seja, irrealizáveis, ou em contradição com a realidade [...] Podemos, portanto, chamar uma crença de ilusão quando uma realização de desejo constitui fator proeminente em sua motivação e, assim, procedendo, desprezamos suas relações com a realidade, tal como a própria ilusão não dá valor à verificação. (FREUD, 1974, p. 43).

Essa definição possibilita compreender os discursos ilusórios de Dona Estela, que, ao tentar se ornamentar para “*saltar aos olhos de quem [a] vê*”, busca uma maneira de não se mostrar realmente, já que esses investimentos em tirar os holofotes dela pareciam mais um movimento de não se aceitar em sua condição de pessoa velha.

As suas narrativas, embora bem articuladas, ainda pareciam preservar elementos intrínsecos que precisavam ser desvelados para a melhor compreensão tanto da sua relação subjetiva consigo e com os seus artefatos, quanto da sua enigmática postura de interação pessoal. Diferentemente dos demais internos, a sua vida privada na instituição parecia respeitada. Seu quarto permanecia inacessível aos colegas: “*Eles são dependentes, sabem muito pouco da vida, precisam da minha ajuda.*” Ela dava pistas de que, embora se demonstrasse benevolente, não os aceitava em sua intimidade: “*Vou até eles, ajudo, mas não vejo necessidade deles no meu quarto.*” Nítida postura de quem se percebia superior aos demais: “*Sou uma das poucas aqui que sabe ler com clareza e por isso faço as leituras na Capela.*”

Dona Estela narrava o que considerava prestígios pessoais na ILP: “*Já que eu doeje tudo para a Casa, é natural que eles me tratem diferente. Posso entrar na cozinha e preparar o meu café. Faço isso sempre.*” Outra situação de prestígio narrada pela participante era o seu dormitório exclusivo, visto no momento destinado a esta pesquisa: “*Não me dou bem com outras pessoas dormindo comigo. A única que eu aceitaria aqui é a Lourdinha, minha amiga que mora aqui, mas ainda não a convidei; não sei se seria bom ter alguém diuturnamente do meu lado.*”

Foram agendados novos encontros com Dona Estela por crer que ainda haviam novos elementos relacionais que precisariam ser desvelados entre ela e seus objetos afetivos, bem como a sua postura de interação pessoal.

Nos encontros subsequentes, ela passou a me receber no seu quarto para as entrevistas. As narrativas foram se aprofundando nos temas para os quais a mesma se direcionasse. Assim, os conteúdos foram desvelando os elementos íntimos da sua relação com os artefatos e consigo mesma:

Fiquei encabulada com o que me disse na sexta-feira passada. Refleti muito sobre a nossa conversa. Acho que não gosto que as pessoas me olhem muito. Tem muita coisa que eu não gostaria que ficassem olhando. A gente vai ficando velha, as rugas vão aparecendo. O cabelo branco eu consigo mudar, pode ver que está sempre bem pintado. A boca que ficou mais fina eu consigo esconder com um bom batom colorido, mas as rugas ficam cada dia mais aparentes. Pensei em fazer plástica, mas tenho medo de não ficar bom, das pessoas não me reconhecerem. Você já viu a Ana Maria Braga²⁴ como está toda esticada? Está feia, irreconhecível.

A narrativa aponta para a característica de não aceitação de si, estendendo essa situação a sua relação subjetiva com os seus objetos: “*Me enfeito assim como enfeito tudo que tenho, e é importante para mim; assim, as pessoas veem só o nosso brilho.*” Dona Estela estava apresentando questões intrínsecas importantes para ela. A não aceitação da sua condição de pessoa velha, estendida aos seus artefatos – a propósito, suas únicas companhias em seu ambiente de intimidade.

O pior é conviver com a sensação de que a vida não valeu a pena. Se eu pudesse voltar no tempo, faria muita coisa diferente. Sempre fui a mais bonita de toda a minha família; usei muito dessa beleza para ganhar as coisas, principalmente para ter as pessoas por perto. Nunca gostei de ficar sozinha, quando anoitecia, ficava suando frio, minhas mãos ficavam molhadas, acho que era medo do medo.

Calou-se. Nesse momento, o silêncio poderia ser necessário, já que Dona Estela demonstrava o olhar fixo, distante, reflexivo. Ela permaneceu assim por cerca de cinco minutos, quando completou:

A beleza passa; houve um tempo que eu não precisava de nada disso, era bonita naturalmente. As mulheres me invejavam, os homens me admiravam, até os homens da minha família me desejavam. Ganhei muitos enfeites de ouro e prata dos homens. O único presente que acho que ganhei na vida que não foi pelos meus encantos foi o pavão da minha avó. Ela me deu quando

²⁴ Ana Maria Braga é figura pública, apresentadora de televisão popular da TV aberta do Brasil. Seu programa, que inclui quadros de culinária, dicas para o lar, cuidado, moda, entre outros, é apresentado diariamente dentro da grade matinal da emissora Rede Globo de Televisão.

eu ainda não era bonita, era apenas um neném recém-nascido e todos nessa fase são feios. Todos os que ganhei pela minha beleza eu dei um fim. Nem tinha percebido isso, mas agora vejo que uns eu vendi, outros eu perdi. Nem sei explicar isso, mas aconteceu comigo.

Dona Estela permanecia imersa num movimento interior. Fazia uma reflexão acerca dos comportamentos que até então estavam bem guardados no seu passado. Fazia um balanço de sua trajetória de vida. Disse que gostaria de contar algumas coisas que os demais moradores da casa não deviam saber. Abriu a primeira gaveta da cômoda. Lá estavam pacotes de biscoitos, salgadinhos, pacotes de doces, balas e chocolates. E disse:

Só eu posso ter todas essas coisas, eu posso comprar o que eu quero. Tenho dois salários por mês. Sempre tenho essas coisas para mim, mas também para presentear as pessoas que trabalham aqui. Se eu dou presentes, sou bem amparada, sou querida, sempre estou acompanhada. Sempre pensei que era porque gostam da minha pessoa, mas agora vejo que deve ser porque eu dou presentes. Será que sou querida porque dou presentes e estou sempre enfeitada? O meu quarto é só meu, tenho bons móveis e boas roupas de cama. Os outros não têm. Tudo isso veio da minha casa. E tem mais: a minha geladeira, o meu armário e o meu fogão estão na cozinha daqui. Quando vim para cá, doei tudo que eu podia doar. Vamos que eu vou te mostrar o que estou te falando.

Ao armazenar guloseimas e destiná-las como presentes, receberia de retorno o bem-querer dos funcionários, mantendo, assim, o afeto alheio. Doou os seus mobiliários e pertences domésticos em troca de se sentir em casa e no comando da situação. E, ao doar guloseimas e biscoitos, o fazia com a intenção de obter o bem-querer das funcionárias, que ela acreditava que poderiam lhe envenenar. “Se coisas são dadas e retribuídas, é porque se dão e se retribuem ‘respeitos’ – podemos dizer igualmente, ‘cortesias’” (MAUSS, 2003, p. 263). A intenção da sua doação não era, necessariamente, agradar os beneficiários – o coletivo, mas se manter usufrutuária dos privilégios que acreditava possuir em contrapartida das suas ações, os quais, dentro da sua perspectiva, garantiriam a manutenção da sua vida.

Pensando na dinâmica paranoica da manutenção da própria existência, a participante acreditava barganhar a sua vida com as cuidadoras, pelos presentes que costuma dar. Assim, parte da relação de Dona Estela com os seus objetos afetivos pode ser compreendida pela dimensão social, uma vez que a mesma utilizava expressiva parte dos seus artefatos nas suas interações com essas cuidadoras. Farias (2010) salienta a importância dos artefatos nas relações sociais, alegando que essa dialética apresenta a forma com que as pessoas ocupam o espaço, os seus estilos de vida, bem como os seus valores: “Eles [os artefatos] corporificam e veiculam significados sociais, materializam ideias e reproduzem relações sociais, podendo

também atuar como instrumentos de socialização, preservação e manutenção de valores” (p. 23).

Nesse sentido, nessa relação, observa-se ainda que a portadora dos “benefícios” (produtos dos seus pertences) se mantém num lugar que considera prestigioso e hierarquicamente superior às cuidadoras. “Os objetos carregam símbolos de afirmação e pertencimento que possibilitam separar e hierarquizar indivíduos e produzir diferenças dentro de um agrupamento social” (FARIAS, 2010, p. 22).

Nesse sentido, Dona Estela doava guloseimas e parte dos seus privilégios às cuidadoras com o nítido propósito da manutenção da sua vida. Acreditava que, ao doar e partilhar os seus objetos, obteria o bem-querer das cuidadoras, que não atentariam contra a sua vida para que permanecessem no lugar de beneficiárias. Assim, Dona Estela mantinha-se no lugar hierárquico no contexto social em que vivia.

Embora, em seus relatos, a participante não tenha explicitamente relatado medo da morte propriamente, ao alegar receio do envenenamento, teoricamente, o medo da morte pode ser pensado, em última instância, como produto do seu medo original: de ser envenenada. Na perspectiva da antropologia, ao abordar o tema da morte, há de se considerar a sua associação à questão social. Nesse sentido, Gurgel (2007, p. 61) ressalta que “a significação é a de compreendê-la como morte social, no sentido de que há uma ruptura todas as vezes que uma pessoa deixa de pertencer a um grupo dado”. Já Thomas (1983) aborda o tema com a chegada das interdições sociais que se dão por força da idade ou pela perda de funções. Portanto, faz-se interessante compreender que a morte social está intimamente ligada aos momentos da vida - fases da trajetória, como rituais de passagem, implicando perdas e papéis sociais.

Em dado momento do processo investigativo, Dona Estela fez um convite para que eu a acompanhasse a um passeio pela ILP. Caminhamos juntas, em silêncio, até as dependências da cozinha. Ela própria se encarregou desse destino.

Ao chegar à porta da cozinha, ela adentrou no espaço e cumprimentou as funcionárias pelos seus respectivos nomes. Todas pareciam solícitas e receptivas com Dona Estela, entretanto olharam com estranheza. Não era permitida a presença de visitantes naquele local. Ela mesma se encarregou de explicar a presença de alguém estranho junto dela: *“Eu sou a única pessoa que mora aqui que fez doações de tantas coisas, por isso as cozinheiras me permitem entrar e sair da cozinha, posso até fazer o meu café ou o meu chá.”* Novamente, narrou os seus privilégios, atrelando-os às doações que fizera para a instituição, numa clara situação de troca: *“Como doe, é natural que eu tenha mais do que os outros.”*

Para justificar a presença de uma estranha no local, ressaltou: *“Trouxe uma pessoa para conhecer a cozinha, vou mostrar as minhas doações para ela.”* Entrou com intimidade, comum a quem possui livre acesso ao local. Em seguida, mostrou os pertences que havia doado: *“Quando é necessário, venho à cozinha e preparo o meu café ou o meu chá. Costumo também fazer o meu mingau de aveia com canela.”*

Em dado momento, ela abriu o botão de sua calça e apresentou uma penca de chaves que permaneciam consigo o tempo todo: *“Essas menores são dos cadeados das gavetas do armário, essas outras, das gavetas da minha cômoda, essa aqui, de uma das portas do meu guarda-roupas e essa maior de todas é do meu quarto.”* Ou seja, chave sobre chave, pois o quarto já ficava trancado, mas as coisas dentro ainda precisavam ficar trancadas. Profunda desconfiança, que justificava o medo de ser envenenada.

Dona Estela sugeriu que voltássemos para o seu quarto. O percurso foi feito em silêncio. Ao chegar à porta do seu quarto, enquanto se preparava para destrancar a porta, comentou:

Você acha estranho que eu tranque as minhas coisas? [A resposta foi com outro questionamento. Foi perguntado se ela achava que existia motivos para sentir estranheza com aquela situação.] Posso te explicar porque tranco, desde que você não comente com ninguém. Vou falar com você porque é psicóloga, deve me entender, mas é segredo meu. Tenho receio das pessoas envenenarem a minha comida. Esse medo me acompanha a vida toda, acho que é por isso que demorei para me casar. Tinha medo do marido que eu arrumasse me envenenar, até que encontrei o João. Esse era um coitado. Andava no meu domínio, era muito passivo, eu que decidia tudo. Mesmo assim, nunca deixei ele sozinho em casa. Sempre estava de olho nele. Isso foi muito difícil para mim. Um sofrimento, pode não acreditar, mas vigiar as pessoas a vida toda sempre foi muito difícil para mim. Empregada em casa? Nunca! Assim, com a velhice, aqui foi o lugar que eu encontrei que pudesse me resguardar de alguém me fazer um mal qualquer. Por isso tenho o que é meu.

Relatou também que, durante as refeições coletivas, costumava se sentir mal; precisava esperar até que alguém comesse primeiro e aguardar um tempo observando se nada aconteceria com quem já tivesse se alimentado; só depois de vinte ou trinta minutos é que ela comia a sua parte.

Assim, seus alimentos eram ingeridos sempre frios. Os momentos de refeições para Dona Estela eram geradores de tensão, medo, apreensão e ansiedade extrema. Numa das anotações por ocasião do período de pré-campo desta pesquisa, há cerca de seis meses antes de iniciar a pesquisa propriamente, quando a função era observar os espaços institucionais e as pessoas que usufruíam dele, já havia anotado a percepção sobre a postura de uma das

internas (Dona Estela), que tinha me chamado a atenção, e registrei em meu caderno de campo:

Uma das idosas permaneceu à cabeceira da mesa central do refeitório, com o seu alimento à sua frente por algum tempo, apenas observando os colegas. Não tocou no café e no pão. Permaneceu em silêncio, sem interação com os colegas, demonstrando um olhar atento aos demais. Quando a maioria terminou a sua refeição, aquela senhora iniciou a sua. Preconcebi que se tratava de alguém que, por um motivo ainda desconhecido àquela época, não interagia, deixando de partilhar a refeição coletiva com os demais. (RIGUEIRA, Caderno de Campo, 01/06/2018).

Dona Estela ressaltou que se sentia mais segura quando ela mesma podia fazer o que iria comer. Essa era a grande preocupação que a motivara a se institucionalizar. *“Viver com muitas pessoas tem muitas desvantagens; quase todas [perceptíveis na sua narrativa: falta de privacidade, convivência majoritariamente com velhos, visitantes indesejáveis] eu eliminei quando doei as minhas coisas, mas tem a vantagem da segurança.”* Ao aprofundar nessa narrativa, observa-se que, na sua perspectiva, ela lançou mão do que tinha, móveis e pertences, para barganhar privilégios e não ter que conviver diretamente com os demais velhos (forma como ela nomeava os colegas da ILP).

O se sentir em casa não era exatamente considerar aquele espaço como um lar, mas, sim, o se sentir resguardada das suas maiores preocupações: a invalidez da velhice e a insegurança em relação a sua própria vida: *“Tenho medo de ser envenenada.”* Ao doar seus pertences para a instituição, Dona Estela garantiu que permaneceria com ela parte da sua vida anterior. Ainda poderia utilizar o seu fogão, suas panelas, pratos, talheres; ainda poderia manusear a sua geladeira e as repartições do seu armário. Ainda poderia dormir em sua cama, com o seu colchão favorito, aconchegar-se em seus lençóis e roupas de cama em malha de algodão, secar-se com as suas toalhas felpudas, tudo do seu agrado, sem ter que abrir mão da segurança do lar coletivo.

Como as análises deste estudo foram pautadas nas narrativas das participantes, abriram-se questionamentos: Por que as doações de Dona Estela lhe promoviam privilégios, já que outros internos também as fizeram e não eram recompensados da mesma forma? Por que Dona Estela era a única interna, à época do estudo, que usufruía de um quarto exclusivo, sem acompanhantes, já que o dormitório possuía duas camas e era espaçoso para mais de uma interna? Por que o seu quarto era o único trancado e indisponível aos visitantes?

Sobre o quarto exclusivo de Dona Estela, um colaborador da instituição alertou: *“Ela [Dona Estela] é uma pessoa muito difícil de conviver. Não é querida pelos colegas, pelo contrário, ela é rejeitada pela maioria deles. Assim, ninguém aceita dividir o quarto com ela.”*

Isso é um grande problema para a instituição.” Explorado sobre o posicionamento da instituição, acrescentou: *“Estamos trabalhando para resolver esse problema. Não podemos mantê-la ocupando um quarto com dois lugares. Surgindo nova demanda de internação, essa situação será resolvida. Estamos buscando alternativas para sanar esse problema.”* (Mauro, 72 anos, colaborador voluntário da ILP). Nesse contexto, o que Dona Estela podia perceber como um privilégio – possuir um quarto só para si, segundo o funcionário, era uma demonstração de resistência e de rejeição das colegas para com ela, tornando-se um desafio para a ILP, na dinâmica do cuidado.

Sobre o acesso dela à cozinha, informou: *“Os idosos que sentem necessidade de manter alguns afazeres domésticos podem fazê-lo. Percebemos que pode ser uma maneira de sentirem-se melhor. Veja, como exemplo, o caso da Dona Dolores, ela foi convidada e até estimulada a ir para a copa ou cozinha para sentir-se útil e distrair-se.”* Prosseguindo sobre o tema, concluiu: *“Poucos aceitam ou manifestam gostar de se ocuparem dessas funções, mas o que é oferecido a um é estendido a todos.”* Concluindo, destacou: *“Abrimos outros espaços aos internos. Alguns gostam de lavar suas roupas e o fazem, outros gostam de lidar com as plantas, outros preferem interagir com a nossa Capela. Desde que não corram riscos físicos, são permitidos esses afazeres por acreditarmos que podem ser úteis aos internos.”* (Mauro, 72 anos, colaborador voluntário da ILP).

Diante do exposto pelo funcionário, pode ser inferido que a Dona Estela apresentava necessidade de se sentir privilegiada, já que, a todo momento, falava com orgulho da posição que acreditava ter na instituição: *“Sou muito querida, eu tenho um quarto só meu, tenho tudo que gosto perto de mim. Me sinto segura ao fazer o meu café ou o meu mingau.”* Nesse sentido, é possível inferir que essa seria mais uma postura de percepção ilusória da condição de institucionalizada que a idosa apresentava.

As doações de Dona Estela, que poderiam, num primeiro momento, parecer um desprendimento, eram exatamente o contrário; tratavam-se de um aprisionamento em suas angústias e preocupações. A interna acreditava ter conseguido, por meio das suas generosas doações, se manter afastada daquilo que lhe amedrontava. Ou seja, doara todos os objetos domésticos de uma residência da qual a mesma não pretendia mais usufruir, por um novo lar, onde considerava estar mais segura. Ela demonstrava que não confiava no outro e, na sua visão, permanecia institucionalizada como se, de fato, estivesse em sua casa particular, com regalias que acreditava a diferenciar dos demais. Possuía privacidade na sua intimidade e

acesso à cozinha, onde poderia preparar os seus próprios alimentos. A maior parte das suas falas comprovam essa observação:

Faço o meu café; quando faço tomo muito, muito mais do que quando tomo o café que é feito para todos. Assim é com tudo, com todas as coisas que como aqui. Não é que eu não coma; como sim, mas só depois que já me certifiquei que quem comeu primeiro não sentiu nada; acho que podem me envenenar. Procuro ter amizade com todos aqui, principalmente quem trabalha com comida e com remédios; dou presentes constantemente, assim garanto que eles gostem de mim e me queiram por perto por muito tempo. Não vão querer me matar porque, comigo aqui, os presentes deles são garantidos. Tenho dinheiro para isso, sou aposentada com um salário, também tenho a pensão do meu falecido marido; todo mês um desses salários fica para pagar o asilo; o resto é meu. Gasto quase tudo comprando presentes para os outros e garantindo a minha vida com saúde. É muito difícil ser assim, dá muito trabalho ter que esperar os outros comerem primeiro; às vezes estou com fome e preciso esperar, vigiar tudo e todos o tempo todo, mas sou muito desconfiada, acho que alguém pode querer que eu morra e colocar um veneno para mim. Não sou mais bonita, por isso acho que não sou mais querida. Por isso me enfeito, você entende? Se me enfeito, as pessoas olham para os meus enfeites e não diretamente para o meu rosto ou para o meu corpo. Não percebem as minhas rugas, que estou feia e, se não veem que perdi a beleza da minha juventude, posso continuar vivendo sem correr riscos.

A narrativa de mania de perseguição de Dona Estela aponta para sintomas clássicos da paranoia, psicopatologia que pode ser explicada como grupo de casos segundo os quais se desenvolve, precoce e progressivamente, um sistema delirante inicialmente característico, permanente e inquebrantável, mas com total conservação das faculdades mentais e da ordem dos pensamentos, da vontade e da ação (MAZZUCCA, 2004, p. 60).

Lacan (1987) sugere que, nas experiências paranoicas, são observados os sentimentos marcados por expectativa indefinida, inquietude, desconfiança, tensão, sentimento de perigo ameaçador, estado de temor, pressentimento. Mello (2006) corrobora essa perspectiva ao afirmar que a paranoia representa uma mudança na vida psíquica da pessoa, na qual as ilusões desempenham um papel preponderante.

A dinâmica da entrevista esclarece o porquê de a entrevistada se sentir em casa, mesmo estando na ILP. Ela levava consigo toda a sua casa. Disse que doara todos os pertences, no entanto os doara para o seu usufruto, para mantê-los perto de si. Embora a interna não tenha comprado os prestígios que relatava possuir na ILP, ela os conquistara e os mantinha vistos pela dinâmica exposta na relação do dar e receber, conquistada no lar coletivo.

Dona Estela se apresentava num grande sofrimento psíquico, decorrente da preocupação excessiva com a manutenção da sua vida. Assim, por incansáveis situações,

deixava de degustar os alimentos quentes, não se alimentava nos horários e em companhias dos demais, permanecendo-se numa dinâmica sofrida de angústia e espera.

Ela apenas desfrutava dos alimentos quando os demais já tivessem usufruído deles sem apresentarem nenhum problema de saúde por envenenamento. Essa sua condição intrínseca de dor pode ser observada na sua relação subjetiva com os seus objetos: os móveis e utensílios domésticos, que disse ter doado para a ILP, eram mantidos para afastá-la de toda e qualquer possibilidade de envenenamento. Armários, cômoda e guarda-roupa eram trancados com chaves, assim como o seu quarto, também trancado com chaves e de acesso exclusivo dela, como forma de afastar o perigo eminente que sentia em relação a todos que a rodeavam.

Os objetos afetivos demonstravam o investimento da não aceitação do envelhecimento – ornamentados com o objetivo de se evitar o olhar alheio, destinado, nesse caso, aos brilhos e enfeites neles dispostos.

Ao manter a si mesma e aos seus objetos enfeitados, ela evitava olhares reveladores e garantia olhares superficiais. Os enfeites lhe tiravam o protagonismo, tiravam-lhe o primeiro plano, mantendo-a como pano de fundo, já que, na ocasião, lhe faltava o encanto que só a beleza física poderia lhe dar. A realidade se apresentava a ela de forma dura: desejava a beleza que não mais detinha.

Lustoza (2006) se refere ao desejo como uma espécie de impulso, cujo ponto de partida seria o indivíduo, algo que, nascido no interior, se projetaria em direção aos objetos externos. Assim, a relação entre o sujeito e os objetos existentes pode ser vista como sendo uma relação mediatizada, como uma relação dependente de algo ainda mais fundamental: a outra pessoa. Ou seja, o desejo necessita do outro para se constituir enquanto tal, o que exprime a clássica tese lacaniana, segundo a qual “o desejo do homem é o desejo do outro” (LACAN, 1962-1963/2004, p. 32).

Dona Estela doou todos os seus pertences seja, na sua visão paranoica, para receber privilégios, seja para mantê-los consigo. Não porque seja uma pessoa desprendida, como disse no nosso primeiro encontro.

Para se alcançar a devida profundidade desse caso, foi necessário investimento de tempo com a entrevistada – nesse processo de entrevistas, foram totalizados 21 horas de trabalho. Na medida em que foram oferecidas condições de estabelecimento de vínculo de confiança, a participante foi se despindo emocionalmente e apresentando os elementos subjetivos e simbólicos contidos nas suas relações com os seus objetos afetivos. Foram surgindo novos elementos psíquicos, inclusive do plano psicopatológico, que justificavam o

seu padrão de interações pessoa-objeto. Desta feita, o investimento na aquisição e manutenção dos objetos afetivos da participante passou a ser compreendido com profundidade e na sua integralidade.

Os objetos afetivos de Dona Estela apontavam para uma situação de relação ambígua de desejo – usufrutuária dos mesmos; e defesa – manutenção da sua existência. Desta feita, seus pertences podem ser compreendidos como a sua fonte da juventude e o ato de exibí-los, como recurso psíquico para evitar a dor.

Doando os seus móveis, utensílios domésticos e guloseimas, ela acreditava ter barganhado a manutenção da sua própria vida, já que acreditava que, ao trancar os seus alimentos e conquistar a simpatia e amizade da equipe de cuidadores, garantiria a própria vida. Como destaca Mauss (2003), o ato de doar nunca é desinteressado, mas envolve um cálculo racional de vantagens advindas da contra dádiva. Assim, os objetos fundam a vida social em um constante dar-receber-retribuir.

6.1 Relação subjetiva de Dona Estela com os seus objetos afetivos

A relação subjetiva que Dona Estela mantinha com os seus objetos afetivos vai ao encontro da psicopatologia apresentada neste estudo. Na sua perspectiva, os seus artefatos eram portados para lhe servirem no sentido da manutenção da vida, já que, a todo instante, ela se sentia insegura em relação aos pares e funcionários da ILP. Num primeiro momento, ao doar os seus pertences, buscara por privilégios que pudessem mantê-la longe do acesso dos demais, ocupando um quarto exclusivo, para que, dessa forma, se mantivesse afastada do mal que considerava que os demais poderiam lhe causar.

A participante relatou ainda que, certa vez, fora convidada a lanchar com um familiar da sua melhor amiga na ILP, Dona Lourdinha. Sentadas à mesa do refeitório, as três foram servidas de café com leite e pão com manteiga. Era uma tarde muito fria de inverno. As amigas se aqueciam tomando a bebida quente e ela estava aguardando o tempo que costumava destinar a observar se as demais não se sentiriam mal fazendo a refeição para, em seguida, ela iniciar a sua. Porém, sentira forte cólica abdominal, necessitando ficar de pé para, assim, buscar alívio da dor. Ao ficar de pé, foi chamada ao lado por uma funcionária da ILP e se afastou por alguns metros das amigas, que já estavam desfrutando da refeição. Virou-se de costas para as amigas por alguns minutos; entretanto, ao retornar à mesa, ficou com receio de que elas pudessem ter feito algo de ruim. *“Como eu poderia me alimentar? Fiquei pensando*

que, embora fosse pouco tempo, se quisessem, teriam tido tempo para me envenenar. Não comi. Fiquei com fome o resto do dia, mas disse para elas que não estava com vontade de comer.”

Dona Estela, que, normalmente, fazia as suas refeições coletivas já frias, dessa vez, como em tantas outras, como ela mesma afirmou, ficou sem se alimentar devidamente por medo de ser envenenada, alimentando-se posteriormente no seu quarto. “*Nesses casos, como alguma porcaria*” [Referência às guloseimas que mantinha trancadas em uma gaveta no móvel do seu quarto], o que pode intensificar os sintomas gástricos que costumava ter. Ela disse que, em uma consulta médica, fora detectado que esses problemas gástricos estavam ligados aos alimentos frios e às diversas horas que passava sem se alimentar, dada a preocupação excessiva de ser envenenada. Ela reconhecia que não se alimentava bem devido a seu medo, culminando na opção por comer algo menos saudável (“*porcaria*”).

Embora os utensílios de cozinha e mobiliário de casa não fossem necessariamente enquadrados no conceito de objetos afetivos, ao doá-los à instituição, acreditou ter barganhado os seus privilégios e garantiu, para o seu uso, as peças que mais lhe agradavam: “*No meu quarto aqui, tenho os melhores móveis de dormitórios que eu tinha na minha casa. Fiquei com o que escolhi ficar; o restante eu doei para a Casa.*”

Não foi possível fazer uma descrição dos objetos pessoais de Dona Estela, já que ela não os mantinha em uso diário, fazendo um revezamento de anéis, pulseiras, colares, brincos e relógios. Ao ser solicitada a falar sobre esses adereços e apresentá-los, ela ressaltou: “*Tenho tantos, mudo sempre, combinados com as minhas roupas. Não vou te mostrar porque existem muitas coisas nos meus guardados que não mostro para ninguém.*”

No dia em que permitiu, pela primeira vez, a minha entrada no seu quarto, Dona Estela usava um par de brincos dourados, arredondados. Usava um cordão, porém com parte encoberta para dentro da roupa, que não foi exposta para o registro. Usava um anel igualmente dourado e um relógio trabalhado em dourado e prateado. Todos esses artefatos, com características de bijuterias²⁵ novas. Chamada a falar dos mesmos, ela argumentou: “*Compro meus enfeites com muita frequência. Gosto de novidades. Troco de acordo com a minha vontade do dia, por isso tenho muitos.*” Uma manifestação clara de não ter apego sentimental pelas peças. Elas tinham a utilidade de apenas enfeitá-la. Não relatava afeto pelos artefatos, que não apresentavam relação com a sua trajetória de vida, tampouco com as suas

²⁵ Bijuterias são peças de adereços e fantasias utilizadas para enfeitar, comumente trabalhadas com ligas metálicas que parecem ouro ou prata; plásticos e vidros que imitam pedras preciosas.

emoções ou sentimentos: *“Se estou enfeitada é o que me importa. Troco esses enfeites com a mesma frequência que troco de roupas. Eles não dizem nada para mim. Só servem para me enfeitar.”*

Nesse contexto, Dona Estela não apresentava clara afetividade com os objetos narrados. Relacionava-se superficialmente com os mesmos, com intencionalidade previamente estabelecida de ornamentá-la, de retirar dela os olhares alheios, que poderiam alcançar as suas imperfeições, levando-os para os enfeites. Objetos bonitos para encobrir a feiura da velhice. Queria que as pessoas vissem os enfeites e não a pessoa que os portava. Ela perdera a única coisa que lhe interessava: a beleza.

As bonecas de Dona Estela possuíam características de peças novas ou de pouco uso. Eram mantidas com roupas e penteados de fábrica, porém as duas foram enfeitadas por cordões improvisados por ela: *“Sobre isso, são pulseiras minhas que coloco para enfeitá-las. Vê se vou gastar dinheiro com bonecas!”* Esse relato mostra que as bonecas eram apenas um enfeite, algo secundário em sua vida.

Ao ser incentivada a falar como adquirira as bonecas, a entrevistada narrou que fora um investimento dela. *“Os visitantes trazem muitas bonecas pra gente aqui, só que nunca aceitei. Cada coisa feia, precisa ver! Assim, eu fui numa loja e escolhi as mais bonitinhas e comprei pra mim. A beleza é o mais importante; as bonecas não são nada fora a beleza delas.”*

Dona Estela, que relatou ter sido bela quando jovem e, nessa época, cobiçada pelos homens, inclusive da sua família, relacionava-se afetivamente com as suas bonecas, reportando a elas as características da beleza atrelada à cobiça: *“Quando eu era nova, fui tão bonita que todos os homens me queriam. Olhavam pra mim que pareciam que estavam me despindo. Fui cobiçada, desejada, querida, até os meus cunhados eram loucos comigo.”* Assim, mantinha as bonecas novas, bem vestidas e enfeitadas, como se se identificasse com elas – enfeitada, arrumada. Embora tivesse consciência de que, ao envelhecer, perdera o seu poder de cobiça, mantinha-se visivelmente ornamentada.

Um importante aspecto ligado ao processo do esconder de Dona Estela refere-se ao fato de suas fotos da sua juventude (de quando possuía a beleza de que tanto se orgulhava) ficarem trancadas num baú e não serem mostradas a ninguém, nem vistas por ela mesma: *“Não gosto de olhar aquelas fotos. Tempo bom. Esse não volta mais.”* Expandindo a problemática, a participante da pesquisa relatou:

Meus retratos ficam num baú trancado, a chave fica aqui junto de mim. Ninguém mexe, ninguém vê. Acho que fui a moça mais fotografada do meu tempo, talvez porque tenha sido a mais linda de todas. Arrancava olhares, inclusive no seio da minha família. A minha beleza me deu muitos presentes. Fui muito paquerada, muito desejada, mas nenhum dos homens me interessou. Até que um dia, já madura [quando sentiu que já havia perdido a sua beleza – seu maior trunfo] me casei com o meu marido. Naquele tempo, as pessoas não ligavam muito para tirarem retratos, mas eu sempre liguei. Ficava admirando a minha beleza. Sempre que ia na cidade, tirava fotos do meu rosto, do meu corpo. Eu era linda! Hoje essas fotos não me interessam mais. Não jogo fora, vai que um dia eu resolva dar uma olhada! Mas, não costumo abrir o meu baú. Ficam lá, quietinhas. Não me faz bem ficar olhando a juventude que já não tenho mais.

Sua narrativa de velar os seus registros fotográficos da juventude sugere que olhar tais fotos a fazia sofrer e a levava à realidade da velhice e da beleza perdida. Dessa forma, as fotos demonstravam ser uma mostra crucial daquilo que ela mais prezara em vida – a sua beleza original, esvaída com a vivência da velhice.

Contrários às fotografias da juventude que foram ocultadas, todos os objetos de Dona Estela, que estiveram disponíveis ao alcance do estudo, foram citados por ela como objetos que lhes eram úteis para se manter confortável, amparada, querida e, sobretudo, para se manter viva, já que a preservação da sua vida era o seu maior investimento de tempo e ações.

Entre os objetos que a participante autorizou acessar, esteve o seu pavão. Esse fora doado por sua avó, numa clara situação de prestígio para ela: *“Éramos muitos filhos e netos e a minha avó me escolheu para ser a guardiã do pavão dela. Ele é lindo, significa muito pra mim. Esse ninguém toca e me acompanha a vida toda.”* Na natureza, o pavão é uma das aves com as plumagens mais bonitas, já que elas são grandes, multicoloridas, com ênfase nos tons de branco, azul, verde, dourado ou negro. Na época do acasalamento, o pavão realiza uma espécie de bailado, que dá a sua plumagem ainda mais brilho e cor. Quando o pavão abre seu leque de penas é porque está à procura de uma fêmea para cortejar, e faz isso para atraí-la. Melo (2019) diz que as penas do pavão simbolizam a imortalidade, triunfo sobre a morte, longevidade, capacidade de regeneração e transmutação.

Apesar de ter valor de relíquia para Dona Estela, já que foi um presente de sua avó ainda na infância, o pavão, possivelmente, também a seduzia pela beleza física que representa na natureza. Um tipo de beleza que parecia ser o principal interesse da entrevistada, principalmente na perspectiva narcísica de quem sempre admirou a própria beleza física.

O seu pavão de estimação chegava a ser venerado enquanto objeto afetivo, visto que Dona Estela chegou a narrar que já tinha deixado de viajar para ficar cuidando dele, ou melhor, para vigiá-lo e impedir uma possível ação de cobiça de alguém que pudesse tirá-lo

dela. Uma postura que reforça a sua paranoia de perseguição e um cuidado atípico para um objeto de enfeite. O simbolismo que recaía sobre o pavão o tornava especial para a sua portadora, mesmo que não tivesse valor monetário. O pavão não era um objeto utilitário como os demais. Era um objeto permeado por memórias, que possibilitava a manutenção do vínculo com a família, assim como as alianças da Dona Majú.

O pavão de Dona Estela, assim como as suas maquiagens e bijouterias, simbolizavam, simultaneamente, a vergonha e a vaidade que ela carregava. A vergonha estava ligada à percepção de que a velhice lhe roubara a beleza física de outrora, motivo de orgulho próprio e de cobiça dos outros. Já a vaidade, traduzida na constância exagerada com que usava maquiagem e adereços, era justamente a tentativa de esconder o que ela percebeu que perdera, mas que não aceitava e tentava camuflar com uma espécie de máscara. Ela tentava esconder as marcas da velhice, mas não era um esconder que a tirasse de cena, e sim, um esconder com o brilho das suas bijouterias e da maquiagem que ela usava praticamente da hora em que se levantava até a hora em que se deitava.

É importante enfatizar um aspecto-relevante do esconder de Dona Estela. As fotos da sua juventude, de quando ela era uma mulher bela e nova, que tanto a enchiam de orgulho, ficavam trancadas num baú e não eram mostradas a ninguém. Ainda que eu tenha insistido para vê-las, justamente com o argumento de que gostaria de conhecer essa tão propagada beleza do passado, ela não permitiu. Pode ser que olhar tais fotos a fizesse sofrer pelo contraste com a realidade da velhice e da beleza vista como perdida.

O psicólogo contemporâneo Lewis afirmou que entender a vergonha é compreender a própria natureza humana (1992, p. 2). Um dos pontos que chamam a atenção na tentativa de definir a vergonha não é somente a diversidade dos significados atribuídos a esse sentimento como timidez, remorso, honra, pudor, brio, embaraço e humilhação, mas é, sobretudo, as possibilidades de relacionar esses atributos aos seus sentidos opostos: indignidade/dignidade, humilhação/brio, desonra/honra (LEWIS, 1992).

Uma questão essencial atribuída à vergonha é o lugar do juízo alheio, já que, para quem o experimenta, esse sentimento é desencadeado intimamente pela opinião de outrem. Assim, a vergonha pertence ao domínio da heteronomia, pois corresponderia à dimensão afetiva relacionada a um controle externo. Resumindo, a vergonha pode ser vista como a tristeza ligada à ideia de algo imaginado, passado pelo crivo de censura dos outros (TAILLE, 2002).

A vaidade, normalmente, é compreendida como uma visão exagerada de si próprio, uma autoafirmação de beleza e poder. Os vaidosos sentem-se demasiadamente importantes e têm, por hábito, exagerar nas suas realizações, exigindo, das pessoas com quem convive, vanglorias e admiração. Acreditam que só podem ser compreendidos por outros que são como eles, superiores em algum aspecto da vida (COUTINHO, 2014).

7 DONA HELENA: OBJETOS IMAGINÁRIOS QUE O FOGO NÃO APAGOU

“A vida é como uma chave; a mesma que abre a porta da nossa vida pode fechá-la também.”²⁶

Dona Helena, 90 anos, três anos de institucionalização, possuía Ensino Médio (Curso Normal) e foi professora concursada do Estado de Minas Gerais. Trabalhou por 32 anos com alfabetização de crianças e adultos, na zona rural de um município de aproximadamente 40 mil habitantes, na Zona da Mata mineira e era aposentada. Era a segunda filha de nove irmãos (duas mulheres e sete homens), se manteve solteira, não teve filhos e, ao longo da sua vida, perdeu os pais e todos os irmãos. Disse ser a última pessoa da sua família nuclear. Teve dezesseis sobrinhos e oito sobrinhos-netos, entretanto não conheceu todos eles, já que vários membros da sua família foram residir no estado de São Paulo e não voltaram mais à região. Esses familiares que residem longe não costumavam visitá-la.

Dona Helena nasceu, cresceu e residiu na zona rural de uma cidade circunvizinha de onde se encontrava asilada. Quando estava com aproximadamente 60 anos e aposentada, vivia sozinha na sua propriedade, quando, numa véspera de Natal, acordou à noite, em meio a muita fumaça. Saiu de casa correndo e percebeu que sua residência estava sendo consumida pelo fogo. Na época, aquela localidade não contava com equipe de Corpo de Bombeiros e o evento tomou grandes proporções, provocando-lhe uma tragédia incalculável: a perda de todos os seus bens. A casa era de telha de barro, com portas, janelas e engradamento de madeira, o que facilitou a propagação das chamas. *“Em poucas horas, vi tudo se acabar na minha frente. Nada pude fazer. Essa foi a maior tristeza da minha vida.”* Depois desse fato, o seu sobrinho Antônio, residente na cidade, levou-a para morar com ele. Ela disse que teve que recomeçar, pois fora para a cidade sem ter nada para levar. Levou consigo apenas a roupa do corpo. *“O fogo consumiu tudo, inclusive os meus documentos; me senti sem chão, foi muito complicado recomeçar do zero; embora estivesse amparada por um parente amado, não me reconhecia no novo lar que fui morar.”*

A falta de sentimento de pertencimento de Dona Helena em relação à nova moradia trouxe profunda sensação de desconforto por não se sentir pertencente à cidade e à residência para onde teve que ir sem ter escolha. O pertencimento, conforme Sá (2005), é a capacidade do ser humano de se sentir pertencente ao meio em que se encontra, com a sensação de se

²⁶ Fala da entrevistada, repetida por diversas vezes, quando queria se referir às escolhas (e os seus respectivos resultados) que são feitas durante a vida.

sentir enraizado. Para o autor, as pessoas que se sentem pertencentes a algum contexto costumam despertar a sua sensibilidade, manter características de reflexões sobre o que de fato valorizam em suas vidas e, assim, são propícias a partilhar e comungar uma vida de comunidade. O não pertencimento, por sua vez, traz sentimentos de mal-estar, por levar a pessoa a se sentir em um “não lugar”.

Apesar do mal-estar, Dona Helena revelava ter se adaptado com o passar dos tempos e chegara a se sentir feliz na companhia do sobrinho e da sua esposa. *“A pior sensação foi deixar para trás tudo que eu conquistei ao longo da minha vida, inclusive os diários de classe e cartinhas dos meus alunos, que guardava de recordação da minha amada profissão. Com o tempo fui me adaptando.”*

A entrevistada destacou que ajudara a cuidar dos três filhos do casal e se dizia muito amada por eles. *“Fiz o que pude para ajudar, já que estava recebendo ajuda. Estudava com as crianças, levava-as para a escola, fazia bolos. Acho que fazia o papel de uma avó afetuosa.”*

A sua institucionalização se deu porque o casal de sobrinhos ficou sem espaço físico para mantê-la em casa. Explicou que, três anos antes, a mãe da esposa do sobrinho sofrera um problema cardíaco e respiratório, ficando completamente dependente de cuidados. Assim, foi residir com a filha. *“O meu sobrinho veio conversar comigo, precisou fazer uma opção; naquele momento, entendemos que era justo que a sogra permanecesse na sua residência. A minha vinda para o asilo foi acordada em família.”*

Segundo os relatos de Dona Helena, nessa época, a outra idosa estava em piores condições do que ela, necessitando, inclusive, de cuidados no leito²⁷. A sua mudança para a ILP foi planejada e executada entre Dona Helena e a sua família. Ela aceitou a sua transferência para a ILP porque sabia que não perderia o contato e o amor dos seus. O sobrinho a levou para visitar previamente a instituição onde ela se encontrava até a atualidade desta pesquisa. Ela conheceu as instalações e a equipe de cuidadores. Embora tenha se sentido triste, compreendera a necessidade da sua mudança, não mostrando esse sentimento para o sobrinho para não dificultar as coisas para ele. *“Chorei e choro [pausa de aproximadamente um minuto. Manteve-se nesse momento cabisbaixa, reflexiva e chorosa], mas os sentimentos são meus, os mantenho comigo. Propagá-los só traria sofrimento maior para a minha família. Eles não tiveram outra opção. Compreendo e aceito a situação.”*

²⁷ As Instituições de Longa Permanência não aceitam a entrada de pessoas acamadas, por isso a opção da família por cuidar da idosa inválida e institucionalizar a que tinha melhores condições de saúde.

O sofrimento de Dona Helena era reservado a ela, embora pudesse, em alguns momentos, ser percebido por membros da equipe de funcionários do asilo. *“Vez por outra, chega uma aqui para organizar as coisas ou me trazer um medicamento e me pega aqui nos meus lamentos, mas disfarço e fica tudo bem. Como disse, os sentimentos são meus, os guardo para mim.”*

Ela recebia visitas semanais do casal de sobrinhos com os quais residira. Os filhos do sobrinho não a visitam com essa frequência, mas estavam sempre lá. Ela se sentia amparada. O sobrinho a levava para consultas com médicos e especialistas, como fisioterapeuta, geriatra e neurologista, já que, há dois anos da coleta de dados, ela sofrera um acidente vascular cerebral (classificado como leve). Dona Helena se encontrava recuperada, mas ainda recebia esse cuidado das consultas periódicas para evitar sequelas e reativar a sua memória. Ela se apresentava lúcida em suas narrativas, sem comprometimentos aparentes das suas cognições.

Diferentemente de Dona Majú, Dolores, Lourdinha e Estela, que foram conhecidas nas visitas aos seus aposentos e, assim, convidadas a participar da pesquisa, Dona Helena foi quem fez a abordagem, manifestando interesse na participação. Já no final da tarde, após mais um período de entrevistas, quando passava pelo corredor do prédio I para ir embora, fui abordada por Dona Helena, que se encontrava na porta do seu dormitório. Ela estendeu os braços à frente e disse: *“A vida é como uma chave; a mesma que abre a porta da nossa vida pode fechá-la também.”* Aquela abordagem foi considerada, naquele momento, como instigante e inusitada. Foi compreendido que sua fala era uma manifestação do interesse de estabelecer um contato comigo. Embora estivesse cansada, com necessidades fisiológicas de quem estava há mais de cinco horas naquele local, a decisão foi entrar no seu quarto. Ela me convidou a sentar em sua cama, fez perguntas pessoais e o que eu fazia na ILP. Ela disse ainda que já vinha me observando há alguns dias, quando passava pelo corredor do seu quarto.

Olhando para os lados, percebi que aquela idosa não aparentava ter artefatos dispostos em seu entorno, como é bastante comum nos dormitórios da instituição. Isso chamou a atenção. Perguntei sobre a sua vida, como fora para a ILP e como se sentia. Ela falou com serenidade no olhar e tom de voz firme. Relatou brevemente o que considerou mais importante da sua vida. Assim como fez na sua abordagem quando falou a frase da chave, disse: *“A vida é como uma flor, só fica viva se for cuidada.”* Continuou falando da sua vida atual, afirmando ser feliz na instituição, ressaltando a importância de ter aceitação.

Nesse momento, trouxe outra frase emblemática: *“As nossas atitudes podem ser ou não condecoradas com estrelas douradas. Vai depender do que fizermos conosco e com os outros.”* Em seguida, disse aceitar muito bem a sua vida atual. *“Não sinto que estar aqui pode ser um castigo ou uma coisa ruim; muitos aqui reclamam disso, eu acho que o lugar onde estamos não é o mais importante para sermos felizes, isso a gente sente aqui dentro.”* (Disse batendo firmemente a mão direita sobre o peito, fazendo alusão ao coração.) Dona Helena se mostrava feliz e transparente (e dizendo o que pensava). Suas palavras eram simples, mas profundas.

O seu quarto era menor que os das demais participantes da pesquisa. Ainda assim, o dividia com outra idosa, portadora de doença psiquiátrica (não definida pela ILP). A sua companheira de quarto praticamente não interagiu com Dona Helena, passando os dias deitada, sob efeito de medicamentos e recebendo os cuidados no leito. Assim, recebia uma atenção cuidadosa de Dona Helena: *“Embora ela não converse comigo, costumo sentar-me ao seu lado e contar histórias da minha vida. Acredito que isso possa ajudá-la, mas me ajuda também. Gosto muito de conversar.”* A cura pela palavra!

A área da cama e dos demais móveis utilizados por Dona Helena no seu dormitório chamaram a atenção. Essa situação pareceu, naquele momento, destoante dos demais, pois parecia que não possuía nenhum objeto pessoal no seu entorno. Até aqueles idosos que diziam não possuir artefatos, em algum momento, acabaram apresentando uma fotografia, um item religioso, uma caneca, um boné, um enfeite. Como esta pesquisa refere-se à relação entre a pessoa e seus pertences, me questionei sobre o que estaria fazendo ali se aquela idosa não parecia possuir os objetos que são contemplados na pesquisa. A decisão, então, foi de continuar a entrevista, sem pretensões de usar aqueles dados neste trabalho.

Apesar dessa decisão, a questioneei sobre os seus pertences, explicando minha intenção de conhecer qualquer objeto que possuísse. *“Não tenho esses objetos, não tenho essas coisas que os outros têm. Nunca senti necessidade disso. A vida para mim vai muito além do que eu tenho, as coisas podem ser consumidas pelo fogo (fazendo uma alusão ao incêndio que ocorrera em sua residência, na Zona Rural, quando fora forçada a viver na cidade); já as minhas palavras e ações não podem ser destruídas por nada e nem por ninguém.”*

Diante da profundidade observada na narrativa daquela senhora, foi agendado novo retorno ao seu quarto para o dia seguinte. Ela pareceu feliz com a possibilidade do reencontro. Antes de ir embora, porém, ao deparar com Mauro, membro da equipe de colaboradores da ILP, procurei conhecer a versão da ILP sobre a institucionalização de Dona Helena. As

informações dele foram compatíveis com o que a participante havia relatado. Informou que ela fora trazida numa situação consensual para a instituição, aceitara bem a decisão da família que vivenciava os cuidados com outra idosa acamada e não tinha condições de cuidar das duas. Relatou que Dona Helena fora levada por familiares dentro de um processo cuidadoso e respeitoso, que era visitada com assiduidade e que a sua família participava intensamente da sua vida na instituição. Visitavam, levavam alimentos e produtos de higiene pessoal, conduziam a idosa, com frequência, a consultas médicas particulares e demonstravam afeto e consideração por ela. *“Dona Helena divide tudo que ganha dos familiares; acho que ela distribui tudo entre os colegas. Essa situação é passada para os mesmos, que dizem que a idosa é assim mesmo, eles já trazem mais quantidade porque estão cientes dessa sua característica”*, afirmou Mauro. Para não ser consumido, ela divide tudo!

Sobre o seu quarto vazio, sem objetos pessoais, Mauro disse que isso causava estranheza, porque era muito diferente de todos os demais.

O seu quarto é mantido por ela, tudo muito limpo. Ela é leve, tranquila, trata-se da interna que menos nos dá trabalho, tem excelente aceitação, embora já tendo sido vista chorando de saudades da família em diversos momentos. Ela sente saudades, demonstra vontade de voltar para casa, porém nunca se mostrou revoltada ou inconformada; pelo contrário, interage com todos, é solícita, prestativa com os demais. É muito querida, acredito que muito porque ela está sempre dividindo frutas, bolos, biscoitos, entre outros alimentos que o sobrinho traz semanalmente. Não tem objetos e, quando ganha dos visitantes, os mesmos relatam que ela não os aceita, em situação alguma, ela aceita qualquer objeto. Diz apenas não precisar.

Como ficara acordado, foram feitas novas visitas com a intenção de colher dados para o estudo. Porém, como os objetos afetivos que abarcam esta pesquisa não foram encontrados, foi buscado empreender na compreensão daquilo que foi nomeado de “fala ilustrativa” da idosa. A cada momento, novas frases foram emergindo de sua narrativa, fato que evidenciou uma presença daquilo que foi nomeado de “objetos afetivos imaginários”, já que a participante os utilizava para narrar, simbolicamente, episódios da sua trajetória de vida. Afinal, Serbena (2003) ressalta que o imaginário e os símbolos podem se apresentar como receptores das projeções dos medos, aspirações e interesses, modelando ações e comportamentos, estabelecendo sentido individual e coletivo. Para o autor, o campo do imaginário é também um campo de enfrentamento, extremamente importante nos momentos de mudanças, quando se configuram novas identidades. “Isto coloca a questão da duplicidade dos fatos pessoais e sociais, isto é, a sua dupla referência a um real empírico e a sua função

imaginal” (p. 23). Nessa perspectiva, os objetos imaginários de Dona Helena fazem sentido para ela e podem ser compreendidos por outrem.

Durante os doze encontros destinados às entrevistas, emergiram, em sua fala, novos objetos simbólicos, os quais, naquele momento, pareciam abarcar o seu imaginário. A frase em que se refere às chaves, que está como epígrafe deste capítulo, foi citada várias vezes durante os encontros.

A participante apresentava-se sem necessidades de manter os objetos físicos, já que lançava mão do recurso dos objetos simbólicos para manifestar a sua narrativa, repleta de afeto consigo e com os seus interlocutores. O não possuir objetos físicos não pareceu como uma falta, já que a idosa empreendia nos objetos simbólicos, que pareciam suficientes em suas relações pessoais e interações sociais. Em vez de se apegar a objetos reais, se apegava a provérbios que davam sentido a sua vida e a ajudavam a prosseguir. Apesar da intenção de arquivar os dados colhidos, sem a pretensão de utilizá-los nos resultados da pesquisa, tudo mudou 35 dias após o considerado término do processo de entrevistas. Situação que será apresentada na sequência.

7.1 A relação subjetiva e simbólica de Dona Helena com os seus objetos afetivos

Durante as doze horas destinadas às entrevistas de Dona Helena, foram apresentados, na sua narrativa, diversos objetos imaginários. Embora não tenha revelado possuir qualquer objeto físico, ela foi mostrando vários artefatos imaginários: chave, flor, estrela dourada, ioiô, boneca de porcelana, carrossel de louça, quadro negro e porta entreaberta. Esses objetos foram mencionados em momentos distintos ao se remeter aos temas que lhe eram significativos. Sobre esse assunto, Frankl (1946) aponta que as aquisições mais relevantes que as pessoas fazem no percurso de suas vidas são aquelas que fazem sentido para si.

Dona Helena demonstrou ter tomado posse desses objetos como se de fato os tivesse em sua companhia física. Ao se referir a eles, os ilustrava com as mãos como se os manipulasse, expressando-se não verbalmente como se, de fato, estivessem no campo físico.

Dona Helena, no primeiro encontro, apresentava-se sentada na lateral da sua cama, usando vestido de gola redonda, na cor bege, com detalhes em branco e preto; sobreposto de casaco de lã lilás, aberto, sem botões. Cabelos brancos, ligeiramente grisalhos. Usava óculos de armação preta, aparentemente grandes, a todo momento, necessitando de ajustes no rosto para se manterem no local. Suas mãos eram usadas para ilustrar as suas narrativas e eram

vistas com várias manchas, caucionadas pela velhice. O ambiente do seu quarto tinha parede branca e piso de ladrilhos cinza.

Fink (1998) alerta que “é a ordem simbólica que realiza a internalização das imagens [...], uma vez que é essencialmente devido a reações que surgem a partir das interações pessoais e sociais a tais imagens que elas se tornam carregadas de interesse, sentido ou valor” (p. 57). Assim, a partir da dor da perda de todos os seus objetos dizimados pelo fogo, Dona Helena investia na construção psíquica de seus objetos simbólicos. Ela os mantinha na mente e os utilizava sempre que sentia necessidade deles, seja para verbalizar o que pensava e sentia, seja para se sentir amparada emocionalmente, já que os mesmos remetiam a sua forma de crer e encarar a vida; ou seja, o investimento em objetos, embora simbólicos, só era relevante para a portadora porque possuía sentido para ela (FRANKL, 1946).

Na medida em que foram se construindo contatos diários entre as partes, a participante se sentia mais à vontade para aprofundar em sua história, trazendo, a cada encontro, novos elementos da sua história de vida, facilitados pelo estabelecimento do vínculo.

Ao se referir às chaves: “*A vida é como uma chave, a mesma que abre a porta da nossa vida pode fechá-la também*”, a entrevistada se referia às escolhas que são possíveis ao longo da vida, que possuem um sentido semelhante a outra frase que ela mencionou: “*Não se colhe batatas quando se planta cenouras.*” As escolhas lexicais da participante revelam seu nível de estudo (carrossel), objetos de sua profissão (quadro negro) e de sua vivência rural (batatas, cenouras). Tais frases podem ser compreendidas a partir de Todorov (2007), quando afirma que os indivíduos agem sobre o mundo, modificam-no e, por sua vez, são modificados pelas consequências de suas escolhas.

Ao se referir à flor, quando afirmou que “*o amor é como uma flor que necessita de cuidados para manter-se vivo*”, ela reportou à ideia do afeto, sendo a afetividade manifestada em toda a sua narrativa. Bezerra (2006) afirma que o afeto se constitui no elemento básico da afetividade humana. Nesse sentido, o afeto pode ser tratado como “conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre de impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou de tristeza” (CODO; GAZZOTTI, 1999, p. 48-59).

Em um dos encontros, Dona Helena destacou o amor e cuidado que recebia e oferecia aos seus familiares, do seu apreço pela profissão de professora, do carinho com os seus alunos: “*Senti muito quando o fogo queimou os cartões e cartas que recebi dos meus amados alunos*” e da sua interação saudável e afetuosa com os funcionários e residentes na ILP.

Afinal, conforme Reginatto (2013), é através da afetividade que nos identificamos e nos relacionamos com outras pessoas.

Sobre a estrela dourada, Dona Helena se referia à motivação pela busca de situações mais positivas: *“Quando os meus alunos faziam suas tarefas bem-feitas, os presenteava com uma estrela dourada no caderno; o contrário, as tarefas não feitas, ficavam sem a estrela. Assim, estavam sempre motivados a fazer bem feito.”* Para a então professora, dar a seus alunos a estrela dourada nos cadernos era uma forma de recompensa, visando motivá-los a investirem nos estudos e a cumprirem, com afinco, as tarefas propostas em sala de aula. Assim, classificava que, na vida, de um modo geral, fazia-se relevante a manutenção da motivação, buscar por empreendimentos bem executados e por tarefas bem-feitas, avaliando, inclusive, as suas próprias condutas:

Meu quarto eu limpo como cuido do meu corpo; quando posso, ajudo na limpeza do ambiente onde estamos. Isso faz bem não só para mim, mas para todos. Nesse caso, me dou uma estrela dourada. Quando estou meio para baixo [desanimada ou triste], não me dou a estrela, e assim procuro investir na busca por me sentir melhor. Ajudar e partilhar sempre me ajuda.

Diante dos momentos de desânimo, Dona Helena buscava por novas motivações para se sentir bem, como quando se propôs a participar desta pesquisa, o que seria um fator motivador para o diálogo e a recordação. Chiavenato (2000) explica que a motivação possui diferentes sentidos e que está diretamente relacionada à percepção da pessoa quanto a seus valores pessoais, considerando que essa realidade sofre influências do ambiente físico e social em que a pessoa está inserida. Para o autor, a motivação perpassa as necessidades, experiências e expectativas das pessoas. Assim, a motivação está diretamente relacionada ao esforço do indivíduo em atingir quaisquer objetivos, buscando ainda pela satisfação das suas necessidades individuais.

Expandindo o entendimento pela motivação, pode-se ainda compreendê-lo como diretamente relacionado com o sistema de cognição do indivíduo, representando tudo aquilo que o mesmo sabe a respeito de si mesmo, ou seja, pelo que o indivíduo acredita, pensa e sente (CHIAVENATO, 2000).

Sobre a presença do ioiô e do carrossel como objetos afetivos imaginários, a entrevistada discorreu:

Ora estamos no topo, ora estamos por baixo. Ora estamos para um lado, ora estamos para outro lado. Os movimentos da vida nos levam e nos trazem para muitos lugares. Eu, por exemplo, já estive no topo quando estive num lugar maravilhoso. Fui imensamente feliz em minha casa, nas minhas salas

de aulas. A escola foi construída pelo meu pai. Éramos uma família de pessoas que valorizavam os estudos. Eu e meus irmãos fomos incentivados aos estudos. Me formei normalista e assumi várias turmas de crianças e adultos analfabetos. Um grande desafio para a época. Toda a população adulta da região em que eu residia passou pela minha sala de aula. Não tem nada mais gratificante do que ensinar, presenciar a alegria de um pai ou mãe de família aprender a escrever o próprio nome. Ver o crescimento de uma criança é muito prazeroso. Meus alunos aprenderam mais do que ler e escrever. Busquei transmitir para eles o gosto pelos livros. Possuía livros diversos que ganhava e emprestava para os meus alunos. Isso para mim foi o topo dos movimentos do meu ioiô e do meu carrossel. Tudo que dava o sentido à minha vida esvaiu-se em meio às chamas do fogo; isso foi o pior lugar que os movimentos do ioiô e do carrossel da minha vida poderiam me levar.

Sobre o seu momento atual, disse que não gostaria de estar na ILP e que, se pudesse escolher, estaria na sua casa, na zona rural onde nascera, crescera e lecionara. *“Não posso dizer que eu esteja no topo dos movimentos do ioiô e do carrossel, mas também não me sinto por baixo. Nessa condição, estive quando a minha casa se queimou, quando tudo se perdeu, quando eu me senti perdida também.”*

Os movimentos do ioiô e do carrossel representam, para ela, a dinâmica da sua própria trajetória de vida, com os seus sucessos e insucessos. Embora não se sentisse no seu melhor momento, demonstrava boa aceitação da situação na qual se encontrava, principalmente porque sua ida para o asilo fora uma forma de se mostrar solidária à outra pessoa idosa da família, que necessitava mais da presença dos seus entes, por se encontrar acamada.

Ao se referir à boneca de porcelana, fazia menção à fragilidade e à vulnerabilidade da vida humana: *“Somos vulneráveis, frágeis, a qualquer momento tudo pode acabar, inclusive a nossa saúde. Era forte e produtiva, de uma hora para outra, fui para a cama. Quando adoeci, me senti como uma boneca de porcelana quebrada; depois que quebra, nunca volta a ser a mesma.”* O sentimento de Dona Helena diante da situação de fragilidade humana pode ser compreendido, conforme Tribess et al. (2012), como um processo patológico, gerador de danos e transtornos, correspondendo a uma perda significativa das funções físicas e diminuição das forças e resistência, acarretando, assim, o aumento da vulnerabilidade.

Ao relatar sobre o quadro negro, Dona Helena murmurou: *“Podemos imaginar as nossas vidas como um quadro negro ainda em branco. Temos a possibilidade de escrever a nossa história, com a garantia de podermos apagar e reescrevê-las quantas vezes acharmos necessário.”* Acerca desse tema, sua ideia corrobora as assertivas de Gomes e Conceição (2014) e Correia (2007) quando defendem que a trajetória de vida de um ser humano é de natureza singular, já que cada indivíduo é único e, assim, pode conceber uma singularidade de

possibilidades e arranjos nas suas escolhas. Afinal, as escolhas são amparadas nas competências pessoais, vida pregressa, oportunidades e vivências de cada um. Nesse sentido, Dona Helena passou por uma ruptura forçada nas possibilidades de novas escolhas, sendo levada a um destino que não planejou ou escolheu.

A porta entreaberta, para Dona Helena, era o objeto afetivo simbólico que remetia à possibilidade do fechamento do ciclo vital – a morte. Para a idosa, a morte fazia parte da vida, assim como qualquer outro episódio:

Não tenho receio da morte, também não busco por ela. A morte é uma porta entreaberta, a qualquer momento, ela acaba de se abrir e vamos para outro plano. A porta da vida sempre está entreaberta, nunca totalmente fechada, e só se abrirá por completo quando chegar a hora da partida decisiva. Acredito que chegará no momento certo, porém invisto na minha passagem. Tenho meu plano funerário, pago mensalmente para ter garantido o velório que imagino para mim. Quero uma urna mortuária branca, bastante flores do campo e um vestido azul celeste – minha cor favorita.

Com tal narrativa, percebe-se que ela visualizava a sua morte de forma lúcida, tranquila e serena – características que lhes eram peculiares. Embora fossem fecundos os dados colhidos até esse momento da pesquisa, com os objetos afetivos simbólicos expressados pela narrativa da entrevistada, foi feita a opção por não descrever sobre eles no texto dissertativo, já que ainda não havia sido detectada uma conexão da relação subjetiva de Dona Helena com os objetos por ela narrados. Entretanto, naquele que seria o último encontro, emergiram os elementos que faltavam para a compreensão da relação subjetiva da entrevistada com seus objetos afetivos simbólicos. Assim, seu caso foi mantido no corpo da pesquisa, por revelar aspectos ligados à complexidade da subjetividade humana.

No derradeiro encontro, a participante trouxe uma narrativa profunda e reveladora no sentido de me possibilitar detectar a relação subjetiva da mesma com os objetos apresentados. Nos encontros anteriores, ela sempre falou do episódio do incêndio como doloroso, porém os detalhes dessa intensa dor só foram revelados nesse último encontro, possibilitando localizar os objetos imaginários de Dona Helena na sua história de vida.

A idosa relatou que sentira muita tristeza em ter saído da sua casa, local onde nascera e vivera 60 anos: *“Foi muito sofrido para mim.”* O fogo queimou muito além dos seus objetos físicos; queimou as possibilidades dos seus convívios e das suas relações. Queimou o seu estilo de vida, a sua história. Sendo o seu pai um carpinteiro prático, ele exercitou o aprendizado do seu ofício fazendo o mobiliário da sua casa, única herança familiar que lhe coube. O fogo destruiu tudo o que havia no lugar, mas não apagou as lembranças de sua

meninice, dos seus antepassados, da sua afetuosa família. O fogo eliminou os resquícios da sua profissão – o magistério foi experienciado com amor e dedicação diuturnamente, já que costumava dar aulas para crianças durante os dias e para os adultos no noturno, em uma escola construída pelo seu pai. Dentro do lar em chamas, Helena viu acabar a lousa antiga, que tinha lugar privilegiado na sua sala de visitas: *“Ficava ali num lugar de destaque, onde todos pudessem ver. Foi feito pelo meu pai. O meu maior orgulho. Trabalhei no mesmo quadro negro por mais de trinta anos. Imagine a dor que foi vê-lo se esvaír.”*

Ao discorrer sobre o objeto, ela chorou compulsivamente. Nesse momento, busquei acolhê-la e sugeri que fosse dada uma pausa na entrevista. Ofereci água e desviei, por alguns minutos, o foco do assunto. Entretanto, quase que de efeito imediato, Dona Helena retomou o seu relato de dor: *“[A lousa] foi o meu companheiro de uma vida inteira. Todos os dias da minha vida, por mais de trinta anos, coloquei sobre essa lousa todo o conhecimento que partilhei com os meus alunos. Nunca experimentei dor maior do que naquela noite fatídica. Acabou tudo.”*

Ela seguiu narrando o momento do incêndio. Seu olhar fixo, perplexo, parecia ainda expressar a dor atual, como se ainda pudesse vivenciá-la. Faz-se interessante especificar os objetos queimados, pois conduzem a compreensão de que, entre tudo que foi perdido, eles são os mesmos que fazem parte do seu repertório imaginário.

Os quadros que mamãe pintou na sua juventude estavam lá na sala; o mais bonito e enigmático era uma paisagem de um casarão antigo, em ruínas, com uma enorme porta entreaberta. A cristaleira da minha avó paterna, essa foi esculpida manualmente pelo meu avô e pelas mãozinhas ainda pequeninas de papai, como menino aprendiz de carpinteiro – a sua primeira obra.

Ela seguiu falando da cristaleira, que tinha as laterais talhadas com imagens de ramos de folhagens – estampa sugerida por sua avó, que era florista, apaixonada pelo cultivo das mais variadas qualidades de flores. A porta esquerda da cristaleira era ornamentada por uma chave dourada envelhecida, desproporcional ao móvel, dado o tamanho da mesma. Chave esta que relatava não ter utilidade. Permanecia ali intocável, pendurada no puxador da porta. Disse que nunca qualquer pessoa da família assumira ter colocado naquele lugar. A chave, que, para a menina Helena, era um objeto enigmático, velado, intocável, seguiu dessa forma até a noite do incêndio. A sua origem não tivera revelação. Acabara entre as chamas: *“Acredito que a chave da minha família tenha se derretido entre as labaredas, desfazendo com ela o meu imaginário, a dúvida, o inexplicável, o enigma da minha meninice que ainda perdura comigo.”*

Novamente, sugeri uma pausa no processo investigativo, já que a participante se encontrava emocionada. Porém, ela não aceitou a proposta e se manteve imersa na sua narrativa dolorosa. Parecia que guardava aquelas cenas por tantos anos e estava ávida por relatar sobre ela, em um desabafo longo e contínuo:

Minha avó era a responsável por ornamentar a Capela para as noivas entrarem, também para as crianças vestidas de anjos coroarem a Nossa Senhora nos meses de maio. Quanta saudade, toda essa história maravilhosa se queimou naquela noite. O Altar de Nossa Senhora possuía uma estrela dourada, confeccionada de madeira pelas mãos de papai e, anualmente, recebia das mãos da minha avó uma nova cobertura de papel dourado. Feito isso, mantinha-se sempre brilhante. Ao entrar na igreja, a sua beleza chamava a atenção dos olhos da gente. Esse adereço era colocado no centro exato daquele altar, também construído pelo meu pai e decorado pela minha avó. As laterais do altar eram decoradas caprichosamente por vovó e renovadas todas as sextas-feiras; e assim permanecia para as coroações dos finais de semana. No meu quarto, queimaram-se os presentes que ganhei da minha madrinha Nice: uma boneca de porcelana, linda, vinda de Portugal. Um porta-joias, com uma bailarina que rodopiava ao som da canção Cisne Azul, e um carrossel de louça, confeccionado por ela. Delicado, pintado em cor-de-rosa e dourado, maravilhoso!

As lágrimas embargaram a sua voz. Dona Helena silenciou-se por longos cinco minutos. Nesse momento, era possível sentir a sua dor. Ela movimentou-se e, naquele momento, eu a ofereci um abraço empático, que se fez necessário diante de tamanha demonstração de tristeza. Para Krznaric (2015), a empatia corresponde à arte de alguém se colocar no lugar do outro por meio da imaginação, compreendendo os seus sentimentos e perspectivas relacionadas à situação exposta. Dessa forma, pude imergir na explanação daquela dor. Quando ela percebeu que eu experienciava a sua dor, ela recolheu-se no abraço, parecendo sentir que a sua vivência tinha sido compartilhada.

Após esse relato, os objetos afetivos simbólicos de Dona Helena finalmente fizeram sentido para este estudo. Eles eram o destino psíquico daquilo que de maior valor fora queimado naquele incêndio. Nessa perspectiva, Codo e Gazzotti (1999) mencionam que o psiquismo organiza estrategicamente as lembranças, transformando-as em imagens que, posteriormente, ficam no plano da imaginação, porém compostas dos mesmos significados que tiveram quando estavam no plano físico. Os objetos afetivos e simbólicos de Dona Helena são a personificação das suas próprias lembranças de dor, agora utilizados, estrategicamente, para ilustrar as suas narrativas e assim permanecerem no seu convívio individual, estendendo-se ao seu convívio social.

Outra situação emergente nessa investigação foi o fato de a participante apresentar, como maior projeto de vida atual, a sua própria finitude. Ela mantinha um plano funerário

particular: *“Faço questão de paga, em dia o meu plano, não sei quando será necessário usar. Quando os meus tiverem que se despedir de mim, não quero que ainda tenham que se preocupar com o meu funeral. Isso é minha responsabilidade”*; e já tinha adquirido a roupa que deseja usar nesse momento: *“Já avisei aos meus familiares que gostaria de usar a roupa que já comprei e deixei aos cuidados do meu sobrinho. Trata-se de um vestido muito bonito, azul, minha cor favorita.”*

Seguiu narrando sobre a sua morte: *“As pessoas têm receio da morte, eu não, sei que ela virá com certeza. Preciso cuidar desse momento como cuidei de todos os momentos da minha vida. A morte faz parte da vida.”* Ryff (1989, 1995) aponta para a importância de pessoas idosas investirem em objetivos e/ou projetos de vida que tragam sentido à sua existência, nesse caso, a própria morte.

Os estudos sobre projeto de vida aprofundam as relações entre o bem-estar psicológico e os objetivos que dão sentido às vidas das pessoas. Nesse caso, o investimento na morte fazia sentido na vida de Dona Helena. Assim, tratava-se de um projeto de vida relacionado à sua transcendência, nas suas crenças Ryff (1989): *“A minha próxima morada será eterna, estarei junto do Senhor e dos meus entes queridos que partiram antes de mim, preciso pensar nela.”*

Sobre esse assunto, Emmons (2003) ressalta que os objetivos relacionados à transcendência espiritual podem contribuir para maiores níveis de bem-estar se comparados aos investimentos em objetivos voltados a bens materiais. Em meio às experiências, muitas vezes marcadas pela perda de estabilidade emocional, ocorrida devido às mudanças de vida a que fora imposta; Dona Helena buscava apresentar como característica o investimento em ações que lhe garantissem o sentido da vida. Frankl (1946) aponta que a saúde emocional permanece melhor estabelecida para as pessoas que investem naquilo que fazem sentido à sua própria existência.

A história de Dona Helena possibilitou compreender o porquê de ela não possuir bonecas, livros, quadros ou outros artefatos como as demais idosas. Como tudo o que ela tinha de mais valioso fora devorado pelo fogo, nada os substituiria, restando somente as imagens mentais, que traziam dor e também saudades, o que foi expressado nos versos que, carinhosamente, falam da sua história.

Quatro meses após o término do processo da pesquisa com Dona Helena, em um retorno à ILP, destinado a questões burocráticas deste estudo, aconteceu um encontro com essa participante, quando percebi seu adoecimento. Ela foi encontrada recostada na porta dos seus aposentos, com olhar distante, distraída, o que remetia a uma falta de conexão com a

realidade. Ao me aproximar, foi possível inferir que se encontrava desmemoriada, devido às interferências de Acidentes Vasculares Encefálicos – AVEs. A situação de comprometimento cognitivo de Dona Helena não tinha sido percebida pela instituição, como informou Joaquim, seu sobrinho:

Na semana passada, quando estive aqui para visitar a minha tia, percebi que ela estava falando meio embolado e não falava coisa com coisa. Decidi levá-la ao seu médico. Foi diagnosticado vários pequenos AVEs, que comprometeram a mente dela. Aparentemente não interferiu muito no corpo dela. Essa semana voltei ao médico com ela. O médico diminuiu os medicamentos, mas disse que não existem chances reais dela retomar a saúde que possuía. Era lúcida, às vezes percebia que ela se esquecia de muitas coisas, mas depois lembrava. Considero que ela era lúcida, mas infelizmente não sei se voltará a ser. Ela não está me reconhecendo. Isso é muito doloroso. Minha tia é muito querida.

O sobrinho Joaquim era tido como um familiar presente na vida asilar da Dona Helena. Conforme informações da diretoria da ILP, esse sobrinho a visitava todas as semanas, abastecia a tia de todos os alimentos de que ela mais gostava, financiava o seu Plano de Saúde, a conduzia em consultas médicas, fisioterapia, além de levá-la para pequenos passeios, quando gostava de tomar sorvetes: *“Minha tia sempre gostou muito de sorvetes de milho verde. Nunca dispensou um. Na semana passada não aceitou. Ela está tão esquecida que ela não reconheceu aquele sorvete”*; relatou Joaquim com tristeza.

Diante da situação, conclui-se que, caso este estudo investigativo não ocorresse na época em que foi realizado, certamente não seriam colhidos os dados explanados acima, já que todos os elementos mnêmicos que abarcam esse processo foram emergidos dos próprios relatos da participante. Atualmente, após os AVEs, a sua memória foi afetada, o que impossibilitaria o estudo. Dona Helena sofreu duas perdas dos seus objetos ao longo da sua vida: a primeira, quando tudo que possuía foi dizimado pelo fogo e, a segunda, nesse momento, quando o adoecimento apagou da sua memória os seus objetos afetivos imaginários, que eram substitutos da perda anterior.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que atravessa qualquer matéria viva ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido (DELEUZE, 1997, p. 11).

O período de inserção no campo investigativo foi frutífero, possibilitando colher dados que confirmaram a expectativa de encontrar importantes aspectos subjetivos nas relações das participantes da pesquisa com os seus objetos afetivos.

Foi possível desvelar as características das relações pessoa-objeto, compreendendo-as em seus conteúdos intrínsecos, peculiares de cada indivíduo, como as interações pessoais e sociais; aceitação e não aceitação do estágio de vida; afeto e afetividade; simbolismo e fantasia; luto, sofrimento psíquico e/ou emocional; abandono e solidão; pertença e identificação.

Como o objeto de estudo foi a própria subjetividade, os dados colhidos sofreram interferências das individualidades contempladas. As características subjetivas e, portanto, emocionais das participantes conduziram o processo de profundidade nas narrativas, sendo que, para cada caso, isso se deu de forma específica – com menor ou maior investimento de tempo para adentrar nos conteúdos acessados. Nesse sentido, a todo momento, foi preciso lidar com flexibilidade, adequação e adaptações comuns em estudos direcionados à não objetividade.

Esbarrou-se em vários desafios e dificuldades. Foi preciso improvisar, ceder, voltar atrás, escutar, por várias vezes, o mesmo recorte de uma história para a compreensão dos dados. Lidar com as emoções foi, sem dúvida, a maior complexidade. Assim, quando se busca por algo que está, de certa forma, “guardado”, “esquecido” ou mantido na memória e, muitas vezes, no plano do esquecimento, torna-se relevante oferecer recursos para amenizar as dores que possam emergir desses investimentos.

Outra interferência disposta no quesito da subjetividade ficou a cargo das narrativas acerca das reminiscências e das trajetórias de vida de cada individualidade. Elementos mnêmicos²⁸ tanto corroboraram na construção das narrativas, quanto desconstruíram as mesmas, levando a movimentos de reconstruções dos relatos ao longo do processo investigativo. Essa situação foi promotora do enriquecimento dos conteúdos desvendados.

²⁸ Neste estudo, consideram-se os elementos conscientes e inconscientes contidos no plano da memória.

Ainda na perspectiva da compreensão da subjetividade contida neste estudo, é prudente refletir acerca das escolhas que movem a dinâmica da vida institucionalizada. Considerando-se a premissa de que uma escolha pode estar atrelada a algum tipo de renúncia, as narrativas colhidas apontam para escolhas individuais, promotoras de sucessos ou insucessos nessa etapa de vida das participantes. Entretanto, é valioso observar ainda que existem, no plano subjetivo, as não-escolhas – o que é imposto por outrem e que, igualmente, reverbera impactos na individualidade das pessoas contempladas neste estudo.

Embora a intencionalidade inicial deste estudo fosse trabalhar a totalidade dos internos da ILP contemplada, o mesmo se limitou a abarcar as cinco primeiras entrevistadas diante da profundidade e da amplitude dos relatos e, por consequência, dos dados colhidos. Nesse sentido, entendeu-se cada participante da pesquisa como um universo a ser desvelado e, para tal propósito, a escuta destinada não passou pelo crivo do limite do tempo.

Nos cinco casos pesquisados, os conteúdos subjetivos das idosas influenciaram e interferiram no formato das entrevistas que se pretendia utilizar, tornando-o ineficiente ou insuficiente para abarcar a profundidade dos relatos. Assim, para acessar a subjetividade de cada pessoa, a priori, buscou-se o estabelecimento de vínculo afetivo entre as partes, investindo-se tempo em cada escuta, evitando rigidez no processo de coleta de dados para que houvesse acesso ao espaço íntimo contido em cada narrativa.

Percorrer a trajetória de vida das idosas foi fundamental para se alcançar o objetivo central deste estudo. Afinal, foi observado que a compreensão dos sentidos contidos tanto na aquisição e manutenção, quanto no manuseio dos objetos pode estar inserida em lugares do passado das participantes. Para tal, foi pertinente desvelar artifícios mantidos em suas memórias e lembranças, esmiuçando-se as subjetividades das idosas.

As informações acerca dos artefatos contidas neste trabalho foram oriundas exclusivamente das próprias informações das suas portadoras. Desta feita, com o amparo teórico selecionado, fez-se um relevante investimento para além da oratória, estendendo-se, sobretudo, à comunicação não verbal, ao silêncio, ao não dito, ao velado e ao esquecido, já que essas também são categorias importantes de verbalização e fazem parte do repertório subjetivo das idosas aqui estudadas.

A institucionalização das idosas expostas neste estudo se deu por motivações distintas. Foi observado, no processo de pesquisa, que, não raro, existem idosas que optam pelo asilamento, acreditando usufruir de cuidados específicos e especializados, relações humanas e interações sociais; outros se motivam pela segurança da casa coletiva. Foi observada a

presença de idosos internados por questões familiares e/ou por consequência de decisões de outrem.

A direção da ILP contemplada neste estudo informou que percebia a ausência familiar como um agravante na qualidade de vida dos internos. Assim, ela procurava investir em ações que vislumbraassem estimular esse convívio, mas, muitas vezes, sem resultado. Nesse sentido, implantou o projeto “Família Presente”. Entre as ações, se destaca um vídeo protagonizado pelos próprios internos, produzido em parceria com o curso de Jornalismo de uma universidade federal, que lançou uma mensagem acerca da importância da participação das famílias no ambiente asilar, ampliando a divulgação da necessidade de acolhimento, cuidado, amor e presença dos familiares para com os seus idosos.

A privacidade no ambiente asilar é outro quesito que necessitaria de atenção especializada ou, no mínimo, de um pouco de sensibilidade por parte dos visitantes e cuidadores. Os dormitórios seriam os únicos espaços de intimidade dos internos na ILP. No entanto, para praticamente todos os internos, com raras exceções, a intimidade não se faz resguardada nesse local. As portas dos dormitórios são mantidas abertas, parcial ou totalmente, permanecendo disponíveis aos visitantes e aos cuidadores, que, comumente, adentram no espaço em situação de invasão de privacidade, muitas vezes, sem sequer baterem à porta, causando constrangimento e incômodo aos moradores.

O tema da privacidade, nessa ILP, está diretamente ligado à praticidade do cuidado e à funcionalidade dos serviços prestados. As portas dos dormitórios permanecem abertas, diuturnamente, para facilitar o acesso dos cuidadores. Os idosos são separados por sexo. O primeiro andar da ILP é destinado às mulheres e o andar térreo aloca os dormitórios dos homens. As alas, dos dois andares, que ficam mais próximas dos postos de enfermagens são destinadas aos internos mais debilitados. Ou seja, nesse sentido, os internos que necessitam de maior atenção ou cuidado estão alocados próximos aos locais onde se encontram os enfermeiros. Porém, essa organização expõe os idosos mais debilitados ao barulho intenso, pois as referidas alas se encontram próximas à via pública de maior movimentação externa, dia e noite.

Nesse contexto, considera-se de suma relevância incluir, na dinâmica do cuidado individualizado, novas formas de organizações para o morar coletivo das pessoas idosas. A falta de esclarecimento sobre a trajetória de vida dos internos, bem como o não acesso ao histórico subjetivo dos mesmos, dificultam a sua percepção como seres holísticos, necessitados de cuidado personalizado. A ILP estudada observa os seus internos de forma

coletiva, classificando-os como mais ou menos debilitados, portadores de dependências ou independências físicas, assim os segregando em setores que possibilitem mais facilmente o acesso ao cuidado.

Considera-se, portanto, a necessidade de uma desconstrução do significado socialmente construído acerca do velho, visto, majoritariamente, como um ser em degradação física e cognitiva; como debilitado e passivo dos seus direitos. Posteriormente a essa desconstrução equivocada, sugere-se um movimento de reconstrução dessa perspectiva de olhar, estendendo-se para uma reforma de pensamento. A reforma precisa, num primeiro momento, sensibilizar os familiares e os membros da sociedade para que, conseqüentemente, possa chegar aos cuidadores e àqueles que deveriam propor e manter o cuidado eficiente na velhice.

Acredita-se na possibilidade de uma reforma ampla, que possa incrementar a atenção da população ascendente de idosos que reside em instituições e que, via de regra, não usufrui da totalidade dos seus direitos, visto que, nesse cenário, observou-se um olhar inadequado para o cuidado num lar coletivo. Isso soa como bastante para a sobrevivência dos mesmos, que, muitas vezes, se encontram resguardados enquanto aguardam pelo momento de desocupar a vaga para o próximo asilado que assumirá o seu lugar.

Os velhos, por sua vez, apresentam-se, em sua maioria, como seres que aceitam o estigma social de pessoas asiladas, portadoras de limitações físicas e cognitivas, que não se encontram em condições de fazer suas escolhas ou de investirem em seus projetos de vida. Essa visão, no entanto, precisa ser mudada; afinal, as pessoas estão vivendo mais e existe todo um investimento científico em favor da vida. O passar dos anos não deve ser, necessariamente, visto como situação de declínio e perdas, mas como época de produção, de investimentos pessoais que promovam o bem-estar individual e coletivo.

O abandono e a falta de respeito por parte das famílias com os seus velhos também foram detectados. Existem, não muito raramente, núcleos que optam por levar os seus idosos para a ILP, abandonando-os parcial ou totalmente. As visitas iniciais, nesses casos, quando existem, vão se espaçando, ficando cada vez mais raras, até o momento do afastamento completo da família. Em casos extremos, os idosos são deixados de forma enganosa, desrespeitosa, como se a ILP fosse um depósito de velhos inúteis. É realidade o abandono de vulnerável, descartado na ILP por familiares que cortaram toda e qualquer possibilidade de ser localizada pela instituição. Diante disso, compreende-se a necessidade da inserção de profissionais da Assistência Social que pudessem contatar essas famílias, cobrando delas suas

responsabilidades para com aquela pessoa idosa abandonada. A instituição, de caráter filantrópico, não detém recursos financeiros e de pessoal que possam mediar e/ou assumir esse contato com as famílias.

O ambiente asilar foi visto como propício às intercorrências emocionais que emergem como demandas a serem tratadas. Logo, a presença de psicólogos poderia promover mediações de conflitos e subsidiar treinamentos da equipe para atender a esse público, bem como realizar as seleções de perfis de compatibilidade dos idosos para uma distribuição mais adequada dos espaços compartilhados, considerando, assim, a importância do cuidado e do agir específico, mostrando-os que cada pessoa é um “mundo” que precisa ser conhecido nas suas especificidades e particularidades.

Outro ponto observado, que também poderia ser subsidiado por psicólogos, diz respeito ao processo de seleção dos leitos, assim como a escolha pelos colegas que dividem os dormitórios. Essas são ações exclusivas da diretoria, que as determina sem considerar características como afinidade, amizade, vontade pessoal, levando-se apenas em conta a praticidade do cuidado e os serviços oferecidos. Seria interessante se a ILP contasse com o apoio de psicólogos com o intuito de traçar os perfis emocionais dos internos, buscando adequar as duplas ou trios no mesmo espaço íntimo e, assim, poderiam desfrutar mais positivamente desse convívio.

O primeiro desafio dentro do processo investigativo surgiu a partir do caso de Dona Majú: sair do lugar de pesquisadora e buscar amparo no profissionalismo, o que proporcionou uma experiência pessoal jamais imaginada. Não poderia deixar de ouvir e investir na escuta clínica de uma história de vida de alguém que se mostrava vulnerável e emocionalmente adoecida. Observou-se que, embora a pessoa possa não se expressar verbalmente, as suas reações subjetivas, vistas, por exemplo, no seu semblante, podem traduzir para o mundo externo aquilo que não pode expressar: seu enleio, sua melancolia, sua memória não confessada.

Ao entrar naquele quarto, onde se daria a entrevista, na perspectiva do referencial teórico selecionado que embasou este estudo, o olhar daquela pessoa promoveu um arrebatamento que mesclava amargura com doçura. Alguém que viu, naquele momento, uma possibilidade de alívio de um sofrimento psíquico que a acompanhava por praticamente toda a sua trajetória de vida. Assim, dessa experiência, surgiu um vasto campo de informações acerca do objeto de estudo - a relação subjetiva de uma pessoa idosa, no âmbito asilar, com os seus objetos afetivos.

Ainda nessa experiência, foi vivenciada a interrupção no processo devido à morte da participante da pesquisa. A finitude, sobretudo, com características repentinas, pode causar uma inquietação emocional até mesmo nos profissionais que teoricamente estariam mais preparados para lidar com essa situação. Esse episódio conduziu a indecisões: O que fazer frente a esse inesperado? Qual destino dar aos dados colhidos?

A partir dessa experiência, foi revista a intencionalidade de se trabalhar com a proposta inicial de “objetos biográficos”, ampliando-a para “objetos afetivos”, uma vez que esses artefatos ultrapassavam as barreiras de pertences que fazem parte de uma história de vida e se encaixavam mais adequadamente em uma vida afetiva que poderia ser explicada a partir do investimento de aquisição, manutenção e manejo dos objetos.

Não era, inicialmente, propósito trazer para este estudo extensas narrativas pessoais de uma única interna da ILP. Entretanto, foi exatamente o conteúdo desse formato de relatos que apontou para uma relação subjetiva entre uma pessoa e os seus artefatos; Nesse caso específico, foi necessário escutar uma pessoa acuada emocionalmente, embotada, que lançava o olhar como um pedido de clemência.

A participante apresentou, na sua história de dor, um amor platônico, utópico, idealizado, que nunca fora fisicamente experienciado, mas que fora promotor da aquisição e manutenção das suas melhores companhias – as suas bonecas, que, no veredito final, simbolizavam o outro e a si mesma. Uma relação imaginária, simbolizada por meio de bonecas-vivas, que, no seu mundo intrínseco, vivenciavam, sem julgamentos ou pudor, uma experiência relacional, genuína e ambígua. Ora essa relação tomava para si a sua origem complexa, lembrando-a da sua trajetória roubada, machucada, violentada, ora simbolizava uma vida fantasiada e sonhada, na qual a magia do amor ganhava espaços íntimos de plenitude e cumplicidade. Essa última podendo ser vista como a experiência subjetiva que a ajudou a amenizar os danos perpétuos, que, como ferida queimada pelo fogo, marcou-a profundamente, permanecendo viva uma cicatriz sangrenta. Uma vida mal compreendida, experienciada entre a realidade de dor e a leveza utópica dos sonhos e fantasias jamais vividos.

Especificamente no caso Dona Dolores, houve desafio impactante: lidar com o abandono de vulnerável e compreender que aquela não seria uma situação isolada, mas uma constante no ambiente asilar, procurado por famílias que praticam o desrespeito humano - mediante o descarte e abandono, depositando os seus velhos em uma Instituição de Longa Permanência. Dona Dolores foi abandonada e enganada por um familiar, colocando-se

numa dinâmica de espera dolorosa que a levou a contrair ansiedade generalizada. Esse caso trouxe a frustração de não poder ajudá-la profissionalmente, já que ela se encontrava em processo de demência mental-cognitiva, impossibilitando o seu investimento psicoterápico.

Essa participante da pesquisa apontava para um ruminar de lembranças entrelaçadas a um constante revisitar do passado, processo que se manteve e se intensificou com o passar do tempo de sua institucionalização. Situação essa que interferiu na sua experiência subjetiva em torno dos seus sentimentos e sensações.

Dona Dolores já apresentava, à época da pesquisa, lapsos de memória e momentos de amnésias. Passados quatro meses do término das suas entrevistas, ao retornar à ILP para uma visita, a mesma se encontrava em estado mais avançado de esquecimento. Os lapsos mnêmicos eram mais evidentes, fator que a limitava intelectualmente. Diante dessa situação, como Dona Dolores se encontrava num quadro de maior incapacidade e de dependência, os cuidadores do seu setor modificaram o armazenamento dos seus pertences, colocando-os em armários e gavetas. Essa situação desconfigurou o investimento subjetivo das relações da idosa com os seus pertences, já que os cuidadores desfizeram o modelo que a idosa havia eleito para a espera do seu familiar, que ela acreditava que a levaria para a sua residência de origem.

Especificamente no caso de Dona Lourdinha, observando-se os seus investimentos subjetivos, foi possível detectar a instituição como lugar de escolha pessoal e de possibilidades de positividade e saúde emocional diante da vida na velhice. A interna investira, por vontade própria, na sua institucionalização e se mostrava satisfeita com a sua opção, acreditando destinar o seu contentamento aos demais internos. A investigação desse caso reportou a uma perspectiva funcional da vida no ambiente asilar.

Os resultados encontrados na relação subjetiva de Dona Lourdinha com os seus objetos afetivos apresentaram características saudáveis, como a utilidade e a praticidade. Ela se considerava solícita, acolhedora e praticava a partilha. Nesse sentido, a participante foi percebida como promotora do convívio saudável e harmônico no espaço asilar, cujas características lhe possibilitaram a retomada do fôlego e a aquisição de novas forças para dar prosseguimento ao trabalho de investigação em campo, até então antecedido por dois casos de alta complexidade e dores emocionais.

O conviver com essa participante da pesquisa proporcionou reconhecer que o ambiente asilar, enquanto escolha pessoal, pode ser funcional, positivo e promotor de bem-estar individual e coletivo. A partir da sua narrativa, Dona Lourdinha mostrou-se uma pessoa

que agregava e fazia o bem ao outro e, conseqüentemente, a si. Na sua perspectiva, praticava a utilidade de fato, dando o melhor de si para os pares. Durante o período de entrevistas, ela era sempre vista acompanhada, solicitada, bem-humorada em suas ações, sejam elas discretas, reservadas ou nos episódios coletivos da ILP.

Especificamente, o caso de Dona Estela apresentou novo desafio: a presença de uma psicopatologia importante no ambiente asilar. A participante demonstrou, em sua relação subjetiva com os seus objetos afetivos, relevantes traços de adoecimento mental. Sentia-se perseguida por todos com quem convivia. A mesma não se reconhecia adoentada, não aceitando qualquer intervenção psicoterápica. Igualmente, não fazia qualquer tratamento psiquiátrico, mantendo-se no mesmo lugar de adoecimento e dor.

Nesse caso, foi observada uma pessoa permeada pela melancolia da saudade; a memória de um tempo em que a beleza preconizava e reinava absoluta, agora abrindo novo espaço para a reflexão acerca de um tempo vivido que não se vive mais e, assim, outras características físicas diante da velhice e, conseqüentemente, a proximidade da sua finitude. Dona Estela apresentava, na sua relação subjetiva com os seus objetos afetivos, a inquietação da beleza perdida e a apreensão da perda da própria vida, já que sentia necessidade excessiva de seduzir os cuidadores, observar os pares e permanecer atenta a todos os movimentos na instituição para que, assim, pudesse preservar a sua vida.

Dois meses após a coleta dos dados, numa nova visita a Dona Estela, procurando ouvi-la, percebi que o seu sofrimento psíquico estava ali, evidente, estabelecido, rígido e rotineiro. Novamente, foi proposta a ela a sua inserção no processo psicoterápico, colocando-me à disposição para assumir o seu caso. A mesma se colocou mais receptiva à adesão ao seu tratamento psicológico, manifestando um pouco mais de abertura ao processo, afirmando não mais suportar a sua situação emocional, que era duplamente dolorida, já que as pessoas não a observavam como alguém que precisava ser cuidada. Os portadores de paranoia costumam ser confundidos, no contexto do senso comum, como pessoas difíceis e inacessíveis e são muitas vezes, deixadas de lado do convívio social, o que as conduz à imersão em suas dores, que, por sua vez, tornam-se cada vez mais intensificadas.

Especificamente o caso Dona Helena foi o promotor de maiores questionamentos: Como compreender a relação subjetiva de pessoa-objeto afetivo de alguém que, em um primeiro momento, mostrou que não os possuía? Como e por que investir o tempo de escuta de alguém desprovido do objeto de estudo desta pesquisa? Porém, foi exatamente a falta dos

artefatos que motivou esse investimento. Naquele recorte da pesquisa, surgiu o interesse pela compreensão da falta dos artefatos pessoais daquela idosa.

Nesse sentido, emergiu-se um formato totalmente novo, em que a participante construía e mantinha os seus objetos pessoais – no âmbito mental – de forma simbólica e imaginária. Além de fazer sentido para a mesma, aquela constituição fictícia era apresentada como a sua aquisição de expressiva realidade.

Dona Helena contribuiu para a compreensão de que as relações não necessariamente precisam ser físicas para coexistirem nas interações humanas. Um objeto constituído mentalmente pode e é um elemento que contempla a subjetividade humana. Ele pode ser parceiro, companheiro e, sobretudo, elemento pacificador de emoções. Ele pode ser a revelação das reminiscências resguardadas na memória, algo que é real e presente continuamente.

Ao decidir estudar as relações subjetivas entre pessoas idosas e seus objetos afetivos, era imaginado encontrar uma situação essencial para a subsistência emocional dos entrevistados. Entretanto, foi encontrada, nos objetos afetivos, a própria personificação da pessoa psíquica, desvelada pela pessoa subjetiva, preservada intacta pela pessoa física.

Ao final deste estudo, Dona Helena adoeceu-se, perdendo as suas condições cognitivas relacionadas à memória. Diante da situação, observou-se que, caso essa pesquisa não contemplasse o caso de Dona Helena à época que aconteceu, certamente se perderiam a grandiosidade e expressividade da sua relação subjetiva com os seus objetos afetivos imaginários. Dados que enriqueceram a construção deste estudo, uma vez que trouxeram uma perspectiva inovadora para a compreensão da velhice subjetiva institucionalizada.

O derradeiro encontro com Dona Helena apontou para a conclusão do seu processo conforme se dera o seu início – de maneira inusitada, surpreendente, impactante – lamentavelmente, com a perda das lembranças de uma história riquíssima de conteúdo e de ensinamentos. Assim como o fogo de outrora dizimou os objetos pessoais e físicos de Dona Helena, o adoecimento de agora apagou as lembranças dos mesmos, tornando essa história sem história; sem testemunhos e testemunhas; salvo parte dela exposta neste estudo.

Para compreender a relação afetiva estudada, foi necessário observar holisticamente as participantes da pesquisa, cada qual com a sua especificidade subjetiva, a sua individualidade e a sua condição emocional. Assim, foi possível a compreensão de diversos elementos imbuídos no fenômeno da aquisição, manutenção e manuseio dos objetos afetivos e a relação subjetiva e identitária estabelecida entre as idosas e os seus artefatos.

Ao estudar os objetos e as relações subjetivas das suas portadoras com os mesmos, é importante observar as particularidades de cada interação. Exemplificando, as bonecas que emergiram no estudo apontam para essa situação. Enquanto as bonecas de Dona Majú eram mantidas como simbolismo das violações que sofrera na sua meninice, as bonecas de Dona Dolores eram como filhas; já Dona Lourdinha não as possuía por considerar que esses objetos remetiam à infantilidade ou à não experiência da maternidade. Por fim, as bonecas de Dona Estela eram manejadas sem afetividade. Desta feita, este estudo mostra que, para cada pessoa, um mesmo objeto pode possuir percepções e simbolismos diferentes, vistos em função das suas trajetórias e experiências de vida.

Por crer na não completude da complexidade desse processo investigativo, deixo-o em aberto, recomendando novos estudos, por acreditar que possam emergir de novas pesquisas elementos relevantes para a compreensão da individualidade e da subjetividade humanas.

Configura-se relevante a continuidade do percurso teórico para analisar a complexidade envolvida nas relações subjetivas entre as pessoas idosas institucionalizadas e os seus objetos afetivos. A compreensão dessa complexidade exige o entendimento de como esses indivíduos se organizam psiquicamente, considerando-os como portadores de suas individualidades e necessidades. Embora este estudo possua dimensão limitada para a consolidação teórica do tema, ele é um norteador para novos trabalhos que busquem a compreensão das relações subjetivas humanas, mediadas pelos objetos.

Por fim, este estudo permitiu uma profunda reflexão acerca da velhice e do envelhecimento, das diversas possibilidades que permeiam o processo de institucionalização, sobretudo da necessidade de manutenção da individualidade no âmbito asilar.

O estudo ainda aponta para a uma necessidade de um novo olhar diante das análises acerca da velhice e do envelhecimento, além do assunto em pauta – a relação subjetiva de pessoas idosas com os seus pertences pessoais, aqui vistos como ferramentas psíquicas para enfrentar e/ou evitar a dor das lembranças, a solidão e para mediar conflitos intrínsecos.

Quando a pessoa idosa se ingressa na instituição, não o faz como uma tábua rasa ou como um objeto rígido, mas, sim como portadora dos seus dilemas, problemas, conflitos e suas experiências traumáticas. Os casos analisados neste estudo, tão diferenciados uns dos outros, mostram como a subjetividade humana é distinta, assim como são particulares as histórias de vida. Nesse sentido, o asilo não pode esperar comportamentos iguais e padronizados para todos, mas precisa compreender que cada ser subjetiva um universo em si, e essas particularidades devem ser consideradas.

Entretanto, este estudo evidenciou a situação de total desconhecimento dos cuidadores, assim como da direção da ILP, em relação aos internos e, como não os conhecem enquanto pessoas emocionais, esperam uniformidade e padronização nos seus comportamentos, quando, na verdade, o que deveria ser considerado é a diversidade contida na individualidade de cada ser subjetivo institucionalizado.

9 REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Adriana de Oliveira. **Velhos institucionalizados: entre abafos e desabafos**. Campinas, SP: [s.n.], 2003.
- ALMEIDA, Juniele, R.; AMORIM, Maria, A.; BARBOSA, Xênia, C. Performance e objetos biográficos. In: **Oralidades**, v. 2, p. 101-109, 2007.
- AMARAL, Vera Lúcia do. **Psicologia da educação**. Natal, RN: EDUFRN, 2007. 208 p. il.
- AMARRAZAY, M. R.; KOLLER, Sílvia, Helena. Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. **Psicologia, Reflexão e Crítica**, n. 11, n. 3. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.
- APPADURAI, Arjun. **The Social Life of Things: commodities in cultural perspective**. New York: Cambridge University Press, 1986.
- ARANTES, Valéria; PINHEIRO, Viviane; AMANDO. Projeto de vida na velhice e suas dimensões afetivas: um estudo de caso. **Revista Internacional d'Humanitats**, n. 45, jan-abr 2019, CEMOrOc-Feusp/Univ. Autònoma de Barcelona, 2019. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/rih45/137-150VArantes.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2019.
- ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes; COUTINHO, Maria da Penha de Lima; SANTOS, Maria de Fátima de Souza. O idoso nas instituições gerontológicas: um estudo na perspectiva das representações sociais. **Psicologia & Sociedade**, v. 18, n. 2, 2006.
- ARAÚJO Neuraci Gonçalves. Fobia específica: passo a passo de uma intervenção bem-sucedida. **Rev. bras. teor. cogn.**, v. 7, n. 2, Rio de Janeiro, dez. 2011.
- AZAMBUJA, Thaís. Expressão e criatividade na Terceira Idade. In: VERAS, Renato; RISMAN, A.; CAMARGO, K. R. D.; BIRMAN, J.; RISMAN, A.; MONTEIRO, M. F. G.; Alves, M. I. C.; MENDONÇA, G. A. S.; TEIXEIRA, M. T. B. **Terceira Idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro**. Relume-Dumará: UnATI/UERJ, 1995.
- AZEREDO, Zaida de Aguiar Sá; AFONSO, Maria Alcina Neto. Solidão na perspectiva do idoso. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, v. 19, n. 2, p. 313-324, Rio de Janeiro, 2016.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (Eds.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2005.
- BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec. 1997.

BEZERRA, José Lima. A afetividade como condição para a aprendizagem: Henri Wallon e o desenvolvimento cognitivo da criança a partir da emoção. **Revista Didática Sistemática**, v. 4, jul-dez. 2006.

BLEULER, Eugen. **Psiquiatria**. 15. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1985.

BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória**. Rio de Janeiro: Campos, 1997.

BOCK, Ana Mercês Bahia. Psicologia e saúde: desafios as políticas públicas no Brasil. In: ROSA, E. M. et al. (Orgs.). **Psicologia e saúde: desafios as políticas públicas no Brasil**. Vitória: Edufes, 2007.

BOLLAS, C. **Forças do destino**. Rio de Janeiro: Imago. 1992.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade – Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia de Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **Tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê, 2003.

BOVO, Viviani; HERMANN, Valter. **Mapas mentais: Enriquecendo inteligências: Captação, seleção, organização, síntese, criação e gerenciamento de informação**. Campinas, SP: Editora Do Autor, 2005.

BRASIL. **Estatuto do Idoso. Lei nº10.741**, de 1 de outubro de 2003. Dispõe sobre o estatuto do idoso e dá outras providências. Brasília: Senado Federal, 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Departamento de Monitoramento e Avaliação do SUS. **Planejamento estratégico do Ministério da Saúde: 2011-2015: resultados e perspectivas**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2013.

BRONK, Kendall. **Purpose in Life: a Critical Component of Optimal Youth Development**. New York: Springer Science, 2014.

CALDAS, Célia Pereira; PAMPLONA, Cassilda do Nascimento Silva. Institucionalização do idoso: percepção do ser numa óptica existencial. **Revista Kairós Gerontologia**, 2013, p. 201-219.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 27, n. 1, 2010.

CAMARGOS, Mirella Castro Santos; RODRIGUES, Roberto N.; MACHADO, Carla J. Idoso, família e domicílio: uma revisão narrativa sobre a decisão de morar sozinho. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 28, n. 1, 2011.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução Maria Leticia Mazzucchi Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CANDAU, Joël. A memória e o princípio de perda. **Diálogos** (Maringá, *Online*), v. 16, n. 3, p. 843-872, set.-dez. 2012.

CARVALHO, José Alberto M.; GARCIA, Ricardo Alexandrino. O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, 2003.

CASSAB, Latif Antonia. Tessitura investigativa: a pesquisa científica no campo humano-social. *Rev. Katál.*, Florianópolis, v. 10, n. esp., p. 55-63, 2007.

CASTILHO, Ana Regina et al. Transtornos de ansiedade. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, 2000 n. 22, supl. II, p. 20-23.

CHIAVENATO, I. **Administração** – Teoria, processo e prática. 3. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2000.

CIAMPA, Antônio da Costa. Identidade. In: W. Codo & S. T. M Lane (Orgs.). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 58-75.

CODO, Wanderley; GAZZOTTI, Andréa Alessandra. Trabalho e afetividade. In: CODO, W. (Coord.). **Educação, carinho e trabalho**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

COMARU, Marcos. O objeto em Freud: breves comentários. **Primórdios**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, p. 25-31, 2016.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Envelhecimento e subjetividade: desafios para uma cultura de compromisso social. Conselho Federal de Psicologia, Brasília, DF, 2008.

CORREIA, Maria Rosália de Azevedo. Construção de identidade em psicologia [manuscrito]. 2007. 255 fls.

COUTINHO, Carina Maria Rocha Coutinho. **Estudo exploratório das relações entre a vaidade, a auto-estima contextual, a satisfação com a vida, as atitudes monetárias e o materialismo numa amostra portuguesa**. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade do Algarve, 2014.

CROMBERG, Renata Udler. **Cena incestuosa: clínica psicanalítica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

DEBERT, Guida. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Universidade de São Paulo/Fapesp, 1999.

DORNELES, Giele Rocha Dorneles. Melancolia, memória e subjetividade: figurações. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2018. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/ppgletras/Vcoloquio/artigos/GieleRochaDorneles.pdf>>.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

DUARTE, Josimar Faria; FARIAS, Rita de Cássia Pereira. Magro, ágil e forte: Representações do corpo masculino pela Revista Men's Health. **Gênero**, Niterói, v. 14, n. 1, 2013.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Sobre a Retórica da Exclusão: a incidência do discurso ideológico em serviços substitutivos de cuidado a psicóticos. **Psicologia, ciência e profissão**, v. 24, n. 1, p. 116-125, 2004.

EMMONS, R. A. Personal Goals, Life Meaning and Virtue: Wellsprings of Positive Life. In: KEYES, C. L. M. (Ed.). **Flourishing: The Positive Person and the Good Life**. Washington: American Psychological Association, p. 105-128, 2003.

ERIKSON, Erik H. (1968). **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

ERIKSON, Erik H. **O ciclo de vida completo**. Tradução M. A. Veronese. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

FARIAS, Rita de Cássia Pereira. **Entre a igualdade e a distinção: a trama social de uma grande empresa corporificada no uniforme de trabalho**. Campinas, SP: [s. n.], 2010.

FERNANDES, Maria das Graças Melo; LOUREIRO, Lara de Sá Neves. Memória e história oral: a arte de recriar o passado de idosos. **A Terceira Idade**, v. 20, n. 45, p. 53-66, 2009.

FÍGARO-GARCIA, Cláudia. Vamos brincar de legal? O jogo incestuoso entre pai e filha. **Pulsional Revista de Psicanálise**, v. 16, n. 147, p. 27-41, 2000.

FIGUEIREDO, Luís Claudio. Psicanálise e Brasil: Considerações acerca do sintoma social brasileiro. In: SOUZA, Edson Luiz André de et al. **Psicanálise e colonização: Leituras do sintoma social no Brasil**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999. p. 24-39.

FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

FRANKL, Viktor E. **Man's Search for Meaning**. Boston: Beacon, 1946.

FREITAS, Mariana Ayres Vilhena; SCHEICHER Marcos Eduardo. Qualidade de vida de idosos institucionalizados. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol**, Rio de Janeiro, 2010.

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. XIV, p. 85-119. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Texto original publicado em 1914).

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. XVIII, p. 13-85) Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Texto original publicado em 1920).

FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e a análise do ego. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. XVIII, p. 89-179. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Texto original publicado em 1921).

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. XXI, p. 13-71. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Texto original publicado em 1927).

FREUD, Sigmund. Ansiedade e vida instintual [Novas conferências introdutórias sobre a Psicanálise]. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. XXII, p. 103-138. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Texto original publicado em 1933).

GARCIA, Cláudia Amorim. O conceito de ilusão em Psicanálise: estado ideal ou espaço potencial? **Estudos de Psicologia**, v. 12, n. 2, p. 169-175, 2007.

GAYOTTO, Maria Leonor. Conceitos básicos que facilitam a compreensão do início de um grupo. Artigo referente ao curso de especialização em Coordenação de grupos operativos, do Instituto Pichon-Rivière. [S.l.: s.n.], 1992. (xerocopiado).

GIRALDI, Josemary; WAIDEMAN, Marlene. Família ou famílias – construção histórica e social do conceito de família. **Anais do III Congresso Internacional de Psicologia e IX Semana de Psicologia**. 18 a 21 de setembro de 2007. Universidade Estadual de Maringá (UEM) Maringá, PR, 2007.

GONÇALVES, Bibiana. Estudo de componentes afetivos e funcionais em idosos residentes em Instituição de Longa Permanência: Recomendações para arquitetura. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, SC, 2017. 187p.

GOMES, Clara Costa; CONCEIÇÃO, Maria Inês Gandolfo. Sentidos da trajetória de vida para adolescentes em medida de liberdade assistida. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 19, n. 1, p. 47-58, jan./mar. 2014.

GURGEL Wildoberto Batista. A morte como questão social. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 27, jul./dez. 2007. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/viewFile/138/570>>. Acesso em: 29 jan. 2019.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAREVEN, Tamara Kern. Novas imagens do envelhecimento e a construção social do curso de vida. DEBERT, G. G. (Org.). Gênero em gerações. **Caderno Pagu**, Núcleo de Estudos de Gênero, UNICAMP, Campinas, SP, 1999.

HEIMANN, Paula. On Countertransference. **International Journal of Psychoanalysis**, v. 31, n. 1950, 2006.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti et al. Institucionalização do idoso: identidade e realidade. In: CORTELLELI, I. A.; CASARA, M. B.; HERÉDIA, V. B. M. **Idoso asilado: um estudo gerontológico** Caxias do Sul (RS): Educs/Edipucrs, 2004. p. 13-62.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Senso 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

KETELE, Jean-Marie; ROEGIERS, J. K. Xavier. **Metodologia de recolha de dados**. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

KRZNARIC, Roman. **O poder da empatia**: a arte de se colocar no lugar do outro para transformar o mundo. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

LACAN, Jacques. **Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

LACAN, Jacques. **Le séminaire: Livre 10: L'angoisse**. Paris: Seuil, 2004. (Originalmente publicado em 1962-1963).

LEWIS, Michel. **Shame: The Exposed Self**. New York: The Free Press, 1992.

LUSTOZA, Rosane Zétola. A angústia como sinal do desejo do outro. **Rev. Mal-Estar Subj.**, v. 6, n. 1, Fortaleza, mar. 2006.

MALUF, Adriana Caldas do Rego Freitas Dabus. **Novas modalidades de família na pós modernidade**. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

MARTINS, Gilberto Andrade. **Estudo de caso**: uma estratégia de pesquisa. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: _____. **Sociologia e antropologia**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MAZZUCA, R. y cols. **Las psicoses**, Buenos Aires: Bregase, n. 19, p. 71, 130, 172, 2004.

MEIRELLES, Morgana A. E. **Atividade física na terceira idade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Sprint., 2000.

MELLO, Lucia Maria de Lima. **Da paranóia à psicose ordinária**. Belo Horizonte, 2006. 108 f.

MELO, Bruno da Silva Melo. O simbolismo do pavão. In: Blog Eu Sem Fronteiras. Disponível em: <<https://www.eusemfronteiras.com.br/o-simbolismo-do-pavao>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

MINAYO, Maria Cecília S.; SANCHES, Odécio. Quantitative and Qualitative Methods: Opposition or Complementarity? **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, 1993.

MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS. Secretaria Nacional de Proteção dos Direitos da Criança e Adolescente. **Violência contra crianças e adolescentes**: Análise de cenários e propostas de políticas públicas. Elaboração de Marcia Teresinha Moreschi. Documento eletrônico. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, 2018. 494 p.

MORÉ, Carmen Leontina Ojeda Ocampo. A “entrevista em profundidade” ou “semiestruturada” no contexto da saúde. **Investigação Qualitativa em Ciências Sociais//Investigación Cualitativa en Ciencias Sociales**, v. 3. Atas CIAIQ, 2015.

MORENO, Jacob Lèvi. **Psicodrama**. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2007. (Trabalho original publicado em 1946).

MOREIRA, Borges Márcio; MEDEIROS, Carlos Augusto. O reflexo aprendido: Condicionamento pavloviano. In: MOREIRA, B. M.; MEDEIROS, C. A. **Princípios básicos de análise do comportamento**. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 29-46.

MUYLAERT, Camila Junqueira; SARUBBI JÚNIOR, Vicente Sarubbi; GALLO, Paulo Rogério; NETO, Modesto Leite Rolim; REIS, Alberto Olavo Advincula. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Rev. Esc. Enferm., USP**, v. 48, (esp. 2), p. 193-199, 2014.

NEVES, José Luís. Pesquisa qualitativa – características, uso e possibilidades. **Cadernos de pesquisa em administração**, v. 1, n. 3, São Paulo, 2º sem. 1996.

NICOLETTI, Marcela; GIACOMOZZI, Andréia Isabel; CABRAL, Maria Fernanda. Análise de dois estudos de casos sobre abuso sexual cometido por mães. **Revista de Psicologia**, v. 35, n. 2, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda consideração intempestiva. Da utilidade e desvantagem da história para a vida**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

OLIVEIRA, Denise Cabral. Silêncios: resistência e perlaboração, regressão e repouso. **Cad. Psicanál.** - CPRJ, Rio de Janeiro, ano 31, n. 22, p. 117-138, 2009.

PACHECO, Maria Luiza Leal; MALGARIM, Bibiana Godoi. Centro de Referência Especializada de Assistência Social: apanhados teóricos sobre uma rede especial de apoio e proteção em casos de abuso sexual infantil. **Revista de Psicologia**, IMED, v. 3, n. 2, p. 545-543, 2011.

PAPALIA, Daiane E.; OLDS, Sally W.; FELDMAN, Ruth D. **Desenvolvimento humano**. 10. ed., Porto Alegre: AMGH, 2010.

PATTON, Michael Quinn. **Qualitative Evaluation Methods**. Londres: Sage Publications, 1986.

PELISOLI, C.; TEODORO, M. L. M.; DELL'AGLIO, D. D. A percepção de família em vítimas de abuso sexual intrafamiliar: estudo de caso. **Arq. bras. psicol.**, v. 59, n. 2, p. 256-269, 2007.

PERLINI, Nara Marilene O. Girardon; LEITE, Marinês Tambara; FURINI, Ana Carolina. Em busca de uma instituição para a pessoa idosa morar: motivos apontados por familiares. **Revista da Escola de Enfermagem USP**, v. 41, n. 2, p. 229-236, 2007.

PFEIFFER, Luci; SALVAGNI, Edila Pizzato. Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. **Jornal de Pediatria**, v. 81, n. 5, p. 197-204, 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.2223/JPED.1408>>.

PINCOLINI, Ana Maria Franchi; HUTZ, Cláudio Simon; LASKOSKI, Lorena. Caracterização da violência sexual a partir de denúncias e sentenças judiciais. **Psicologia em**

Pesquisa, v. 6, n. 1, p. 19-28, 2012. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psiquesq/v6n1/v6n1a04.pdf>>.

PINTO, Marcus Vinicius Mello. (Org.). **Envelhecimento e institucionalização**: construindo uma história de pesquisas. São Paulo: Andreoli, 2009.

PY, Lígia. **Velhice nos arredores da morte**: a interdependência na relação entre idosos e seus familiares. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

PY, Lígia. **Tempo de envelhecer**: Percursos e dimensões psicossociais. 2. ed. Holambra, SP: Editora Setembro, 2006.

RABINOVICH, Diana. **O conceito de objeto na teoria psicanalítica**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2009.

RAMOS, Ana Paula; BORTAGARAI, Francine Manara. A comunicação não-verbal na área de saúde. **Rev. CEFAC**, v. 14, n. 1, p. 164-170, jan.-fev. 2012.

REGINATTO, Raquel. A importância da afetividade no desenvolvimento e aprendizagem. **Revista de Educação de IDEAU - REI**, Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai – IDEAU, 2013.

REY, González. A pesquisa e o tema da subjetividade em educação. In: **Psicologia da Educação**, São Paulo, v. 13, segundo semestre de 2001. REY, González. **Pesquisa qualitativa em psicologia**: Caminhos e desafios. São Paulo: Thomson, 2002.

REY, González. (Org.). **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

RYFF, Carol D. Happiness is Everything, or Is It? Explorations on the Meaning of Psychological Well-being. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 57, n. 6, p. 1069-1081, 1989.

RYFF, C. D. Psychological Well-being in Adult Life. **Current Directions in Psychological Science**, v. 4, p. 99-104, 1995.

SÁ, Lais Mourão. Pertencimento. In: SÁ, Lais Mourão; FERRARO JUNIOR, Luiz Antonio. **ENCONTROS e caminhos**: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2005, p. 245-256.

SANTOS, Samara Silva dos; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Quando o silêncio é rompido: o processo de revelação e notificação de abuso sexual infantil. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, n. 2, p. 328-335, 2010.

SERBENA, Carlos Augusto. Imaginário ideologia e representação social. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, n. 52, dez. 2003.

SHELDON, Kennon M.; KING, Laura. Why Positive Psychology is Necessary. **American Psychologist**, v. 56, n. 3, p. 216-217, 2001.

SIMÃO, Rosângela A.; LAPA, Maria Esteves. Inteligência emocional – ferramenta essencial para uma vida positiva. **International Journal of Developmental and Educational Psychology INFAD: Revista de Psicología**, n. 1, p. 51-56, 2010.

TAILLE, Yves de La. O sentimento de vergonha e suas relações com a moralidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, n. 1, p. 13-25, 2002.

THOMAS, Louis Vicent. **Antropologia de la muerte**. México: Fondo de Cultura Economica, 1983.

TODOROV, João Claudio. A Psicologia como o estudo de interações. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 23, n. especial, p. 57-61, 2007.

TRIBESS, Sheilla; VIRTUOSO, Sindra Júnior; OLIVEIRA, Ricardo Jacó de. Atividade física como preditor da ausência de fragilidade em idosos. **Rev. Assoc. Med. Bras.**, v. 58, n. 3 p. 341-347, 2012.

VERAS, Renato. (Org.). **Velhice numa perspectiva de futuro saudável**. Rio de Janeiro: UERJ, UnATI, 2001.

YUNES, Maria Angela Mattar. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, num. esp., p. 75-84, 2003.